

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

EDILSON DE OLIVEIRA

**REDESCOBRINDO O SENTIDO DO JOGO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CULTURA FUTEBOLÍSTICA NO
MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA-PARANÁ (2013-2017)**

PONTA GROSSA

2018

EDILSON DE OLIVEIRA

REDESCOBRINDO O SENTIDO DO JOGO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CULTURA FUTEBOLÍSTICA NO MIRANTE
ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA-PARANÁ (2013-2017)

Dissertação apresentada como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de concentração: Cidadania e Políticas Públicas. Linhas de Pesquisa: História, Cultura e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior

PONTA GROSSA

2018

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Oliveira, Edilson de
048 Redescobrimdo o sentido do jogo: um
estudo etnográfico do processo de
aprendizagem da cultura futebolística no
Mirante Esporte Clube em Ponta
Grossa-Paraná (2013-2017)/ Edilson de
Oliveira. Ponta Grossa, 2018.
156f.

Dissertação (Mestrado em Ciências
Sociais Aplicadas - Área de Concentração:
Cidadania e Políticas Públicas),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo
de Freitas Junior.

1.Futebol. 2.Etnografia. 3.Habitus.
4.Representações sociais. 5.Cultura.
I.Freitas Junior, Miguel Archanjo de. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas.
III. T.

CDD: 796.33

TERMO DE APROVAÇÃO

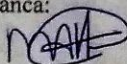
Edilson de Oliveira

REDESCOBRINDO O SENTIDO DO JOGO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO
DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CULTURA FUTEBOLÍSTICA NO
MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA – PARANÁ (2013-2017).

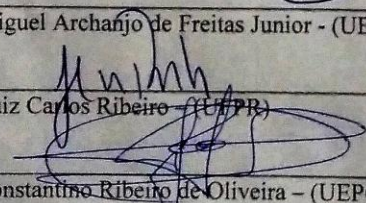
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas,
Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta
Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 01 de março de 2018.

Assinatura pelos Membros da Banca:



Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior - (UEPG) – Presidente



Dr. Luiz Carlos Ribeiro - (UEPR)

Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira - (UEPG)

Dr. Nuno Domingos - (ULISBOA) – Suplente Externo

Dr. Alfredo Cesar Antunes - (UEPG) – Suplente Interno

A minha companheira (Tatiane) e meus pais (Roseli e Zacarias).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu grande companheiro das madrugadas, por me manter em pé nos momentos de fraqueza.

Agradeço o Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior, a confiança depositada nestes anos de trabalho, principalmente por acreditar em meu potencial, selecionando-me e formando-me em sua “categoria de base” (utilizando um termo do universo futebolístico). Gostaria de enfatizar que qualquer adjetivação positiva proferida a esta investigação ou a minha pessoa, decorrerá da presença e reflexões do Miguel em cada linha ou passo desta jornada.

Agradeço a Tatiane Perucelli, minha noiva, por não só apoiar-me nesta trajetória, mas também aceitar percorrer este caminho ao meu lado. Agradeço o companheirismo no âmbito acadêmico, a convivência, paciência e compreensão nas turbulências do convívio familiar, as palavras de incentivo e principalmente as críticas. Certamente estas atitudes e ações fizeram-me mais forte.

Agradeço aos meus pais, Roseli da Rosa e Zacarias de Oliveira, os ensinamentos de valores morais e éticos, pelos gestos de altruísmo durante meu crescimento e desenvolvimento. Espero que todo o esforço empregado nesta dissertação simbolize, mesmo que minimamente, os seus esforços para que eu tivesse a oportunidade de estar onde estou.

Agradeço o Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior, a leitura minuciosa e comprometida. Por acompanhar de perto minha trajetória acadêmica. As cobranças, os ensinamentos, as dicas e os conselhos durante a realização do estágio de docência no Departamento de Educação Física, além das conversas informais, pois foram momentos inspiradores.

Agradeço o Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro, a disponibilidade em participar desta banca de defesa. Também por todo o legado que construiu ao longo de sua trajetória acadêmica, o qual serve de inspiração para todos nós.

Agradeço o Prof. Dr. Nuno Domingos, as questões levantadas no parecer de qualificação, as quais foram significativas no processo de amadurecimento da pesquisa e como profissional.

Agradeço o Prof. Dr. Alfredo César Antunes e o Prof. Dr. Bruno Pedroso, as leituras atenciosas de minhas pesquisas no Núcleo de Estudos Esporte Lazer e Sociedade, do PPGCSA, as quais contribuíram diretamente para o desenvolvimento da presente dissertação, para meu amadurecimento pessoal e profissional.

Agradeço os colegas do Núcleo de Estudos Esporte Lazer e Sociedade, as mensagens de apoio, incentivo e principalmente as críticas, durante os debates sobre a dissertação. Em virtude de todo o envolvimento, considero esta pesquisa uma construção coletiva. Especialmente aos amigos Prof. Ms. Diego Petyk de Souza, Prof^a. Érica Fernanda de Paula, Prof^a. Marcela Caroline Pereira, Luane Azambuja, Prof^a. Ms. Fabiana Polinson, Prof^a. Ms. Ana Braun, Prof. Alexandro Junior Machado, Prof. Wendell Luiz Linhares e Prof. Ms. Bruno José Gabriel.

Agradeço a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Prof.^a Dra Lenir Aparecida Mainardes da Silva e Prof.^a Dra. Édina Schimanski, a oportunidade e a confiança depositada em meu trabalho.

Agradeço os ex-treinadores e amigos Prof. Carlos Mendes (Carlinhos) e Prof. Everson da Luz, por todos os conselhos e cobranças durante os anos de treinamentos e competições. Estas palavras fizeram-me tomar as decisões “certas” nos momentos mais conturbados de minha vida.

Agradeço o Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo, exemplo de seriedade, comprometimento e responsabilidade com um ensino de qualidade, por todas as cobranças e conhecimentos compartilhados durante a graduação no Departamento de Educação Física e no PPGCSA.

Agradeço a Prof^a. Ms. Fabiane Distefano, o comprometimento com as disciplinas ministradas durante a graduação no Departamento de Educação Física, mas principalmente pelo apoio em alguns acontecimentos nos primeiros anos de curso.

Agradeço a Prof^a. Josilene Aparecida Soares de Freitas, a torcida, as palavras de incentivo e os conselhos transmitidos durante a realização de projetos em conjunto.

Agradeço a Prof^a. Adriana Kisielewicz e a Prof^a. Claudete Aparecida de Campos Albuquerque, as experiências profissionais e de vida compartilhadas durante os anos de trabalho no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Agradeço os meus amigos e Maicon da Silva e Marcelo da Silva, os momentos de dificuldades e de decepções vividos, mas principalmente as alegrias compartilhadas dentro e fora de campo.

Agradeço os familiares que me apoiaram direta ou indiretamente nos estudos. Em especial a minha tia Sirlei Portes de Oliveira, grande exemplo perseverança, e meu avô Sebastião Portes de Oliveira (em memória), um dos grandes incentivadores da minha caminhada escolar.

Agradeço todos os colegas do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade (UFPR), as experiências acadêmicas compartilhadas e a Natasha Santos Lise (revisora do texto) pela disponibilidade e atenção que revisou meu trabalho.

Agradeço os funcionários do Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Pós-Graduação (CIPP), por deixarem nossos ambientes de estudos nas melhores condições possíveis, pelo zelo e preocupação com as pequenas coisas que poderiam nos afetar. Em especial a Michele Machado, secretária do PPGCSA.

Agradeço a diretoria, comissão técnica, jogadores, familiares e torcedores do Mirante Esporte Clube, por todo apoio, paciência e confiança depositada ao longo destes anos de trabalho.

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida, pois isso me permitiu dedicação integral às atividades do PPGCSA.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa, bem como meu crescimento e amadurecimento.

“Este nosso jogo sempre termina um dia,
ao passo que o jogo sempre continua”
(Roberto DaMatta).

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi interpretar e analisar a relação das representações sociais, emergentes do processo de aprendizagem da cultura futebolística, com a construção do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube, localizado na cidade de Ponta Grossa - Paraná (2013-2017). Para tanto, optou-se pelos direcionamentos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos agentes pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. No decorrer deste processo investigativo, em que se permaneceu mais de três anos *in loco*, totalizou-se aproximadamente 180 saídas a campo. Com tempo médio de permanência *in loco* de 5 horas, passou-se mais de 900 horas no campo. Empreendimento estruturado em cinco capítulos relacionais, em que se analisou a importância da sociabilidade, das relações de longa duração e das famílias para a preservação das atividades do campo, bem como as lógicas específicas que atribuíam aos veteranos um posto privilegiado na dinâmica do campo. Explorou-se, também através dos rituais de preparação para os jogos, as dimensões afetivas e simbólicas do futebol, que possibilitavam a transformação dos jogadores do “eu social” para o “eu jogador de futebol”. Ao longo da análise, compreendeu-se o campo futebolístico amador pontagrossense como um espaço de tensões entre valores, sentimentos e visões de mundo, interiorizadas pelos agentes nos diversos campos sociais em que circulavam cotidianamente, de acordo com suas posições no mundo social. Estes conflitos emergiam, porque, ao adentrarem em um campo de futebol, as disposições de agir, as práticas e as representações sociais dos jogadores, sobre os mais diversos temas que atraíam suas atenções cotidianamente não eram pendurados e deixados dentro dos vestiários. Não obstante, o inverso também ocorria, pois, os valores, os sentimentos, as práticas e as disposições de agir, ensinadas e aprendidas nestes espaços sociais transcendiam o campo específico e passavam a ser exteriorizadas ou reproduzidas em outras estruturas sociais, como a família, a escola, o trabalho, entre outros. Portanto, ao analisar as representações sociais destes agentes e grupos neste campo específico, identificou-se princípios geradores e disposições deste *habitus*, expressos através de práticas e representações sociais sobre os objetos significativos para o campo. Desse modo, verificou-se, também, uma dinâmica relacional entre as representações sociais e a construção do *habitus* dos agentes envolvidos com o campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

Palavras-chave: Futebol; Etnografia; *Habitus*, Representações Sociais; Cultura.

ABSTRACT

The aim of the present study was to interpret and analyze the relationship of social representations, emerging from the learning process of football culture, with the construction of the *habitus* Mirante Esporte Clube players, located in the city of Ponta Grossa - Paraná (2013-2017). In order to do so, the ethnography directives had been chosen, because they guide the researchers in the interpretative process of the “point of view” and the “world view” of the agents belonging to the social group investigated, through the interpretations of their symbolic practices. Along this investigative process, which lasted more than three years in loco, there were approximately 180 field trips. With an average time in loco of 5 hours, more than 900 hours were spent in the field. This enterprise was structured in five relational chapters, which analyzed the importance of sociability, long-term relations and families for the preservation of field activities, as well as the specific logics that gave veterans a privileged position in the field dynamics. From the rituals of preparation for the games, it was possible to explore, also, the affective and symbolic dimensions of football, which enabled the transformation of players from the “social self” to the “football player self”. Throughout the analysis, the field was understood as a space of tensions among values, feelings and worldviews, internalized by the agents in the various social fields in which they circulated daily, according to their positions in the social world. These conflicts emerged because, when entering in a football field, the players’ dispositions of action, practices and social representations, on the most diverse subjects that attracted their attention daily, were not hung and left inside the locker rooms. Nevertheless, the opposite also occurred, since the values, feelings, practices and dispositions of acting, taught and learned in these social spaces transcended the specific field and were externalized or reproduced in other social structures, such as family, school, work, among others. Therefore, when analyzing the social representations of these agents and groups in this specific field, we have identified generative principles and dispositions of this *habitus*, expressed through social practices and representations about the significant objects for the field. Thus, it was also verified a relational dynamic between the social representations and the *habitus* construction of the agents involved with the amateur football field of Ponta Grossa.

Key words: Football; Ethnography; Habitus, Social Representations; Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1 - Torcedores e auxiliares técnicos do Mirante E. C. discutindo as probabilidades de classificação das deferentes equipes, em torno de uma tabela, que contém a classificação do campeonato amador e os jogos da rodada, escrita manualmente por um deles.....56
- FIGURA 2 - Torcedores e jogador do Clube Social "E" em torno de uma mesa com cervejas no intervalo de uma partida do Campeonato Amador Máster.....61
- FIGURA 3 - Flyer de divulgação, confeccionado pelos autores, como forma de contribuição com uma das festividades organizadas pelo Mirante E. C. para arrecadação de fundos..... 80
- FIGURA 4 - Neste esquema apresenta-se o processo de observação para estruturação do mapa do campo. Partindo do Mirante E. C., observou-se os clubes que aproximavam-se de suas características, identificando também as distinções. Em seguida, através das interações deste grupo com os demais (Clubes de Vila, Clubes Empresa e Clubes Visitantes), classificou-se os tipos sociais identificados neste espaço social.86
- FIGURA 5 - Nesta imagem, destaca-se a presença do filho de um destes jogadores, o qual regularmente era levado por seu pai ao estádio nos jogos..... 88
- FIGURA 6 - Encontro dos jogadores e torcedores/amigos para confraternização após um dos jogos do Mirante E. C.....90
- FIGURA 7 - Imagem do primeiro jogo que disputei, representando o Mirante E. C. no Campeonato Amador Divisão Especial de 2016.97
- FIGURA 8 - Através desta seleção de imagens intenta-se demonstrar como o churrasco, a música e o encontro entre os familiares dos jogadores, tornam-se os elementos articuladores deste processo de socialização e estabelecimentos de relações duradouras, transcendendo as barreiras geográficas do campo de futebol.103
- FIGURA 9 - Discurso de despedida de um dos jogadores do Mirante E. C.105

FIGURA 10 - Na imagem, da esquerda observa-se um veterano narrando suas memórias futebolísticas a um grupo de crianças que o escutam atentamente. Já a imagem da direita foi o registro do reencontro de um grupo de veteranos que compuseram uma equipe vitoriosa na década de setenta na cidade. 110

FIGURA 11 - Pelada de encerramento do ano de 2016, a imagem representa o encontro de gerações distintas da mesma família. 114

FIGURA 12 - Jogadores abraçados enquanto o capitão do Mirante E. C. proferia seu discurso predicativo, na preparação para a partida contra o Clube Social Ortodoxo “B”, válido pela semifinal do Campeonato Amador Máster de 2017. 129

FIGURA 13 - Jogadores e torcedores do Mirante comemorando o único gol da partida entre Mirante E. C. versus Clube Social Ortodoxo “B”, válido pela semifinal do Campeonato Amador Máster de 2017. 133

FIGURA 14 - Jogadores do Mirante E. C. preparando-se para uma partida, enquanto o auxiliar técnico Kleber segura a prancheta com a escalação da equipe. 134

FIGURA 15 - A imagem retrata o momento da recitação do código “Um por todos! Todos por um!”, um dos atos que compõe o ritual de preparação dos jogadores do Mirante Esporte Clube..... 136

FIGURA 16 - Nesta montagem observa-se duas imagens do encerramento deste rito, nas quais os filhos de alguns jogadores também compõe o círculo, participando da oração e da recitação do código do clube. 139

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Tipologia dos Clubes que disputaram os campeonatos amadores de futebol organizados pela LFPG, entre os anos de 2013 e 2017.	29
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
1.1 1ª ETAPA: O ESTABELECIMENTO DO OBJETO, DOS SUJEITOS E DO CAMPO	28
1.2 2ª ETAPA: CONHECIMENTO PRÉVIO.....	30
1.3 3ª ETAPA: AUTORIZAÇÃO LEGÍTIMA PARA ADENTRAR NO CAMPO	30
1.4 4ª ETAPA: AS DESCRIÇÕES INICIAIS (SUPERFICIAIS)	31
1.5 5ª ETAPA: O PROCESSO DE ACEITABILIDADE	33
1.6 6ª ETAPA: AS DESCRIÇÕES “DENSAS”	35
1.7 A BALIZA TEMPORAL DO ESTUDO COMO VARIÁVEL	40
1.8 ENVOLVIMENTO E DISTANCIAMENTO DE OBJETO COMO VARIÁVEIS	42
CAPÍTULO II – OS PRIMEIROS PASSOS <i>IN LOCO</i>	46
2.1 ENTRE O ALAMBRADO E O BAR: SUPERANDO A PRIMEIRA CAMADA DO PROCESSO DE ACEITABILIDADE	57
CAPÍTULO III – CONTEXTUALIZANDO O CAMPO FUTEBOLÍSTICO AMADOR DE PONTA GROSSA	66
3.1 CLASSIFICAÇÃO DOS CLUBES QUE DISPUTAM OS CAMPEONATOS AMADORES DE FUTEBOL	73
3.1.1 Os Clubes de Vila.....	74
3.1.2 Os Clubes Associativos/Sociais.....	79
3.1.3 Os Clubes Empresa.....	82
3.1.4 Os Clubes Visitantes.....	83
3.2 A CONSTRUÇÃO DOS TIPOS SOCIAIS	84
3.2.1 Aqueles que jogam devido à identidade com o clube	87

3.2.2 Aqueles que jogam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade.....	89
3.2.3 Aqueles que jogam devido ao amor pelo futebol	91
3.2.4 Aqueles que jogam devido aos benefícios ou remunerações	94
CAPÍTULO IV – BEM-VINDO À FAMÍLIA! NOTAS SOBRE A LÓGICA DO CASAMENTO E O POSTO DE VETERANO NO MIRANTE E. C.....	96
4.1 O MIRANTE E. C. É UM TIME DE FAMÍLIA! O PROCESSO DE APRENDIZAGEM SOCIAL DO GOSTO PELA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA AMADORA.....	98
4.1.1 O futebol como continuidade da família	100
4.1.2 O futebol como “segunda família”	105
4.2 EXPERIÊNCIA E SABEDORIA EM CAMPO: UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL POSITIVA SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DOS “VETERANOS”	106
4.2.1 Os alambrados: “Que vontade de ter vivido naquela época!”	110
4.2.2 As peladas: “Até o toque deles na bola é diferenciado!”	114
CAPÍTULO V – INTERPRETANDO OS GALOS! UMA ANÁLISE DA DIMENSÃO SIMBÓLICA DO RITUAL DE PREPARAÇÃO PARA OS JOGOS E SUA FUNÇÃO ENQUANTO RITO DE INSTITUIÇÃO	117
5.1 UMA QUEBRA NO RITUAL: O CASO DO JOGO ENTRE MIRANTE E. C. <i>VERSUS</i> CLUBE VISITANTE “D”, VÁLIDO PELO CAMPEONATO AMADOR DIVISÃO ESPECIAL DE 2016	124
5.1.1 Descrição e análise do jogo entre Mirante E. C. <i>versus</i> Clube Visitante “D”	125
5.2 A EFICÁCIA DO RITUAL DE PREPARAÇÃO PARA OS JOGOS: O CASO DO CAMPEONATO AMADOR MÁSTER DE 2017	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXOS	152

INTRODUÇÃO

Propor-se a estudar o futebol, enquanto um fenômeno sociocultural da sociedade brasileira, tem se tornado um empreendimento cada vez mais difícil para aqueles que iniciam suas trajetórias no campo¹ acadêmico. Pois, se há algumas décadas, DaMatta et al. (1982) investiam seus esforços para legitimar o esporte e as relações sociais provenientes deste, como um objeto de estudo das ciências sociais e humanas, hoje em dia, em virtude da expansão do campo e da alta qualidade das produções (GUEDES, 2003) e pesquisadores, não é uma tarefa fácil avançar ou transcender ao que já foi investigado e debatido.

Desse modo, visando à construção de uma problemática de estudo significativa para o campo, a estratégia inicial² foi recorrer às etapas de pesquisa elaboradas por Quivy e Campenhoudt (2008). Tendo como ponto de partida os três atos epistemológicos (a ruptura, a construção e a verificação) do procedimento científico estruturados por Bachelard (2006), Quivy e Campenhoudt (2008) propõem a efetivação destes atos através da realização de sete etapas interdependentes, são elas: a pergunta de partida, a exploração, a problemática, a construção do método de análise, a observação, a análise das informações e as conclusões. Nas duas primeiras etapas, relacionais, inseridas no ato de ruptura, os autores propõem a elaboração de uma pergunta de partida clara, exequível e pertinente, a qual orientará os pesquisadores na exploração do campo, teoricamente através de leituras sobre a temática e empiricamente a partir de entrevistas exploratórias e/ou observações *in loco*.

Nesse sentido, buscou-se, através da literatura, compreender as direções e os diferentes olhares sobre a temática futebol já trabalhados *a priori*. Em seguida, observando as

¹ De acordo com Bourdieu (1976, 2002, 2008a), o campo (acadêmico, político, econômico, esportivo, dentre outros) deve ser visto como um espaço estruturado de posições ou de postos, o qual não é uma simples localização geográfica, mas um espaço abstrato. Conforme a posição neste espaço social, o agente possuirá uma maior ou menor quantidade de capitais (econômico, cultural, social ou simbólico), convertidos em poder simbólico, capaz de instituí-lo, no caso de um grande acúmulo, ou destituí-lo, perante os demais agentes sociais que compõem o campo específico.

² Os esforços para adentrar-se neste campo de investigação iniciaram-se em 2013, após concorrer e ser contemplado a uma das vagas do Edital PROESP Nº 07/2013 – Programa de Voluntário à Iniciação Científica (PROVIC) – UEPG. A este respeito, torna-se importante esclarecer as articulações e os limites existentes entre um “projeto de vida acadêmica” e o “projeto de pesquisa do mestrado”, uma vez que as discussões em torno do objeto futebol começaram mediante o ingresso no PROVIC, e tiveram sequência no Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da instituição. Deste modo, tanto na problematização do objeto quanto na contextualização de algumas camadas superadas na pesquisa etnográfica, tornou-se necessário recorrer a informações e materiais coletados em pesquisas exploratórias (GIL, 2002; 2008), que foram realizadas nos anos precedentes ao ingresso no mestrado. Entretanto, ressalta-se que estes dados de contexto apenas deram suporte para a compreensão e discussão das categorias emergentes durante a realização da dissertação.

relações sociais dos jogadores do Mirante Esporte Clube³, nos campeonatos amadores organizados pela Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), em Ponta Grossa – Paraná, encontrar elementos frutíferos para complexificar a seguinte questão de partida: o que leva um indivíduo a sair de casa em um domingo de manhã para jogar futebol?

Esta questão pode apresentar-se, em um primeiro momento, como despreziosa e simplória para uma investigação social. Não obstante, ao refiná-la e contextualizá-la, indagações que exigem reflexões mais complexas podem emergir, pois, ao adentrar-se *in loco*, propondo-se a compreender os sentidos e significados do esporte para aqueles agentes, deparou-se com um futebol completamente diferente daquele veiculado nos meios de comunicação. Para estes agentes, o gosto pelo futebol amador não se encontrava nos títulos, nos gols, nos dribles ou nos lances plásticos, mas na sua capacidade de se articular às memórias pessoais, imbricando-se a suas próprias trajetórias de vida.

A impossibilidade de esses agentes explicarem, através de entrevistas exploratórias, o que sentiam ou o que os motivava a jogar, apresentava-se como o grande desafio de investigação. Como destaca Bourdieu (2008b, p. 15), tanto o pesquisador modesto quanto o ambicioso, objetivam “apreender estruturas e mecanismos que, ainda que por razões diferentes, escapam tanto ao olhar nativo quanto ao olhar estrangeiro, tais como os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução desse espaço”.

Assim, entre uma pergunta simples e uma resposta natural, existia uma complexidade, a qual era interiorizada consciente e inconscientemente pelos agentes, sendo exteriorizadas respostas curtas como obviedades. Por exemplo, responder ser motivado a jogar “por amor” à família, ao clube e ao futebol, sem que fosse necessária qualquer explicação complementar, pois, para aqueles que possuem o sentido de jogo, questionar o “porquê” de suas práticas naquele espaço social é que não fazia sentido. Ou seja, os agentes sociais dotados do sentido de jogo, segundo Bourdieu (2008a, p. 143), incorporaram ao longo de sua circulação no campo, “esquemas práticos de percepção e de apreciação que funcionam, seja como instrumentos de construção da realidade, seja como princípios de visão e de divisão do universo no qual eles se movem, [portanto] não têm necessidade de colocar como fins os objetivos de sua prática”.

³ No decorrer da presente investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, tanto para os sujeitos quanto para o clube de futebol no qual realizou-se as observações *in loco*. Este foi denominado Mirante Esporte Clube, uma vez que o significado desta palavra faz alusão ao clube que foi o ponto de partida da investigação etnográfica.

De acordo com o Bourdieu (2008a), ter o sentido do jogo significa “ter o jogo na pele”, dotar-se de um senso histórico. Neste viés, os pesquisadores também já foram praticantes de futebol em outros espaços sociais. Entretanto, dada a diversidade de futebolis (DAMO; 2003, 2005), como veremos na sequência do texto, tornava-se necessário reaprender ou “redescobrir” o sentido do jogo neste campo específico.

No processo de aprendizagem e interpretação destas razões despercebidas, recorreu-se à etnografia, visto que o que se procura fazer em uma investigação etnográfica é compreender como os homens e mulheres tentam viver suas vidas (GEERTZ, 2001). Esta compreensão se coloca através de um sistema entrelaçado de signos passíveis de interpretação, denominado cultura, dentro do qual os acontecimentos sociais, as instituições e as relações de poder precisam ser descritas densamente (GEERTZ, 2008).

A formação cultural de um agente engloba elementos que vão desde a política, a educação e as finanças, chegando a outros muitas vezes secundarizados, como a literatura, o cinema, a música, o lazer e o esporte. Observar estes espaços a partir de suas interações simbólicas permite ao pesquisador ampliar a compreensão dos usos cotidianos da cultura e das relações vivenciadas nas sociedades em que elas estão dispostas (DOMINGOS, 2012a).

O campo futebolístico suburbano de Lourenço Marques, em Moçambique, é um exemplo ilustrativo de tal argumentação. Domingos (2012b) constatou que as ideologias cultivadas pelos agentes nas instituições educacionais, estatais, étnicas e religiosas contrastavam-se com as cultivadas no futebol, sobretudo no suburbano, promovido fora do controle do Estado. Neste campo particular, foi estabelecida uma nova ordem de equilíbrio, a qual não se pautava fundamentalmente no interesse dos dominantes.

No caso brasileiro, enquanto uma manifestação cultural, o esporte/futebol permite o estabelecimento de articulações com as dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas de determinados grupos. Um dos precursores desta abordagem, foi o antropólogo Roberto DaMatta que, através da coletânea intitulada “Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira”, publicada em 1982, exerceu e ainda exerce influência significativa nos pesquisadores e nas pesquisas que abordam a temática futebol, em uma perspectiva sociocultural.

Nesta obra, o autor busca demonstrar a existência de um equívoco, por parte dos autores críticos de esporte, e mais especificamente do futebol, em considerar que esta modalidade se encontrava em oposição à sociedade, ou seja, não se trata de uma dicotomia entre futebol *versus* sociedade. Pelo contrário, há um alinhamento entre futebol “e” sociedade, pois enquanto uma atividade da sociedade, o futebol é a própria sociedade brasileira sendo

expressa, através das regras, das relações estabelecidas, dos gostos e das ideologias, apresentando-se como um dos elementos da *illusio*, ou seja, deste jogo social do qual todos fazem parte (DAMATTA et. al., 1982).

Isto é, mais que uma prática esportiva típica do Brasil, o futebol apresenta-se de acordo com o autor, como um elemento chave para uma melhor interpretação da sociedade brasileira, pois trata-se de um espaço privilegiado para uma compreensão dos dilemas sociais vivenciados cotidianamente, os quais são dramatizados através do esporte. Assim, DaMatta (1982, p. 40) justifica a popularidade do futebol no país, “porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos”.

Não é exagero dizer, segundo Daolio (2006), que a sociedade brasileira se encontra impregnada de futebol, visto que este fenômeno cultural se imbrica ao brasileiro, logo no seu nascimento, ao receber um nome, uma religião e um time do coração. Nesse sentido, o autor parte da perspectiva damattiana e se propõe a compreender o significado sociocultural do futebol no Brasil. Intenta, através das características originais do futebol e dos hábitos da sociedade brasileira, traçar pontos de encontro e responder ou apresentar uma resposta introdutória à questão: “Como é possível um esporte que não nasceu aqui, ter se adaptado tão bem ao nosso povo e ter se transformado no principal esporte nacional?” (DAOLIO, 2006, p. 110).

Dentre as características levantadas pelo autor, destaca-se para reflexão a busca pela igualdade e a livre expressão individual. Quanto à primeira característica, para Daolio (2006), no futebol as regras foram elaboradas visando esta igualdade entre os adversários – seja através da divisão geográfica do campo, da ocupação do espaço em cada tempo de jogo, das faltas e penalidades, do início e dos reinícios de partida. E mesmo reconhecendo que a questão é mais complexa e que nem sempre as disputas ocorreram de forma igualitária, dadas as condições particulares de cada equipe no momento da disputa, o autor destaca que a mais remota possibilidade de igualdade já o distingue de outras estruturas sociais, vivenciadas pelos jogadores e torcedores cotidianamente, onde não há espaço para esta pretensão.

Isso potencializa a segunda característica destacada pelo autor, a livre expressão individual, extremamente presente na sociedade brasileira, através do *eros* ou desejo pela ascensão social. Pode-se observá-la no futebol dentro e fora de campo, seja nos dribles e jogadas individuais, intentando superar o coletivo, ou no “sonho dos meninos brasileiros” em tornarem-se jogadores de futebol profissional e, assim, incluírem-se socialmente através do esporte. Embora esta ascensão, seja cada vez mais complexa, difícil e (talvez) ilusória, devido

a grande maioria dos jogadores profissionais encontrarem-se “à margem dos holofotes” (CAVALCANTI, 2017), tornar-se um futebolista profissional ainda fascina os meninos brasileiros, principalmente os oriundos de escolas públicas (DAMO, 2005).

Para Damo (2003), uma das maiores contribuições de DaMatta (1982) foi incluir o futebol ao grupo de fatos sociais “relevantes” para a compreensão da sociedade brasileira. Entretanto, tece uma crítica à abordagem homogênea conferida ao futebol, não propriamente ao autor, por considera-lo um pioneiro, mas principalmente às produções que o sucederam, sem estabelecer um olhar crítico. Damo (2003, p. 131), ressalta que quem o lê “procurando saber a qual referente empírico ele está se dirigindo quando usa o termo futebol, não terá dificuldade em identificar na versão espetacularizada ou profissionalizada este referente”. Destarte, partindo deste contexto, o autor defende a necessidade de olhar-se para o Brasil enquanto o país dos “futebóis⁴”, ou seja, para além desta dimensão do esporte profissional, há outras interfaces, que devem ser consideradas na análise e, acima de tudo, exploradas.

Neste contexto, um alerta de Bourdieu (2002) quanto ao olhar do pesquisador sobre o fenômeno social investigado torna-se fundamental. Segundo o autor, em uma análise sociológica há sempre a necessidade de escapar-se das lógicas economicistas do campo. Quando se olha para o campo futebolístico, por exemplo, suas lógicas não se pautam simplesmente em uma *libido* econômica, expressa no desejo de tornar-se famoso e financeiramente estabelecido. Visto que, optar por este caminho significa realizar-se um investimento de alto risco para os meninos, pois a grande maioria não fará parte de um centro de formação, e muitos serão recrutados e posteriormente descartados (DAMO, 2005). Seriam então, as 5.000 horas de dedicação, ao longo de aproximadamente 10 anos, conforme dados de Damo (2005), desperdiçados? Para onde vão estes meninos? E os demais que sequer tiveram esta oportunidade?

Ancorando-se na tipologia descrita por Damo (2003, 2005), pode-se inferir que o futebol não se resume à dimensão espetacularizada. Desse modo, para muitos agentes, tornar-se profissional nunca foi uma opção, o que não significa dizer que o futebol teve menos importância em suas vidas. Visto que, a construção social do “gosto” do brasileiro pelo

⁴ O autor ensaia uma divisão do futebol em quatro matrizes ou quatro grandes configurações, são elas: a) futebol profissional, que compreende-se e engloba os atores (jogadores, especialistas e torcedores) do futebol-espetáculo ou de alto rendimento; b) o futebol de bricolagem, revela-se através das peladas, dos rachas, fute e as demais designações locais; c) já o futebol comunitário, denomina-se em outros contextos como futebol de várzea, de bairro ou amador; d) a quarta configuração é o futebol escolar, que vincula-se às instituições escolares, com enfoque pedagógico (DAMO, 2003; 2005).

futebol distingue-se de acordo com cada região do país, com a matriz futebolística praticada, com as posições ocupadas pelos agentes nos diferentes campos sociais aos quais pertencem, entre outras. Uma vez que o gosto por um bem cultural (futebol) é resultante de um processo específico, cujas lógicas devem ser minuciosamente identificadas (BOURDIEU, 2002).

Como destaca Bourdieu (2001), o processo de transformação através do qual um agente torna-se um mineiro, um camponês, um padre, um músico, um professor, um patrão, ou neste caso um “futebolista”, é longo, continuado, impiedoso e capaz de inviabilizar mudanças de posição repentinas e radicais, salvo algumas exceções. Este tem seu início na infância, talvez antes do nascimento (através da herança cultural), perseguindo-se sem grandes crises e conflitos, não obstante, passando por todas as provas (angústias morais e físicas) que compõem as condições de desenvolvimento da *illusio*. Estas, por suas vez, carregam consigo grandes cargas de afetividade, tornando-se impossível “determinar quem faz a escolha a rigor, se o agente ou a instituição; nunca se sabe quando o bom aluno [jogador] escolhe a escola [futebol], ou se essa última o escolhe, pois tudo em sua conduta dócil evidencia o quanta ele a escolhe” (BOURDIEU, 2001, p. 201).

Ao longo dessa circulação entre os diversos espaços sociais, práticas e disposições de agir, que variam de acordo com a posição do agente no campo social, são apreendidas e incorporadas de forma consciente e inconsciente, manifestando-se cotidianamente sob a forma de esquemas de pensamento, percepção e avaliação ou julgamento (gosto). Para Bourdieu (2008a), o *habitus* é o princípio gerador destas práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, seu sistema classificatório. Dessa forma, segundo ele, na relação entre a “capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida” (BOURDIEU, 2008a, p. 162).

Desse modo, relacionalmente ao processo de incorporação do *habitus* e através das relações sociais dos agentes e grupos, emergem as representações sociais sobre os mais diversos objetos. Estas devem ser analisadas como maneiras específicas de se compreender e comunicar o que se sabe sobre um determinado objeto. Entretanto, devido às tensões deste processo, “existe uma necessidade contínua de re-constituir o ‘senso comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos” (MOSCOVICI, 2011 p. 48).

Sob este viés, Doise (2002) propõe uma articulação entre a teoria de Pierre Bourdieu e a teoria das representações sociais de Serge Moscovici (2011). Para a autora, as representações sociais devem ser compreendidas como princípios geradores de tomadas de posição, que organizam os processos simbólicos que intervêm nas relações sociais. Portanto,

pode-se dizer que existe uma dinâmica relacional entre o *habitus* incorporado por este agente, ao longo de sua trajetória nos mais diversos campos, e as representações sociais dos grupos com que ele se identifica. Ou seja, o *habitus* pode ser entendido como produtor de representações sociais, ao passo que estas também compõem o *habitus* de cada agente. Assim, as representações (sociais) emergentes do futebol, ritual estruturado por regras cultural e socialmente estabelecidas, permitem a interiorização e exteriorização do funcionamento hierárquico e da igualdade ou desigualdade social, devido aos processos de socialização dos brasileiros (DAMATTA et al, 1982).

Partindo do exposto, a presente investigação lança-se na tentativa de analisar: qual a relação das representações sociais, emergentes do processo de aprendizagem da cultura futebolística, com a construção do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube, localizado na cidade de Ponta Grossa - Paraná (2013-2017)?

Desse modo, o objetivo geral do presente estudo foi interpretar e analisar a relação das representações sociais, emergentes do processo de aprendizagem da cultura futebolística, com a construção do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube, localizado na cidade de Ponta Grossa - Paraná (2013-2017). Para tanto, elaborou-se os seguintes objetivos específicos: a) Contextualizar o campo futebolístico amador de Ponta Grossa, localizando o Mirante E. C. neste espaço social; b) Compreender como a cultura futebolística é aprendida e ensinada através das relações sociais e lógicas simbólicas estruturadas dentro do Mirante E. C.; c) Apresentar o processo de construção e modificação das representações sociais destes agentes sobre categorias (sociabilidade, família, veteranos e rituais) significativas para este campo social. d) Refletir sobre, como as representações sociais destes agentes, relacionam-se com seus *habitus*.

A presente pesquisa foi estruturada em cinco capítulos. O Capítulo I foi destinado aos procedimentos metodológicos necessários para realização de uma investigação etnográfica, os quais foram subdivididos em seis etapas: 1ª) O estabelecimento do objeto, dos sujeitos e do campo; 2ª) Conhecimento prévio; 3ª) Autorização legítima para adentrar no campo; 4ª) As descrições iniciais (superficiais); 5ª) O processo de aceitabilidade e; 6ª) As descrições “densas”. No capítulo II, intitulado “Os primeiros passos *in loco*”, intentou-se demonstrar as experiências necessárias para superar-se as camadas iniciais de aceitabilidade. Na sequência do estudo, com o Capítulo III “Contextualizando o campo futebolístico amador de Ponta Grossa”, buscou-se estruturar o mapa social investigado, refletindo sobre as posições existentes neste campo, os *status* enquanto o maior dos objetos de disputa e os capitais valorizados dentro desta hierarquia social específica. No capítulo IV, “Bem vindo à família!

Notas sobre a lógica do casamento e o posto dos veteranos no Mirante E. C.”, analisou-se a importância da sociabilidade e das relações de longa duração, para preservação das atividades do campo, bem como as lógicas específicas que atribuem aos veteranos um posto privilegiado na dinâmica do campo. Por fim, no Capítulo V “Interpretando os galos! Uma análise da dimensão simbólica do ritual de preparação para os jogos e sua função enquanto rito de instituição”, explorou-se as dimensões afetivas e simbólicas do futebol através da transformação dos jogadores do “eu social” para o “eu jogador de futebol”.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação encontra-se na fronteira de dois campos do conhecimento. Esta posição justifica-se pelo entendimento de que uma leitura unicamente sociológica, talvez deixasse escapar pequenas inclinações e singularidades, significativas para a compreensão do campo em sua generalidade. Entretanto, mergulhar antropologicamente em casos específicos do campo, talvez não nos permitisse a realização de inferências gerais sobre o objeto de estudo. Desse modo, entre a segurança epistemológica proporcionada pelo segmento de um único referente teórico e as incertezas deste diálogo interdisciplinar, optou-se pela segunda situação.

Nesse contexto, inicia-se esta aproximação teórica com o sociólogo francês Émile Durkheim, o qual é reconhecido também, por alguns autores, como um dos primeiros teóricos da antropologia (LAPLANTINE, 2007). Com a publicação de sua obra “As Regras do Método Sociológico”, em 1895, na França, ele fomentou um intenso debate no meio acadêmico da época. O qual se pode observar nas edições seguintes da obra, que contemplam também um prefácio da segunda edição, em resposta a algumas críticas sofridas na primeira edição apresentada.

Durkheim (1995, p. XV) destaca esses embates, ao relatar que o livro desencadeou inúmeras e severas controvérsias, atribuindo-lhe “gratuitamente ideias que nada tinham em comum com as nossas, e acreditaram refutar-nos ou refutá-las”. Neste espaço do livro, o autor segue apresentando as críticas e respondendo-as. Dentre as mais relevantes destacam-se o entendimento de que os fatos sociais devem ser tratados como “coisas” e a segunda, discutida em menor proporção, quanto à exterioridade dos fenômenos sociais sobre os indivíduos.

Estas noções apresentam-se como centrais no processo de construção do método sociológico de Durkheim (1995), pois é através delas que se demarca um novo campo e objeto de estudo, necessitando-se assim, de acordo com o autor, uma ciência que discutisse os fatos sociais. Quanto a esta questão, destaca-se a influência de August Comte⁵ no pensamento do autor, com suas três preocupações fundamentais, de estruturação de uma filosofia da história, uma fundamentação e classificação das ciências e a elaboração de uma disciplina para estudar os fatos sociais, a sociologia (TRIVIÑOS, 1987).

⁵ Comte nasceu em Montpellier, França, a 19 de janeiro de 1798, e morreu a 5 de setembro de 1857. Foi um filósofo francês, que se dedicou na criação de uma filosofia positiva. Publicando obras como: “Curso de filosofia positiva”, em seis volumes, em 1830; “Discurso sobre o espírito positivo”, em 1844 e “Catecismo positivista”, em 1852 (TRIVIÑOS, 1987, p. 33).

Vale salientar que na gênese de uma nova ciência, como era o caso da sociologia no momento em que as obras de Durkheim foram apresentadas, estabelece-se sempre uma necessidade vital de demarcar seu campo científico e, assim, legitimar sua importância. Entretanto, neste processo, há sempre o risco de que os discursos diferenciadores e estratégicos no processo de validação tornem-se, em determinados pontos, estanques para o entendimento dos fenômenos sociais. Como é o caso da superioridade atribuída pelo autor à sociedade, em uma relação sociedade-indivíduo, expressa ao defender a exterioridade das coisas sociais. Noção base para as críticas que fomentaram o surgimento de novas⁶ teorias sociais posteriormente.

A passagem do século XIX para século XX foi cercada por tensões, as quais não se restringiram apenas à sociologia, mas igualmente a outros campos do conhecimento como a filosofia, a história e a antropologia. Neste cenário, a proposta teórica de Durkheim (1995) atinge o pensamento antropológico e atribui à etnografia uma grande “confusão”, pois ainda havia repartições nas tarefas para realização de uma investigação etnográfica, habitualmente divididas entre o observador (viajante, missionário) e o pesquisador erudito (pesquisador de gabinete). Sendo que o observador ocupava uma posição de inferioridade em relação ao erudito e, por conseguinte, suas experiências empíricas representavam uma espécie de conhecimento secundário, elementos meramente ilustrativos das teses (LAPLANTINE, 2007).

Além destas questões, a defesa de Durkheim (1995) à existência de fatos sociais não só legitimava a necessidade do campo da sociologia, como coloca em “xeque” o empreendimento etnográfico realizado nas investigações antropológicas. Neste ponto, de acordo com Laplantine (2007), vale destacar que o autor não teve a pretensão de reduzir outras ciências, apenas considerava-se que, naquele momento histórico, tornava-se necessário e mais vantajoso a cada disciplina seguir separadamente na construção de seus objetos de estudo.

Não obstante, salienta-se que o pensamento durkheimiano aproxima-se consideravelmente das reflexões propostas posteriormente por Malinowski (1978), principalmente quanto às exigências metodológicas da investigação. Tais ideias exerceram “uma influência considerável sobre a pesquisa antropológica, principalmente na Inglaterra e evidentemente na França, o país de Durkheim, onde hoje, nossa disciplina não se emancipou realmente da sociologia” (LAPLANTINE, 2007, p. 89).

⁶ A exemplo, pode-se citar a teoria de Pierre Bourdieu (2002), as noções de poder simbólico, de campo ou de *habitus*, que têm no pensamento de Durkheim um dos pilares teóricos, além de Karl Marx e Max Weber.

Um dos grandes influenciados por seu pensamento e, ao mesmo tempo, um dos maiores críticos de Durkheim, foi seu sobrinho Marcel Mauss (2003), que se opõe à visão de subalternidade atribuída à antropologia em relação à sociologia. Assim, o autor forja o conceito de “Fato Social Total”, o qual engloba em sua compreensão os aspectos biológicos, econômicos, históricos, religiosos, entre outros, de uma determinada realidade. Desse modo, para o entendimento deste fenômeno social total, torna-se imprescindível compreendê-lo em sua totalidade, isto é, de fora enquanto uma “coisa”, mas também de dentro enquanto uma realidade vivenciada (LAPLANTINE, 2007).

Nesse contexto, embora Mauss tenha partido dos pressupostos levantados por Durkheim (1995), suas reflexões aproximaram-se cada vez mais da prática etnográfica de Malinowski (1978). Autor este que dominou a cena acadêmica em 1922, ao opor-se à visão evolucionista da sociedade, isto é, as sociedades primitivas e selvagens, não se tratavam de produtos inacabados, em direção a um futuro civilizado. Desse modo, ele dedicou-se a compreender as lógicas particulares de cada cultura, através da observação participante, da vivência e do compartilhamento dos sentimentos com os nativos. As descrições de fatos sociais, supostamente minúsculos e insignificantes, deveriam ser minuciosas, visto que a significação só pode ser encontrada dentro do complexo contexto do qual se derivou (MALINOWSKI, 1978). Assim, a antropologia consolida-se como uma atividade ao ar livre e “ao vivo”, e a obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” foi considerada o marco da estruturação de um método etnográfico.

Atualmente, nas áreas das Ciências Sociais e Humanas, observa-se que inúmeros pesquisadores utilizam o método etnográfico em seus estudos (MAINARDES, 2009). Ao observar este longo processo de desenvolvimento da etnografia e seu cenário contemporâneo, Uriarte (2012) reconheceu o entusiasmo provocado pela etnografia nas diversas áreas de conhecimento. Entretanto, estabeleceu críticas quanto à sua utilização sem um aprofundamento nas dimensões metodológicas e, principalmente, epistemológicas, que envolvem a antropologia em suas ramificações.

Nesse contexto, intentando aproximar-se do método, realizou-se um levantamento exploratório acerca das pesquisas etnográficas sobre esporte, lazer e sociedade no Brasil, nos últimos 10 anos. Dentre a diversidade de temas pode-se citar: as atividades físicas de aventura e risco, praticadas no meio natural e, realizadas no âmbito competitivo (BORGES, 2007); o comportamento das torcidas organizadas sob a ótica das festas (CAPESTRANI, 2009); aspectos simbólicos do boxe inserido em academias de *fitness* (MARIANTE NETO, 2010); as relações jocosas futebolísticas (GASTALDO, 2010); compreensão da dinâmica cultural dos

alunos que se situam à margem das aulas de Educação Física (OLIVEIRA, 2010); o processo de transição de ex-jogadores de futebol profissional para o futebol máster (GUIMARÃES, 2012); os jovens praticantes de skate em Porto Alegre – RS (RAMPAZZO, 2012); a prática do futebol amador na cidade de Curitiba-PR (OLIVEIRA, 2013).

Com exceção de alguns pesquisadores mais experientes, que partem de um embasamento das teorias antropológicas, observou-se entre os iniciantes certas fragilidades, teóricas e empíricas no desenvolvimento das pesquisas. Estas ocorrem devido à utilização da etnografia, apenas como um conjunto de técnicas, justificada pelo manuseio de um diário ou pelas incursões a campo. Capestrani (2009, p. 4), por exemplo, traz em seu capítulo metodológico, as noções de “estar lá” e “estar aqui”, discutidas por Geertz (2010), na qual o autor defende a necessidade de realizar anotações *in loco* e, em seguida, uma descrição fora de campo, dialogando com os referenciais teóricos, para minimizar os riscos da inevitável influência sofrida pela cultura nativa.

Não obstante, o autor apresenta na sequência do texto, que em um estudo etnográfico “é preciso tornar-se um deles para vivenciar e sentir suas influências e comportamentos” (CAPESTRANI, 2009, p. 40). A este respeito, Geertz, que é base teórica utilizada por Capestrani (2009), demonstra em outra de suas obras, uma visão contrária, ao “tornar-se um deles”.

Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos (em qualquer caso, eis uma palavra comprometida) ou copiá-los. Somente os românticos ou os espiões podem achar isso bom. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente (GEERTZ, 2008, p. 10).

Neste caso, o equívoco emerge devido à leitura de obras pontuais, sem um aprofundamento maior sobre a compreensão do autor. Pois, em alguns casos, e Geertz é um deles, a construção do pensamento não se apresenta apenas em uma obra, mas se desenvolve e ganha novos elementos com a publicação de novos estudos. Não estamos sugerindo a utilização de todas as obras dos autores referenciados, mas se aprofundar nas questões teóricas de seus pensamentos torna-se fundamental, visto que este erro de interpretação pode comprometer a postura do pesquisador dentro do campo.

Em outros casos, como no estudo de Guimarães (2012), observa-se a presença da etnografia apenas como instrumento metodológico de ação. Com descrições pontuais sobre o

que é etnografia, observação e descrição. Não obstante, a definição de descrição densa não é sustentada nos resultados e discussões da investigação.

Em busca de minimizar estes riscos – e corroborando com o apontamento de DaMatta (1987), de que só é possível enxergar o que se está preparado para ver, ou seja, o olhar etnográfico se desenvolve somente quando o pesquisador encontra-se familiarizado com as diversas teorias antropológicas e suas correntes, estabelecendo através destas um ponto de vista –, pretende-se na sequência deste capítulo apresentar de forma minuciosa, qual é o nosso entendimento sobre a etnografia, e como trabalhou-se com ela para o desenvolvimento do estudo.

Os direcionamentos da etnografia guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas (GEERTZ, 2008). Baseando-se em *insights* que permitem a reorganização dos dados, coletados inicialmente como fragmentos e indícios soltos de um arranjo complexo (MAGNANI, 2002).

De acordo com Malinowski (1978), uma explicação através do método etnográfico deve orientar-se por três princípios: (1) a estruturação genealógica da “tribo”; (2) a vivência entre os nativos; e (3) a construção de um retrato completo e adequado da cultura nativa. Neste contexto, pode-se dizer que a etnografia direciona a realização de diferentes etapas teórico-metodológicas, que não necessariamente apresentam uma sequência cronológica.

Tomando como ponto de partida os princípios de Malinowski (1978) e as experiências de Geertz (2003; 2008; 2010) e Wacquant (2002), na realização da presente investigação, superou-se as seguintes etapas: 1ª) O estabelecimento do objeto, dos sujeitos e do campo; 2ª) Conhecimento prévio; 3ª) Autorização legítima para adentrar no campo; 4ª) As descrições iniciais (superficiais); 5ª) O processo de aceitabilidade e; 6ª) As descrições “densas”.

Além destas, considerou-se relevante trazer para discussão duas variáveis que podem potencializar ou comprometer todo o empreendimento etnográfico, são elas, a baliza temporal do estudo e o envolvimento e distanciamento com o objeto.

1.1 1ª ETAPA: O ESTABELECIMENTO DO OBJETO, DOS SUJEITOS E DO CAMPO

Nesta pesquisa, primeiramente estabeleceu-se o objeto e os agentes, estruturas que permeiam todos os tipos de produções científicas. Nesse sentido, definiu-se o campo futebolístico amador de Ponta Grossa, cidade localizada no interior do estado do Paraná –

Brasil, que possui uma história significativa no futebol paranaense, com uma cultura futebolística sólida, na qual o amadorismo tornou-se uma alternativa interessante para quem gosta de assistir e jogar futebol. Mais especificamente, os agentes pertencentes ao Mirante Esporte Clube, um clube tradicional da cidade, um dos únicos a disputar assiduamente as competições amadoras desde a sua primeira edição há quase um século, em 1928.

Durante a realização do estudo, além do Mirante E. C., observou-se mais 25 clubes, nas diversas categorias do amador em que participaram. Diferentemente do Mirante E. C., os demais serão identificados a partir de suas características gerais, da seguinte forma:

QUADRO 1 - Tipologia dos Clubes que disputaram os campeonatos amadores de futebol organizados pela Liga de Futebol de Ponta Grossa, entre os anos de 2013 e 2017.

CLUBE	CARACTERÍSTICAS	QUANTIDADE
Clube de Vila	São aqueles que surgiram a partir de diferentes agentes em torno de uma localidade específica de Ponta Grossa, os quais possuem em seus nomes referências às vilas que representam, além de um sentimento de pertencimento dos jogadores com a localidade e dos moradores da vila com o clube.	10 Equipes
Clube Social/Associativo	São aqueles que surgiram a partir de diferentes agentes em torno de um Clube Social (sem fins lucrativos) ou Associativos (com mensalistas), com exceção da questão financeira, estes clubes possuem uma organização semelhante, com formação de diretoria, eleições para presidente e etc. Destas cinco equipes, em duas serão adicionadas a palavra “Ortodoxo”, sendo: Clube Associativo Ortodoxo “A” e Clube Social Ortodoxo “B”. Devido às posições de destaque que estes ocupam no campo futebolístico amador pontagrossense.	05 Equipes
Clube Empresa	São aqueles que surgiram a partir de diferentes agentes em torno de uma empresa, assim sendo, possuem como nome da equipe o nome da empresa, estes também recebem apoio financeiro e estrutural da empresa, para manutenção das atividades do grupo.	05 Equipes
Clube Visitante	São clubes de cidades vizinhas que participam da competição na cidade. Por serem de “fora” de Ponta Grossa, serão identificados como visitantes.	05 Equipes
TOTAL		25 Equipes

FONTE: OS AUTORES.

Esta caracterização introdutória será aprofundada na sequência do texto, no Capítulo III, destinado à contextualização do campo futebolístico amador pontagrossense. Além desta subdivisão, utilizou-se as letras A, B, C..., para identificar individualmente as equipes. Por exemplo: Clube de Vila “F”, Clube Empresa “C”, Clube Associativo “E” Clube Visitante “B” e assim sucessivamente. Quanto aos nomes dos agentes utilizados nas descrições e trechos dos Diários de Campo, todos foram fictícios para preservar o anonimato das fontes.

1.2 2ª ETAPA: CONHECIMENTO PRÉVIO

Como mencionado acima, a necessidade de um conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as primeiras estratégias de inserção no campo. Para tanto, observou-se, em um primeiro momento, através de artigos, dissertações, teses e livros, como o futebol amador vem sendo retratado no contexto dos grandes centros urbanos e das pequenas cidades.

A esse respeito, destacam-se os estudos de Rigo (2007), sobre um clube de futebol social e recreativo da cidade de Pelotas (RS); de Cunha et. al. (2013), sobre as memórias de um clube que disputa a competição amadora de futebol em São José Norte (RS); de Myskiw e Stigger (2014), sobre um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre (RS); de Campos (2015), sobre a integração do espaço amazonense através das ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções em Manaus e Parintins (AM); de Oliveira (2013), sobre a “suburbana” competição amadora de futebol da cidade de Curitiba (PR); no contexto local, destaca-se a obra de Ribeiro Jr. (2004), na qual o autor realiza um resgate das competições e resultados dos clubes pontagrossenses, porém sem reflexões teóricas; e de Freitas Jr (2000), sobre as causas do fracasso do Operário Ferroviário E. C., uma equipe de futebol profissional de Ponta Grossa. Exercício que nos permitiu o levantamento da problemática em questão, e também um entendimento sobre os direcionamentos teóricos e metodológicos das investigações científicas neste campo.

1.3 3ª ETAPA: AUTORIZAÇÃO LEGÍTIMA PARA ADENTRAR NO CAMPO

Na sequência, buscou-se a autorização para a inserção *in loco* no campo social investigado. Através de uma visita à instituição responsável pelo fomento das competições na cidade, a Liga de Futebol de Ponta Grossa. Nessa ocasião, obteve-se os contatos e endereços

dos clubes filiados à instituição e, após um contato via telefone com o agente “responsável” pelo Mirante E. C. – que foi o primeiro dentre os demais representantes a atender-nos e a colocar-se à disposição, o qual também é conhecido e reconhecido por sua trajetória no futebol da cidade –, iniciaram-se as saídas *in loco* no estádio do clube. Escolha que se justifica devido à relevância do Mirante E. C no campo futebolístico, não somente pelos resultados, mas pela história construída em quase 100 anos de existência.

Ressalta-se que o estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Sant'Ana, conforme designação da Plataforma Brasil, sob o número do CAAE: 66013317.8.0000.5694 e do Parecer: 2.005.549 (Anexo). Também, cabe destacar que os agentes sociais identificados nas fotografias assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme exemplo em Anexo), autorizando o uso de suas imagens para fins acadêmicos e de pesquisa.

Após ser autorizada a inserção *in loco*, iniciou-se a observação participante, desdobrada na estruturação de um diário de campo, onde se objetivou compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador de Ponta Grossa. Tal compreensão se torna mais profícua quando ocorre uma caracterização específica, a qual pode ser adjetivada de “densa”. Não obstante, um pesquisador não inicia uma investigação etnográfica realizando descrições densas, há um processo preparatório e camadas de envolvimento que necessitam ser superadas. Desse modo, as descrições iniciais contemplam a primeira etapa efetivamente *in loco*.

1.4 4ª ETAPA: AS DESCRIÇÕES INICIAIS (SUPERFICIAIS)

Neste processo, as descrições iniciais contemplam um primeiro processo de estruturação do mapa do campo. Para a captação dos elementos provenientes destes encontros, dentre as possibilidades de procedimentos, destaca-se o diário de campo, visto que um indivíduo se lembra somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem nenhum sentido no momento (DAMATTA, 1987).

O autor também chama a atenção para construção de mapas e de censos do *locus* de estudo e ressalta a importância do uso de um gravador. Quanto a outros recursos tecnológicos (câmeras de vídeo e fotográficas), DaMatta (1987, p. 190) faz questão de enfatizar, que se deve ter sempre em mente que “há muito tempo para boas fotos e que as melhores monografias antropológicas foram escritas com imaginação e boas teorias, não com fotografias perfeitas”.

Há de considerar que os equipamentos tecnológicos da década de 1980 diferem-se dos aparelhos atuais, principalmente no quesito praticidade. Não obstante, se a preocupação não se encontra mais nos detalhes técnicos dos aparelhos, acredita-se que a facilidade do manuseio destes equipamentos pode despertar no pesquisador o interesse em registrar as interações ou rituais a todo momento, para análises futuras, sem preocupar-se em observá-las no exato momento em que ocorrem. Embora na presente pesquisa, a utilização de tais equipamentos tenha se tornado um dos facilitadores da aceitabilidade (esta questão será devidamente descrita e interpretada nas discussões).

Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização dos diários fez-se dentro e fora de campo, além de um caderno, para anotação das informações consideradas mais relevantes. Logo após a saída do campo, realizou-se através do recurso do gravador uma descrição detalhada das experiências observadas e experimentadas, com o objetivo de minimizar as perdas da memória. A segunda etapa de construção do diário de campo, consistiu na escuta do áudio, posteriormente à transcrição deste material e, em seguida, a construção de um texto ou relatório parcial.

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do diário de campo, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente. Neste processo analítico, considerou-se como fundamentais no estabelecimento das categorias de análise, a frequência e a relevância das ações e práticas simbólicas observadas.

Além das observações *in loco*, considerou-se relevante, em alguns momentos, analisar os diálogos estabelecidos pelos jogadores e dirigentes do Mirante E. C. nos grupos de *Whatsapp* em que se inseriu ao longo da superação das camadas de aceitabilidade. Os grupos dos quais o pesquisador fez parte foram: Mirante E. C., Mirante Máster, Mirante 2016, Mirante 2017, Diretoria Mirante E. C.

Vale ressaltar que a grande maioria dos jogadores não possuía acesso a todos os grupos citados, pois este envolvimento variava de acordo com a posição do jogador na hierarquia do grupo. O grupo “Mirante E. C.” funcionava como um espaço “público”, onde se encontravam jogadores e ex-jogadores do clube, além dos peladeiros e veteranos. Neste espaço circulava, além das informações a respeito das competições amadoras e eventos do clube, comentários jocosos sobre as rodadas dos campeonatos estaduais e nacionais, dentre outras. No grupo “Mirante Máster”, inseriam-se apenas os jogadores desta categoria e, diferentemente dos grupos “Mirante 2016” e “Mirante 2017”, que se referiam aos jogadores da categoria amadora principal, estes não criavam um grupo novo a cada ano, pois as alterações na equipe eram pequenas, se comparadas à rotatividade da equipe principal. Já o

grupo “Diretoria Mirante E. C.” era restrito a sete membros (o presidente do clube, dois tesoureiros, dois secretários e dois diretores de esporte), sendo dois deles diretores e jogadores do clube na categoria Máster. Estes eram os membros responsáveis pelas tomadas de decisão sobre as ações do clube. A entrada nestes grupos ocorreu mediante a superação das camadas de aceitabilidade.

1.5 5ª ETAPA: O PROCESSO DE ACEITABILIDADE

Considera-se, então, que o processo de aceitabilidade ou “ser aceito” pelo grupo social estudado é parte fundamental da investigação (juntamente com a capacidade construir descrições densas), o qual influenciará diretamente no tempo em campo e atestará o sucesso ou o fracasso da pesquisa. Por este ângulo, Geertz (2008) expõe no capítulo 9 “Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa”, suas angústias e posteriormente descobertas, provenientes da quebra deste muro invisível que separa o forasteiro (pesquisador) dos nativos.

Em um primeiro momento, as presenças do autor e de sua esposa foram ignoradas pelos aldeões balineses, como se simplesmente não existissem. Porém, após uma briga de galos interrompida pela polícia, na qual ambos fogem como os demais, esta percepção sobre quem eles eram altera-se radicalmente. De modo que a aldeia se tornou um mundo completamente diferente: “Na manhã seguinte [...] Não só deixamos de ser invisíveis, mas éramos agora o centro de todas as atenções, o objeto de um grande extravasamento de calor, interesse e, principalmente, de diversão” (GEERTZ, 2008, p. 187).

Anteriormente a este fato, o autor busca demonstrar em seus escritos a forma como ocorre, e se ocorre, este momento de aceitação dos forasteiros, por parte dos nativos.

Então – num dia, numa semana, num mês (para algumas pessoas esse momento mágico nunca chega) - ele decide, por motivos que eu nunca fui capaz de entender, que você é real e ele se torna então uma pessoa calorosa, alegre, sensível, simpática, embora, sendo balinês, sempre muito controlada. De alguma forma você conseguiu cruzar uma fronteira de sombra moral ou metafísica, e embora não seja considerado exatamente como um balinês (para isso é preciso ter nascido balinês), você é pelo menos visto como ser humano em vez de uma nuvem ou um sopro de vento. (GEERTZ, 2008, p. 185-186).

Chama-se a atenção para dois aspectos, em primeiro lugar o envolvimento e o respeito às lógicas simbólicas e sociais, que regulamentam a convivência dos indivíduos. Em segundo lugar, e mais pertinente para esta discussão, quanto ao parêntese aberto por Geertz

(2008), alegando que para alguns pesquisados o momento mágico da aceitação do grupo, pode nunca chegar.

Com o objetivo de explorar este aspecto, torna-se fundamental, desmistificar um pouco a “magia” deste momento. Pois não se trata simplesmente de o etnógrafo realizar uma loucura pelo ou para o grupo social investigado, digna do reconhecimento e respeito até mesmo do “mais nativo” dos nativos. Esta aceitabilidade decorre da superação de diferentes camadas de envolvimento.

Desse modo, a permanência *in loco* dependerá, inicialmente, de sua aceitação pelo grupo, decorrente do rompimento do estranhamento entre forasteiro e nativos, pois somente a partir deste momento será possível a construção de descrições densas. Posteriormente a isso, a sua disponibilidade e capacidade de coletar dados, mas acima de tudo, de refleti-los e interpreta-los teoricamente. Todo este processo transpõe uma definição temporal cronológica.

Quanto ao ser aceito, isso pode se estabelecer em longo ou médio prazo ou até mesmo logo nos primeiros contatos do pesquisador com o grupo estudado. Visto que, esta questão é relativa ao grupo (o qual pode ser mais ou menos acessível), bem como à postura do investigador (que pode dispor de maior ou menor facilidade, artifícios e estratégias para tornar esta aproximação possível).

A experiência de Wacquant (2002) descrita nos primeiros diários de campo como “frustrante”, quanto às dificuldades de adaptação, não seria a mesma, se o autor já tivesse praticado a “nobre arte” em situações anteriores. Uma vez que isso lhe atribuiria um *habitus* motor, mesmo que mínimo, o qual poderia contribuir para que seu processo de aproximação ocorresse de forma mais rápida. Não obstante, estas dificuldades enfrentadas, possibilitaram-no olhar para singularidades que talvez passassem despercebidas por um pesquisador praticante de boxe.

Poder-se-ia acrescentar, neste exemplo, outro tipo de pesquisador, desprovido de qualquer *habitus* motor da modalidade, mas dotado de um carisma, que o permitiria engajar-se com facilidade naquele grupo social. Geertz (2003) recupera o conceito de carisma de Weber (2009) e reformula-o, atribuindo-lhe uma noção menos ideológica e de dominação, intentando demonstrar que na vida social, os agentes dotados de tal característica têm a possibilidade de se colocarem em situações de destaque, mesmo quando não possuem grandes artifícios. Este carisma atribui-lhe certo *status* ou poder simbólico⁷ dentro das relações, que o

⁷ O poder simbólico é um conceito descrito por Bourdieu (1998, p.7-8), para expressar as relações de poder existentes entre os agentes sociais, bem como entre agentes e estruturas sociais. É definido como um “poder

possibilitará adentrar ou manter-se em locais que normalmente não o aceitariam. O mesmo vale para um etnógrafo.

Da mesma forma com que se compreende a existência de lógicas próprias que regulamentam a convivência em cada campo de investigação, também se deve perceber que há especificidades e singularidades relativas a cada pesquisador. Pois, como destaca Geertz (2003), dois etnógrafos, pesquisando o mesmo objeto, sob as mesmas condições, teriam interpretações diferentes sobre aquilo que observam.

Para além do pesquisador “desbravador” do desconhecido, do pesquisador “de casa” ou do pesquisador “carismático”, poder-se-ia apresentar inúmeras outras tipologias, se este fosse o objetivo do estudo. Estas atribuiriam aos pesquisadores vantagens e desvantagens, atalhos e desvios, ou seja, torna-se essencial um autoconhecimento por parte do investigador, que o permita identificar suas dificuldades e potencialidades.

Exatamente neste ponto que se pretende chegar e defender a ideia de que não se pode estabelecer uma baliza temporal, simplesmente com o objetivo de atribuir validade ao estudo. É interessante observar a dimensão simbólica do tempo como elemento de referência das atividades humanas. O calendário ou as horas, por exemplo, exercem suas funções com tanta simplicidade e praticidade, que os indivíduos sequer pensam na possibilidade de as coisas ocorrerem de maneira diferente (ELIAS, 1998b).

Nesta questão, concorda-se com Mainardes (2009, p. 105), pois, para além do tempo de observação *in loco* da pesquisa, “é importante destacar que o preparo do pesquisador, sua base teórica e sua experiência com o tema investigado são elementos fundamentais para que as observações sejam proveitosas e, principalmente, para a análise dos dados”. Tendo em vista que o direcionamento das reflexões, interpretações e inferências de um estudo etnográfico dependem, entre outros aspectos, do local do “mapa” em que o pesquisador se encontra inserido, no qual o envolvimento e o distanciamento dividem fronteiras, além de sua capacidade de realizar, de fato, descrições densas.

1.6 6ª ETAPA: AS DESCRIÇÕES “DENSAS”

O que se faz em etnografia – dentre outros procedimentos para a coleta de dados, como a estruturação de mapas e sentidos do campo, construção de genealogias, realização de

entrevistas, rompimento do estranhamento – é principalmente a descrição das observações em um diário de campo, não simples anotações, mas descrições “densas”.

Para apresentar e verticalizar esta noção, Geertz (2008) apoia-se na perspectiva de Gilbert Ryle⁸, a qual se contrapõe à definição de descrição superficial. Nesse sentido, uma descrição superficial contemplaria apenas os elementos visíveis, as dinâmicas e lógicas de funcionamento do espaço social, que qualquer forasteiro seria capaz de apontar sobre o grupo nativo.

Não obstante, estes elementos introdutórios para a compreensão do grupo devem ser superados, se a intenção do pesquisador é trabalhar com a etnografia. Destarte, parte-se do exemplo clássico de Gilbert Ryle utilizado por Geertz (2008), sobre a “descrição densa”, no qual aquele autor traz à tona outras possibilidades de reflexão. Nesta experiência, dois meninos piscando rapidamente o olho direito podem ter inúmeras motivações distintas, para um pode ser um tique involuntário, para outro é uma piscadela conspiratória em relação ao primeiro.

Uma descrição superficial revelaria que naquele ambiente há dois meninos contraindo a pálpebra rapidamente, sem perceber, porém, que há um código simbólico estabelecido entre os indivíduos, que diferencia o que é contrair a pálpebra e o que é piscar. Porém, segundo Geertz (2008, p. 5), este é apenas o princípio, se houvesse um terceiro menino...

[...] que, “para divertir maliciosamente seus companheiros”, imita o piscar do primeiro garoto de uma forma propositada, grosseira, óbvia, etc. Naturalmente, ele o faz da mesma maneira que o segundo garoto piscou e com o tique nervoso do primeiro: contraindo sua pálpebra direita. Ocorre, porém, que esse garoto não está piscando nem tem um tique nervoso, ele está imitando alguém que, na sua opinião, tenta piscar. Aqui também existe um código socialmente estabelecido (ele irá “piscar” laboriosamente, superobviamente, talvez fazendo uma careta — os artifícios habituais do mímico), e o mesmo ocorre com a mensagem. Só que agora não se trata de uma conspiração, mas de ridicularizar. [...] Pode ir-se mais além: em dúvida sobre sua capacidade de mímica, o imitador pode praticar em casa, diante de um espelho, e nesse caso ele não está com um tique nervoso, nem piscando ou imitando — ele está ensaiando [...] O piscador original poderia, por exemplo, estar apenas fingindo, para levar outros a pensarem que havia uma conspiração, quando de fato nada havia, e nesse caso nossas descrições do que o imitador está imitando e o ensaiador ensaiando mudam completamente. [...] este é o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos às quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam [...] (grifo nosso).

⁸ Gilbert Ryle (1900-1976) foi um filósofo britânico, reconhecido principalmente devido às críticas estabelecidas ao dualismo cartesiano, para o qual apresentou o conceito de disposição, em sua obra “The concept of Mind”, de 1949.

Através das palavras de Geertz (2008), observa-se algumas pistas essenciais para realização de uma investigação etnográfica, como a necessidade de estar sempre alerta e aberto para as inúmeras oportunidades de análise. Ao levantar-se a necessidade de o pesquisador perceber as possibilidades de “ir mais além”, trazendo para discussão a capacidade mímica, o ensaio ou o fingimento, como elementos que modificariam completamente os significados das ações e das relações sociais, o autor expõe a complexidade da construção de uma descrição densa. Desse modo, um pesquisador que foque excessivamente na descrição do sujeito e sua ação, corre o risco de não compreender os códigos culturais e sociais, as lógicas próprias de funcionamento daquele determinado grupo social.

Para Boumard (1999), esta capacidade de superar a superficialidade das anotações mecânicas exige do investigador um “olho etnográfico”, o qual permite compreender a inexistência de clivagens entre o sujeito e o objeto de estudo (embora seja fundamental estabelecer-se o olhar sempre para o objeto). Uma vez que não é simplesmente uma questão de ver, mas sim a “habilidade de olhar”, pois, no segundo caso, pressupõe-se estar em guarda, prestar atenção, interessar-se.

Trata-se de capturar e interpretar o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, não somente através de observações ou de pedidos de explicações sobre suas ações, mas através da experimentação e vivência destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais. Ou seja, a descrição densa é construída a partir do próprio contexto do etnógrafo (BOUMARD, 1999).

Ainda segundo o autor, para o desenvolvimento de tal habilidade, torna-se fundamental a compreensão do etnógrafo de que os conhecimentos metodológicos e epistemológicos da pesquisa se encontram imbricados. Pois, somente o trabalho que englobe esta percepção conseguirá permanecer na fronteira da produção profana das verdades locais e do reconhecimento arriscado, do ponto de vista dos próprios membros (BOUMARD, 1999).

Referindo-se ao ofício do etnógrafo, Geertz (2008, p. 7) salienta que:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar [...] Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Ou seja, mais do que levantamentos superficiais, aleatórios e desconexos, o recurso da etnografia permite a criação de elos de sentido entre os elementos mapeados, o que contribui para o entendimento de sua relevância e pertinência, confere uma dimensão analítica ao processo. Como salienta Magnani (2002, p. 17), uma explicação pelo viés etnográfico baseia-se nos *insights*, que permitem “reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa”.

Na etnografia, busca-se, em outras palavras, ler o que não está escrito, no entanto, não deixa de ser menos real devido a sua subjetividade. Do contrário, a “construção da leitura” das relações simbólicas, estudadas no *locus*, apresentaram lacunas, com falhas de sentidos e significados. Pois, “as técnicas de campo só ganham sentido a partir da descrição que dele se fizer, e a noção de descrição amplia o conceito de etnografia, não mais como um simples método de observação, mas uma **metodologia global**” (BOUMARD, 1999, p. 2, grifo do autor).

Mas, em que momentos da investigação aprende-se algo sobre o objeto estudado, para além das descrições e narrativas de versões individuais? Não é somente a utilização de um diário que atribui ao estudo um caráter etnográfico, mas a chave para esta leitura encontra-se nas descrições do diário de campo. O qual não deve cair na rotina de anotações mecânicas, que não contemplem elementos frutíferos às reflexões e interpretações.

O aprendizado ocorre quando o pesquisador, através da descrição densa, consegue acessar uma gama de “acontecimentos chaves” e “indícios” das lógicas que organizam e simbolizam o *locus* do estudo. Ação que se constitui após uma série de registros, reflexões, novas descrições, articulações teóricas, novas interpretações, as quais são realizadas dentro e fora de campo. Todo este processo de construção textual, em forma de relatórios parciais de pesquisa são as “descrições densas”. Partindo-se das ideias de Geertz (2008), Angrosino (2009, p. 32-33) a define como sendo “a apresentação de detalhes, contextos, emoções e as nuances de relacionamento social a fim de evocar o ‘sentimento’ de uma cena e não apenas seus atributos superficiais”.

Outra questão bastante relevante no desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica, discutida por Malinowski (1978), trata-se da importância da neutralidade e honestidade do pesquisador, uma vez que estas são fragilidades apontadas sobre o método. Pois o etnógrafo,

ao construir leituras sobre as relações estabelecidas por um determinado grupo social, produz conhecimento, o qual deve possuir fidedignidade com a realidade social estudada.

A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passado com um grau suficiente deste tipo de generosidade. Muitos de seus autores não utilizam plenamente o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os dados e apresentam-nos ao leitor como que extraídos do nada [...] Em obras deste tipo não há nenhum capítulo ou parágrafo destinado ao relato das condições sob as quais foram feitas as observações e coletadas as informações. Ao meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, o resultado da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseada em seu próprio bom senso e interação psicológica (MALINOWSKI, 1978, p. 18).

Buscar esta transparência, ou seja, esta distinção no texto entre o que foi observado de fato e as interpretações posteriores, torna-se essencial. Dessa forma, o etnógrafo localiza os leitores espaço e temporalmente no contexto da pesquisa, apresentando quais foram os fatores que o levaram a realizar tais interpretações. Geertz (2010) corrobora com este posicionamento, ao ressaltar que, na construção de um bom texto antropológico, o autor deve livrar-se de quaisquer pretensões.

O quebra-cabeça ganha forma, na medida em que as descrições densas fornecem elementos frutíferos para a reflexão e interpretação desta multiplicidade de códigos próprios históricos, culturais e sociais. Representados na estrutura, através dos gestos motores, das afetividades, dos valores morais e éticos dos grupos, dos ritos, dos simbolismos das ações e etc.

No decorrer deste processo, acompanhou-se os jogos de três categorias em que o amador se subdivide, são elas: a) Campeonato Amador Principal (jogadores acima de 15 anos); b) O Campeonato Amador Máster (jogadores acima de 35 anos) e; c) Campeonato Amador Sênior (jogadores acima de 45 anos). Estas partidas eram realizadas em vários campos da cidade e região, em sua grande maioria aos domingos pela manhã, o que impossibilitou a observação de mais de uma partida por rodada das competições.

Desse modo, como a profundidade de interpretação e análise é a essência da investigação etnográfica, optou-se por acompanhar, em todas as partidas, o Mirante E. C. e estabelecer através deste o olhar para os demais clubes, verificando-se as características e regras comuns, bem como as discrepâncias. Além das partidas oficiais, acompanhou-se os jogadores em seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos

amistosos, nos jogos-treino, nas peladas⁹ realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não havia jogo do amador. Foram acompanhadas, também, as festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos (torneios, festas juninas), em mutirões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, além de reuniões da diretoria do Mirante E. C. (no ano de 2017).

Esse processo investigativo teve início em 2013, com um aprofundamento bibliográfico acerca do objeto e exploração do campo, chegando à primeira saída *in loco* no dia 19 de junho de 2014, permanecendo no campo até 15 de outubro de 2017, totalizando aproximadamente 180 saídas a campo – embora seja relevante destacar que, mesmo finalizada a coleta de dados, as idas a campo continuaram. Com tempo médio de permanência *in loco* de 5 horas, passou-se mais de 900 horas no campo. Se acrescentados o tempo de deslocamento aos jogos (alguns fora da cidade), conversas com jogadores e dirigentes do clube através de redes sociais e aplicativos de comunicação – que foram desde possíveis recursos a situações da competição, situação do clube no campeonato, organização de eventos, compartilhamento de imagens e vídeos dos jogos, a assuntos pessoais como indicações de massagistas, médicos, medicamentos, locais de entretenimento (bares, circo), situações familiares e etc. –, bem como o tempo para gravação dos áudios e confecção dos diários de campo, supera-se as horas de trabalho em campo.

1.7 A BALIZA TEMPORAL DO ESTUDO COMO VARIÁVEL

Quanto à baliza temporal do estudo, desenvolvido entre os anos de 2013 a 2017, esta não foi definida *a priori*, pois compreende-se que a maior contribuição de uma investigação pelo viés etnográfico é a possibilidade de submergir verticalmente nas questões abordadas. Ao debruçar-se sobre a questão do tempo, Elias (1998b) problematiza-o defendendo a concepção de que se deve compreender o tempo cronológico ou tempo social, como um símbolo

⁹ As peladas, como são conhecidas no campo, podem ser entendidas como jogos recreativos organizados pelas equipes, em sua grande maioria, contra outros clubes, as quais possuem uma dupla função. A primeira é a da socialização, pois os próprios jogadores estabelecem as regras, deste modo, atletas veteranos e jovens dividem os mesmos espaços. A segunda pode-se entender como preparatória, pois o calendário apresentado pela Liga Amadora prevê jogos praticamente o ano todo, de fevereiro a dezembro de cada ano. Como não há um intervalo entre os campeonatos e os jogos ocorrem em sua grande maioria nos domingos pela manhã, tradicionalmente, organizam-se pelos clubes em vários cantos da cidade as populares “peladas de sábado”. Devido a estas funções, percebeu-se que estes encontros possuem um papel central no processo de formação das equipes (OLIVEIRA, 2015).

socialmente estruturado e reforçado no decorrer do desenvolvimento das sociedades. Tal símbolo originou-se devido à “aventura” que os homens se lançaram ao buscar marcar o tempo e da necessidade de orientação dos seres humanos.

Segundo Elias (1998b), o tempo não pode ser encarado como um objeto físico (a água do rio ou uma montanha), como acreditava Newton, uma vez que não se trata de uma espécie de coisa. De acordo com o autor, tal ilusão deriva de expressões como “no correr do tempo”, a qual leva a entendê-lo como algo no qual o universo se move. Em oposição a esta vertente, Elias (1998b), defende que a palavra tempo, simbolicamente, representa um parâmetro para a realização das atividades humanas, estabelecido entre dois ou mais processos. Dentre os quais, um destes é padronizado (o relógio ou o calendário, por exemplo) para referenciar e medir os demais processos.

Exercendo a função de orientação social, em sociedades mais primitivas, a noção de “tempo” baliza-se pelo amanhecer ou pôr do sol, por exemplo, tornando-se cada vez mais preciso, como a marcação dos dias no calendário ou as horas de um relógio, devido às novas necessidades da sociedade. Desse modo, ao estruturar-se através de experiências prévias de aprendizagem, tanto dos indivíduos quanto aquelas acumuladas e transmitidas de uma geração para a outra, a compreensão sobre o tempo modifica-se. Assim, o que se chamou de “tempo” no passado difere-se da compreensão que se tem hoje (Elias 1998b).

Entretanto, o que existe para Elias (1998b) é uma determinação passiva do tempo, desprovida, em muitos casos, de reflexões e tensionamentos quanto às experiências. Não se trata unicamente do “quando” ou “em que período” algo será realizado, mas sim do “como” e “em que condições”. Estas indagações merecem centralidade no processo. Ao aproximar a discussão sobre o tempo à etnografia, estas questões tornam-se ainda mais relevantes. Visto que a validação de uma experiência etnográfica não pode ser aferida através de uma baliza temporal. No entanto, é fundamental esclarecer que se corrobora com a ideia de que um estudo etnográfico não pode ser considerado “breve”, pois seria assumir o risco de tomar descrições superficiais por densas (GEERTZ, 2008). Mas o que é breve ou longo?

O tempo na etnografia não é somente uma questão horizontal e simplesmente de meses ou anos *in loco*, mas sim – e principalmente – vertical, de submersão e descrições densas. Talvez esta demarcação de laudas de descrição e tempo em campo derive das observações de estudos como: o de Malinowski (1978), que permanece mais de três anos em campo, devido à impossibilidade de retorno; ou de Wacquant (2002, p. 13), no qual o autor apresenta estes dados temporais ao relatar que iniciou seu “diário etnográfico, sem desconfiar

nem um minuto que iria permanecer na academia mais de três anos e que, assim sendo, iria acumular duas mil e trezentas páginas de notas brutas”.

Descrever a quantidade de páginas dos diários, os anos de permanência em campo, o tempo destinado a estes procedimentos, são características dos delineamentos metodológicos dos estudos. Desse modo, ao observar estas informações, o estabelecimento de parâmetros comparativos pode ser uma das possibilidades de produção e reprodução deste paradigma¹⁰ do tempo.

No entanto, ao analisar estas obras como um todo, percebe-se que a exposição numérica das três mil e trezentas laudas ou dos mais de três anos *in loco*, não foram as maiores contribuições do autor, não foram estas características que os validaram academicamente. Sua investigação, longa e trabalhosa, expressa o comprometimento do autor, que ao submergir na realidade local, apresenta como signficante sua aceitação e convivência diária com os boxeadores, evidenciados no próprio título do estudo, de “corpo e alma”.

Neste processo, o contato prévio com a temática, a autorização e a aproximação com o grupo social investigado, a realização das primeiras descrições, a aceitação do grupo, para então a realização das descrições “densas”, são etapas que se diferenciam de pesquisador para pesquisador, diferem de acordo com o grupo investigado e também com o nível de experiência dos pesquisadores em trabalhar com o método etnográfico. Dessa forma, compreende-se o tempo como uma “variável”, assim, a permanência em campo não pode ser antecipada.

1.8 ENVOLVIMENTO E DISTANCIAMENTO DE OBJETO COMO VARIÁVEIS

Se existe um consenso entre antropólogos e sociólogos adeptos à pesquisa etnográfica, este seria a necessidade de estabelecer vínculos de confiança e respeito com os sujeitos da pesquisa, de forma que estes indivíduos não se sintam constrangidos ou receosos com as ações e presença do pesquisador no ambiente.

O sucesso de uma pesquisa etnográfica depende, fundamentalmente, do bom relacionamento com os agentes sociais observados, pois, como se trata de uma investigação

¹⁰ Compreende-se paradigma a partir da perspectiva de Kuhn (2011), isto é, parte-se do entendimento de que os paradigmas são convenções científicas (fornecedoras de problemas e soluções ajustadas a um grupo de praticantes de uma ciência), universalmente legítimas, por um determinado período temporal. Para saber mais ler: KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. 10ª edição, São Paulo: Perspectiva, 2011.

com base, fundamentalmente, na observação “participante”, a interação com as pessoas e os fatos é imprescindível (MAINARDES, 2009).

A importância da construção deste vínculo para o aprofundamento das descobertas empíricas (que fomentaram os debates sobre as categorias teóricas do estudo) é exposta por Geertz (2008), como vimos acima, ao descrever a experiência vivenciada por ele e sua esposa, em um de seus estudos sobre as “brigas de galo” em uma aldeia balinesa.

Quanto a este processo de envolvimento, Wacquant (2002) chama a atenção para a necessidade de o pesquisador entrar em contato não só visual, mas também corporalmente com as práticas simbólicas do local pesquisado. Somente deste modo, segundo o autor, seria possível uma imersão completa aos *habitus* locais.

Do mesmo modo como não se poderia compreender o que é uma religião instituída, tal como o catolicismo, sem se estudar em detalhes a estrutura e o funcionamento da organização que a sustenta, no caso, a Igreja romana, também não se pode elucidar o significado e o enraizamento do boxe na sociedade norte-americana contemporânea – ou pelo menos nas regiões inferiores do espaço social, em que ele escapa de uma extinção periodicamente anunciada como iminente e inevitável – sem se examinar a trama das relações sociais e simbólicas que se tecem no interior e ao redor do salão de treinamento, meio e motor oculto do universo do pugilismo (WACQUANT, 2002, p. 31).

Ao propor-se a mergulhar na prática corporal no pugilismo, em uma situação experimental, Wacquant (2002) almejava romper com os discursos normatizados do campo, os quais, independentemente da função de exaltação ou de difamação, contribuem para uma visão alienada, devido ao olhar distante de um investigador externo ao universo específico. Desse modo, a prática corporal o permitiria retratar os boxeadores em seu *habitat natural*, despidos das representações e apresentações codificadas, feitas sobre eles ou por eles próprios em público.

Nesse sentido, o autor destaca que, ao vivenciar corporalmente a rotina dos treinamentos na academia, seria possível retratar o lado menos conhecido e espetacular do esporte, ou seja, era “preciso não subir ao ringue pensando na figura extraordinária do campeão, mas socar os aparelhos, ao lado de boxistas anônimos, no contexto habitual do *gym*” (WACQUANT, 2002, p. 22).

Se em um estudo etnográfico é preciso estudar *in loco* e estabelecer uma ligação corporal, no sentido de interagir com as práticas locais, pressupõe-se a necessidade de envolvimento. Ao mergulhar na realidade de um gueto norte-americano da cidade de Chicago, Wacquant (2002) descreve a partir de seus diários de campo, o “apaixonante” processo de envolvimento com os agentes e espaço social ao qual adentrou. Neste, a apreensão inicial com

relação à possível recepção dura, que devido a sua inabilidade no esporte poderia impedi-lo de ganhar algum capital simbólico perante o grupo é desmistificada, a ponto de que o sociólogo-pugilista, no decorrer de suas experiências, vê-se em uma encruzilhada sobre ser um sociólogo ou um lutador de boxe.

Vale ressaltar que a intenção de tal exemplificação não está em estabelecer críticas à postura de Wacquant (2002). Pelo contrário, através da citação acima e das demais notas etnográficas apresentadas, verifica-se o viés do envolvimento, entretanto, nota-se que há, por parte do pesquisador, a percepção de sua posição dentro do campo. O processo torna-se perigoso quando o pesquisador não é capaz de visualizar sua postura dentro da estrutura. Seu orientador, Pierre Bourdieu, assume também o papel de o retirar da zona de risco.

A indicação é a de que, ao adentrar o campo social de investigação, o pesquisador policie-se, para não ultrapassar a fronteira tênue entre a aproximação excessiva e o distanciamento infrutuoso. Nesse contexto, a constante reflexão sobre os diversos instrumentos metodológicos utilizados pelo pesquisador, na construção dos conceitos e categorias teóricas, exige de quem os utiliza uma constante vigilância, no sentido bourdieusiano do termo.

Bourdieu e Wacquant (2005) alertam que, quanto maior o interesse e o envolvimento com o objeto de estudo, maior deve ser, também, a vigilância reflexiva, pois, somente através dela, será possível escrever sobre o que se propõe, sem ser motivado pelos sentimentos individuais.

Cada vez que tratamos con la cultura, el arte, o la ciencia, por no hablar de la filosofía y la sociología, mayor es la necesidad de ejercer la vigilancia reflexiva: objetos de interés directo para pensadores y científicos, objetos que los absorben profundamente. Es especialmente necesario, en estos casos, romper con las representaciones espontáneas vigentes en el mundo intelectual (BOURDIEU; WACQUANT, 2005, p. 139).

Ao adentrar em um grupo social, o etnógrafo estabelecerá alguns contatos iniciais, estes indivíduos por sua vez, podem apresentá-los a outros membros do grupo. Assim, o pesquisador inicia a construção de seus primeiros mapas locais, realizando as primeiras observações e, com o decorrer da investigação, aproxima-se mais destes indivíduos. Mas seu olhar, seguindo a perspectiva de Boumard (1999), contempla toda a estrutura ou encontra-se alienado, pela perspectiva de apenas alguns nativos?

Angrosino (2009, p. 50) alerta para este cuidado, ao descrever que a associação com personagens emblemáticos pode limitar as possibilidades de conhecer o grupo social por

outras perspectivas. “Não se deixe ‘captar’ pelas primeiras pessoas que fizerem você se sentir bem acolhido. Nada é mais natural do que sentir alívio quando alguém – qualquer pessoa! – fala com você e parece se interessar por seu trabalho”.

Esta questão deve ser bastante clara para o etnógrafo, visto que, durante o desenvolvimento de seu estudo, o distanciamento ou a aproximação com alguns grupos ou indivíduos variará, de acordo com o aumento ou diminuição das pressões sociais e mentais destes e daqueles (ELIAS, 1998a). O “envolvimento” ou a “alienação” (a qual traz-se representada pela palavra distanciamento no caso etnográfico ou desconhecimento das lógicas do grupo social), podem ser ilustradas e compreendidas através de uma escala de extremos, onde o indivíduo (pesquisador) encontra-se localizado em algum ponto.

Para Elias (1998a), sempre que se busca dizer algo, partindo da perspectiva do outro, este olhar encontra-se alienado ou envolvido pela temática. Logo, as reflexões sobre o objeto de estudo devem contemplar estas variáveis, do contrário, as descrições densas estarão comprometidas. Novamente, o autoconhecimento e a autocrítica apresentam-se como características essenciais, para quem se aventura no campo da etnografia.

Romper barreiras, cruzar a linha entre a invisibilidade e o pertencimento, requerem do pesquisador disposição, comprometimento e uma disciplina rigorosa quanto às incursões *in loco*. Entretanto, este envolvimento (necessário) deve estar sempre em um estado de equilíbrio, visto que os extremos, causados pelo distanciamento (descrições “alienadas”) ou pelo envolvimento (sentimento de pertencimento ao grupo), são prejudiciais ao desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, a opção de o pesquisador-orientador da investigação não realizar as saídas *in loco* com o mestrando, tornou-se imprescindível na busca deste equilíbrio, pois toda vez que o mestrando mergulhava demasiadamente na realidade investigada, as indagações realizadas nos momentos de orientação o içavam para uma zona “segura”. Em virtude desta posição, optou-se por apresentar as descrições provenientes dos diários de campo em primeira pessoa, embora se reconheça estar cometendo um “erro” gramatical. Porém, entende-se que descrever os diários na terceira pessoa poderia comprometer a interpretação destas experiências vivenciadas individualmente. Não obstante, o “eu” nunca esteve sozinho.

2 OS PRIMEIROS PASSOS *IN LOCO*

Como exposto no capítulo anterior, em uma pesquisa etnográfica, existem alguns passos a serem percorridos antes da entrada *in loco* e da realização das descrições “densas”. Desse modo, pretende-se descrever nas páginas seguintes este empreendimento. É importante salientar que as vivências descritas neste capítulo ocorreram anteriormente ao ingresso no mestrado, durante o desenvolvimento do projeto de iniciação científica, porém, por considerar estas informações de fundamental importância para a contextualização dos acontecimentos que nos levaram a estabelecer as categorias de análise, torna-se relevante descrevê-las e discuti-las na presente pesquisa.

Após o contato prévio com a temática, identificou-se algumas similaridades entre as investigações que abordam o futebol amador em seus diferentes contextos, percebeu-se que um dos pontos de partida das pesquisas encontrava-se nas estruturas responsáveis pelo fomento das competições. Destarte, realizei a primeira visita à sede da LFPG, na quinta-feira dia 19 de junho de 2014.

Conforme pré-estabelecido, em um contato prévio por telefone, cheguei com 15 minutos de antecedência, para a reunião (conversa) prevista para as 14 horas. Adentrei ao local onde funcionava a instituição, pela porta dos fundos do ginásio, subi dois andares de escadas, até um corredor escuro, devido às luzes estarem apagadas, que me levou à sala destinada às atividades da Liga. Nesta ocasião, encontravam-se no local o então presidente da LFPG e uma auxiliar, que me atendeu e solicitou que eu aguardasse o presidente encerrar uma ligação.

Durante este período, que durou alguns instantes, na própria sala, pois não havia divisórias ou local específico para espera, verifiquei que se tratava de um espaço bastante reduzido e sem iluminação natural, o que deixava o local escuro e abafado. No canto oposto à porta de entrada, estava o presidente, que conversava ao telefone, em sua mesa estavam uma impressora e um computador branco antigo. Em frente a ela, havia outra mesa, utilizada por sua auxiliar, repleta de documentos em toda sua extensão. Ao lado esquerdo da mesa do presidente, localizavam-se dois armários, um de metal e outro mais antigo, de madeira, com as portas de vidro, pelas quais foi possível observar inúmeras caixas. Havia, também, inúmeras caixas pelo chão e cadeiras sobrepostas umas às outras na parede próxima à porta.

Encerrada a ligação, ele levantou-se vindo em minha direção, cumprimentou-me e pediu desculpa pelo local estar todo bagunçado, pois estavam em um período de transição dos espaços. Entretanto, constatei, com outras visitas ao local, que a “bagunça” não se tratava de

uma situação esporádica. Circunstâncias semelhantes às descritas por DaMatta (1997), ao referir-se ao universo da “casa”, o qual sempre se busca “organizar” quando se recebe visitas. Do contrário, a bagunça ou desordem, é justificada por algum imprevisto. Não obstante, se a visita (pesquisador) permanecer rotineiramente na casa, perceberá que estas situações fazem parte da rotina do local.

Novamente, apresentei-me, expliquei os objetivos do estudo e realizei algumas perguntas referentes à dinâmica de funcionamento das competições, sobre os agentes envolvidos, os clubes, as filiações, as finalidades, datas dos jogos, etc. O presidente respondeu algumas destas questões, mas alegou não poder fornecer maiores informações, pois, como muitos dos documentos estavam encaixotados, orientou-me a voltar em outro momento, também porque possuía outro compromisso e não teria a oportunidade de acompanhar o processo. Assim, perguntei a ele se não havia ao menos alguns dados que pudessem ser fornecidos naquele momento. Prontamente, ele pediu a sua assistente que verificasse o que se encontrava de documentação em seu computador.

Passado alguns minutos, ela entregou-me um conjunto de papéis, contendo, uma lista com os nomes dos ex-presidentes da Liga e os respectivos anos em que desempenharam o cargo, uma lista com o nome dos clubes campeões da categoria principal do amador e os respectivos anos dos títulos e uma lista com a relação dos estádios da cidade, na qual havia também o nome do responsável e seu telefone para contato. Após a entrega deste material, em tom de encerramento do diálogo, o presidente colocou-se à disposição para maiores esclarecimentos futuramente e convidou, como “bom anfitrião”, para um possível retorno à sede da LFPG (DC, 19 de junho de 2014).

Em virtude de outras demandas e do tempo para percorrer o trajeto até a universidade, para as aulas no período noturno no Curso de Licenciatura em Educação Física, optou-se por iniciar, no dia seguinte, as tentativas de contato com os representantes dos clubes, intentando uma sinalização positiva para realizar as saídas a campo. Para tanto, foi seguida a ordem em que se encontravam dispostos na lista os contatos dos agentes responsáveis pelos estádios. Embora existissem mais estádios, a lista contemplava sete destes, dispostos da seguinte forma: 1) Clube Associativo Ortodoxo “A”; 2) Clube Associativo “D”; 3) Mirante E. C.; 4) Clube Social Ortodoxo “B”; 5) Clube Social “E”; 6) Clube de Vila “H”e; 7) Clube Empresa “C”.

Destarte, realizei a primeira ligação para o “responsável” pelo Clube Associativo Ortodoxo “A”, o qual atendeu, mas informou que se encontrava afastado das atividades, orientando-me a ligar para outro agente, o qual informou o contato. Este, por sua vez, não

atendeu as ligações. O segundo número da lista, do responsável pelo Clube Associativo “D” era inexistente. Portanto, liguei para o terceiro estádio ou clube da lista, o Mirante E. C., o sujeito que atendeu orientou-me a ligar para o seu Sebastião, ou apenas seu Tião, este, segundo ele, saberia dar-me maiores informações sobre as atividades realizadas pelo clube. Anotado o contato do seu Sebastião, liguei de imediato para este agente, o qual atendeu.

Apresentei-me e expliquei de maneira sucinta as intenções da investigação. Seu Sebastião demonstrou-se bastante atencioso e prestativo, informando detalhadamente as datas e locais dos jogos do clube. Foi possível perceber, pela entonação de voz, certo entusiasmo ao apresentar nosso interesse em estudar o futebol amador da cidade, principalmente devido ao vínculo com a Universidade Estadual de Ponta Grossa. Como este agente encontrava-se em horário de trabalho, ele convidou-me a comparecer ao estádio do Mirante E. C., no próximo domingo, o qual realizaria seu primeiro jogo no campeonato amador de futebol daquele ano, em casa (DC, 20 de junho de 2014).

Destarte, realizei a primeira saída *in loco*, no dia 22 de junho de 2014. Como o horário da partida estava previsto para as 10 horas da manhã, cheguei às 9:15 horas no estádio do clube, localizado em um bairro tradicional da cidade. Quando estava próximo ao local, verifiquei que o portão principal se encontrava fechado, assim, percorri a lateral do estádio que faz divisa com a rua, separado por um muro antigo com as marcas de alguns patrocinadores pintados neste, até a entrada pelos fundos. Assim, prossegui por uma pequena rua paralela aos fundos do estádio, através da qual observei sete indivíduos com latinhas de cerveja nas mãos, acompanhando a partida através do alambrado dos fundos, em torno de um carro estacionado com o porta-malas aberto e o som ligado em volume que permitia conversa, tocando música sertaneja. Mais adiante, avistei um gramado na lateral oposta à da rua, utilizado como estacionamento.

Ao adentrar pelos portões próximos ao vestiário, tive uma primeira impressão, confirmada posteriormente no decorrer das incursões *in loco*, de que todos, ou quase todos, os frequentadores destes espaços sociais conheciam-se. Quanto mais aproximava-me em direção ao local de concentração do grupo, próximo ao bar/lanchonete, em baixo da sombra de dois pinheiros, maior era a quantidade de olhares que me acompanhavam pelo caminho. Alguns destes seguidos por cumprimentos (balançares de cabeça) ou certa desconfiança, outros, porém, sequer importaram-se ou perceberam minha presença.

Tão logo perguntei por seu Sebastião, a um indivíduo que se mostrava mais predisposto a iniciar algum diálogo, já o observei vindo em minha direção, como se soubesse que o único estranho naquele local, seria aquele que o contatou anteriormente. Novamente,

ele apresentou-se bastante simpático, falou para que eu ficasse “à vontade”, para tirar fotos e assistir à partida, porém, logo encerrou o diálogo e entrou no vestiário, juntamente com o técnico e os jogadores do clube. Assim, busquei encontrar algum espaço entre os torcedores no alambrado e realizar as descrições iniciais deste contato (DC, 22 de junho de 2014).

Ainda sobre a estrutura do estádio do Mirante E.C., ele é próprio do clube, há vestiários para os jogadores, para o time visitante e para os árbitros, todos com porta e chaves. Dentro do campo, há espaço para os jogadores reservas ficarem durante a partida; entre os bancos, existe um local específico para os árbitros e auxiliares da Liga (súmulas e afins); acima desta estrutura há uma área que serve para a imprensa em geral realizar cobertura (filmagem, transmissão radiofônica e etc.), porém, é utilizada com frequência, pelos filhos mais jovens dos jogadores.

Fora do campo, existe uma área utilizada para sociabilidade dos torcedores, jogadores e dirigentes, sendo ela composta por um bar/lanchonete, onde se vendiam cervejas, refrigerantes, salgados e etc., próximo a ela uma churrasqueira com uma bancada. Do lado oposto, localizavam-se os banheiros para ambos os sexos, ao lado dos banheiros havia uma mesa, com uma televisão de 29 polegadas, modelo tubo, onde passava o programa “Esporte Espetacular” e, no interior deste espaço, uma mesa de sinuca e algumas mesas e bancos fabricados pelos próprios agentes do clube. Tanto os móveis quanto os demais espaços do estádio, intercalavam as cores do clube como predominantes.

Sobre o jogo do Mirante E. C., cerca de 50 pessoas acompanhavam a partida, predominantemente do sexo masculino. O público era composto por familiares (filhos, filhas, esposas ou pais), por amigos e moradores próximos ao clube. As conversas giravam em torno dos mais variados temas, desde economia e política a nível nacional, a esportes de modo geral e futebol, tanto sobre os grandes clubes brasileiros, quanto os campeonatos de clubes associativos e torneios da cidade.

Com o término da partida, esperei seu Sebastião sair de campo com os atletas e ensaiei uma possível conversa mais detalhada. Ele aproveitou a ocasião e me apresentou ao presidente do Mirante E. C., (o qual não foi mais visto por um longo período de tempo). Este se colocou à disposição para possíveis conversas e entrevistas, comprometeu-se a levantar documentos (reportagens, atas, fotos, troféus e etc.), relacionados ao Mirante E. C., que estavam na posse de antigos diretores e jogadores, pois o clube não possuía acervo de memórias ou algo do gênero. Porém, ambos se despediram o mais rápido possível, alegando ir a lanchonete tomar uma “cervejinha” com os jogadores (DC, 22 de junho de 2014).

Como tratava-se da primeira saída *in loco* e também dos primeiros contatos com a etnografia, muitas dúvidas emergiram sobre qual a melhor postura a ser adotada. Entre a possibilidade de solicitar a permissão para acompanhá-los naquele momento – que se acredita hoje que seria concedida tranquilamente – e aguardar o convite dos agentes para participar deste rito. Optei pela segunda, aceitando os cumprimentos e despedindo-me dos agentes, dirigindo-me para fora das dependências do clube. Antes de ir, apenas perguntei quando e onde seria a próxima partida do Mirante E. C., prontamente respondida por seu Sebastião, que ocorreria no estádio do clube, no próximo domingo, contra o Clube Social Ortodoxo “B” e, na sequência, contra um Clube Visitante, pela terceira rodada da competição.

Após esta partida inaugural, acompanhei o Mirante E. C. em mais três jogos em casa e dois jogos fora, totalizando seis partidas. O campeonato amador principal de 2014 contou com a participação de 15 equipes, divididas em: Grupo A (oito equipes) e Grupo B (sete equipes). Em cada grupo, todos os clubes jogaram entre si, em turno único, classificando para a segunda fase, os quatro melhores colocados. O Mirante E. C. ficou no Grupo A, deste modo, estavam previstas sete partidas durante a primeira fase, porém, o sétimo jogo não ocorreu, devido ao não comparecimento dos adversários (sem chances de classificação). Embora o Mirante E. C. fosse o visitante, o jogo seria realizado em seu estádio, pois o clube não concordou em ir para a cidade vizinha enfrentar o adversário forasteiro, mas cederia o campo para o jogo.

No decorrer da primeira partida observada e nos jogos seguintes, as tentativas de aproximação com o grupo foram em certa medida frustrantes. As rodas de conversa apresentavam-se impenetráveis, não pela frieza, mas pelo excesso de calor dos diálogos. À primeira vista, todos aparentavam possuir um poder de retórica e um conhecimento bastante específico do campo (sobre as demais equipes do amador, quem mudou para que time, sobre os campeonatos de clube associativos, além de questões familiares, como condições de saúde, entre outras), que calava a voz de qualquer forasteiro ou indivíduo desprovido de tal qualidade. A curiosidade, convertida em perguntas, característica de um bom etnógrafo, apresentava-se como a maior dificuldade a ser enfrentada. Não obstante, devido a esta barreira, foi possível verificar a importância das narrativas e dos discursos no estabelecimento das posições sociais e das relações interpessoais.

Embora se tivesse certo nível de conhecimento sobre o mundo do futebol, como espectador e jogador, pois durante a infância e adolescência havia disputado competições locais e estaduais, representando a cidade ou localidades vizinhas (principalmente competições em categorias de base), não me era permitida a participação nos relatos de

experiências durante o desenrolar das partidas. Desse modo, a impressão de familiaridade com o campo futebolístico não escondia o completo desconhecimento sobre esta outra face do futebol presente na cidade, a qual buscava-se redescobrir através da visão destes agentes. Neste período de observações, pouco frutíferas foram as anotações, pois, de acordo com os locais dos jogos, existiam rituais específicos, os quais não foram possíveis de explorar densamente *a priori*, devido ao pouco envolvimento com os agentes.

Mesmo com a desclassificação do Mirante E. C., continuei acompanhando o campeonato amador principal. Devido às datas, foi possível presenciar três partidas referentes às quartas de final da competição (a primeira no dia 17 de agosto, a segunda no dia 24 de agosto e a terceira no dia 31 de agosto), uma referente às semifinais (no dia 07 de setembro) – pois nas partidas de volta, realizadas no dia 21 de setembro, também ocorria simultaneamente a partida entre Mirante E. C. *versus* Clube Visitante “B”, válida pela 2ª rodada do campeonato amador categoria Sênior. Uma vez definida a opção metodológica de acompanhar preferencialmente o clube, não foi possível acompanhar o segundo jogo das semifinais, o mesmo ocorreu com o primeiro jogo da final do campeonato amador categoria principal, disputada no dia 19 de outubro, pois, paralelamente a ela, o Mirante E. C. jogava pela 6ª rodada do Sênior.

Nos meses de setembro e outubro, a comunicação e a observação dos jogos foram dificultadas pelo período de campanha eleitoral, até a realização do 1ª e 2º turnos das eleições presidenciais. Os meios de comunicação (*blogs* e *sites*) que divulgavam as notícias do futebol amador passaram a realizar campanhas, dificultando o acesso às informações sobre as datas, locais e horário dos jogos. Neste processo, tais informações pararam de ser atualizadas pelo site da A.R.A.P.G. (Associação de Representantes e Árbitros de Ponta Grossa), pois cada partida foi decidida em comum acordo entre os clubes. Desse modo, ao acionar os contatos até então estabelecidos, estes alegavam não saber ao certo sobre a realização ou não dos jogos – a proposta de me retornar a ligação quando tivessem as informações nem sempre ocorria, ou tratava-se já de um retorno para avisar o resultado do jogo. Assim, não acompanhei a 1ª rodada do campeonato amador categoria Sênior, disputada por alguns clubes no dia 14 de setembro. Já a 3ª rodada prevista para dia 28 de setembro, entre Mirante E. C. *versus* Visitante “C”, a qual embora tivesse deslocado-me ao estádio do Mirante E. C., não ocorreu devido às fortes chuvas. Também a 4ª rodada prevista para o dia das eleições 05 de outubro.

Em virtude desta dificuldade de comunicação, retornei ao estádio do clube para acompanhar a partida entre Mirante E. C. *versus* Clube Visitante “C”, conforme mencionado acima. Imediatamente, percebi que, embora se tratasse de outra categoria, grande parte dos

agentes envolvidos com as atividades do clube (técnicos, diretores, jogadores e torcedores) eram os mesmos, com algumas alterações de papéis; ou seja, jogadores da categoria principal passaram a desempenhar o papel de torcedores, outros agentes que acompanhavam a categoria anterior na torcida, passaram a jogar pelo clube.

Logo nas primeiras palavras trocadas com seu Sebastião e com os demais agentes, percebi que o retorno ao clube foi visto de maneira mais familiar pelo grupo social, e também compreendi o porquê de determinadas desconfianças para com o trabalho realizado. Ao verme adentrando o espaço, seu Sebastião dirigiu-se em minha direção dizendo: “– Achei que não viria mais, volta e meia vem um aí ‘estudar’, mas anota o que precisa, pergunta as coisas pra gente e não volta mais”. Outro agente deslocou-se em nossa direção, falando em tom de pergunta e ao mesmo tempo exclamação: “– O jornalista está aí de novo, não conseguiu terminar o trabalho ainda?”. Busquei então responder de forma mais detalhada a proposta da pesquisa e percebi durante o discurso, que estes passaram a estabelecer um olhar diferente sobre quem eu era, de modo que o “fique à vontade” dito inicialmente por seu Sebastião, deu lugar a questões, como: “Do que você precisa?” ou “Como podemos ajudar?” (DC, 21 de Setembro de 2014).

Neste contexto, o ato de continuidade do estudo, atribuiu certo respeito perante o grupo. Porém, a participação nos ritos de preparação dos atletas para os jogos, ainda se apresentava como algo distante, primeiro precisava legitimar-me enquanto um “torcedor”, alguém comprometido com o clube. Visto que o olhar destes agentes sobre minha presença no espaço e posição, a de “jornalista” distanciava-me. Se o *status* de tal profissão permitia-me entrar e sair de campo sem possíveis problemas com a arbitragem ou até mesmo acessar os vestiários, este também me impedia de uma aproximação “informal”, de uma conversa desprestenciosa. Pois os discursos dos agentes eram normatizados, seguindo um certo padrão de entrevista, ou seja, eu não conseguia conversar, pois todo início de diálogo, independente de câmeras ou gravadores, eram interpretadas como entrevistas.

Recorrendo a Goffman (2002, p. 12), estas situações podem ser compreendidas, para o autor, devido ao fato de que, quando uma pessoa se encontra na presença de outra, existem, geralmente, razões pelas quais esta busca transmitir ao outro as impressões de si que lhe convém, assim, “os fatos decisivos estão além do tempo e do lugar da interação, ou dissimulados nela”.

Neste cenário, o contato apenas nos dias dos jogos, também se tornava pequeno para que submergisse na realidade do clube e superasse as especulações superficiais, com inferências alicerçadas em experiências consistentes. Principalmente, porque o foco da

investigação encontrava-se nas interações e práticas simbólicas dos jogadores do campo futebolístico amador, destarte a visão “de fora” do campo, através do alambrado permitia apenas algumas percepções, por meio de conversas soltas, ditas entre o percurso da porta do vestiário até o portão de entrada no campo, no caso do estádio do Mirante E. C., em outros estádios, nem isso me era permitido.

O envolvimento do mestrando com o esporte, que se acreditava merecer uma constante vigilância reflexiva (BOURDIEU; WACQUANT, 2005), para não cruzar as barreiras entre a produção do conhecimento científico e a paixão, visto que existia tal proximidade com o futebol, tornou-se um dos principais fatores, para a aceitação do grupo. No jogo do Mirante E. C. *versus* Clube Empresa “A”, válido pela 6ª Rodada do Campeonato Amador Sênior, percebi que as vivências de infância e adolescência nos campos de futebol da cidade seriam fundamentais.

Quando seu Carlos (técnico do Mirante E. C. na categoria Sênior) chegou ao estádio do clube, estava em uma roda de conversa, com seu auxiliar técnico, com um dos diretores do clube, três jogadores do Sênior e quatro torcedores veteranos (ex-jogadores). Seu Carlos cumprimentou a todos, um a um, e pela maneira com que os dirigentes, jogadores e veteranos estenderam a mão e o abraçaram, percebia-se visivelmente seu capital simbólico perante o grupo.

Ao cumprimentar-me, foi bastante caloroso, pois nos conhecíamos de longa data, inclusive joguei pelo time de sua empresa e com seu filho em outros clubes da cidade. Alegou ver-me no alambrado na partida anterior entre Clube Empresa “E” *versus* Mirante E. C., dia 12 de outubro, mas que não pode falar devido a um compromisso familiar que o levou a sair às pressas do estádio do adversário.

Naquele momento, seu Carlos realizou várias perguntas sobre minha família, principalmente sobre meu pai, pois eram companheiros de arquibancada; sobre a universidade; sobre o futebol; e, também, sem interrupções, narrou alguns dos jogos dos quais participei (defendendo o mesmo clube que seu filho). Enfatizando um confronto entre o Clube Associativo “C”, no qual jogava, *versus* Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC), clube que representava a cidade nas competições estaduais, válido pelo Campeonato Municipal Sub-17 da cidade, em 2011.

Tal jogo foi narrado por seu Carlos com riqueza de detalhes, a chuva no segundo tempo, nossa vitória por 1x0, o zagueiro de 13 anos do Clube Associativo “C” responsável por marcar o melhor jogador do OFEC “e da cidade”, a bola na trave, a falta defendida nos

acréscimos da partida, foram os elementos de uma dramatização que me colocou, juntamente com seu filho, como heróis daquela vitória (DC, 19 de outubro de 2014).

Chama-se a atenção para a eficácia dos detalhes, pois certas ações poderiam ser suprimidas desta narrativa, por não interferirem em seu desfecho, porém foram repetidas, adquirindo uma função de demarcação de oposições na narrativa. Ou seja, a chuva no segundo tempo do jogo ou então a bola na trave, poderiam ser suprimidas por seu Carlos, ao narrar aquele jogo, pois não influenciariam no resultado da partida. O atleta de 13 anos, responsável por marcar um atleta de 17 anos, que possuía ainda o *status* de melhor jogador da cidade (de acordo com o narrador), demarcava posições distintas entre os clubes, a do “favorito” e do candidato a vencê-lo, que superou as dificuldades e assim ocorreu.

A partir destes detalhes, seu Carlos não só envolveu a todos, despertando lembranças de jogos em condições semelhantes, como aproximou aquela equipe sub 17, das condições de jogo do Mirante E. C., o que sempre enfrenta diversas dificuldades para a classificação. Estes detalhes cumpriram um papel eficaz, aproximando o pesquisador aos agentes desta estrutura social.

Através desta experiência, abriu-se ao menos uma fenda, para transpor a barreira invisível que dificultava este processo de aproximação. Após o episódio, os diálogos tornaram-se mais calorosos, ganhou-se algum espaço nas rodas de conversa pré e durante os jogos. Como destaca Geertz (2008), sobre o processo de aproximação, passou-se a falar a mesma língua ou, neste caso mais especificamente, foi-se autorizado a falar. Não obstante, o ritual de confraternização pós-jogo, ainda se apresentava como uma incógnita. A não classificação do Mirante E. C., para a segunda fase do Sênior dificultou novamente este processo de observação.

A categoria Sênior do amador contou com a participação de 14 equipes, divididas em Grupo A e Grupo B, ambos com sete equipes, tendo a mesma dinâmica de organização da categoria principal. Após o término da primeira fase do Sênior, acompanhei dois jogos das quartas de final, o primeiro entre Clube Associativo Ortodoxo “A” *versus* Clube Visitante “C”, no dia 9 de novembro, e o segundo entre Clube Empresa “B” *versus* Clube Social Ortodoxo “B”, no dia 16 de novembro. Nas semifinais, ao invés de acompanhar uma das partidas, optou-se por observar a final do campeonato amador principal, que ocorreria também no dia 23 de novembro, adiado diversas vezes devido ao período de eleições. Observou-se, também, a primeira partida da final do campeonato amador Sênior, entre Clube Associativo “C” *versus* Clube Visitante “C”, no dia 07 de dezembro.

Embora não se acompanhasse o Mirante E. C., após o término das primeiras fases das competições, o contato com estes agentes foi mantido através dos alambrados, nas demais fases dos campeonatos. Assim, verificou-se a existência de uma grande rede de sociabilidade, que transcende às barreiras geográficas dos clubes. A percepção inicial, de que todos se conheciam, descritas nos primeiros diários de campo, não só se apresentava verdadeira, como estendia-se a todo o campo futebolístico amador da cidade.

De acordo com Simmel (2006) a sociabilidade deve ser compreendida como uma forma de sociação. Esta por sua vez, é a maneira através da qual os indivíduos se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade, motivados por interesses em comum, sejam eles momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes.

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal (SIMMEL, 2006, p. 64).

Não obstante, diferentemente de outras sociações, nas relações de sociabilidade as alegrias individuais encontram-se ligadas a felicidade coletiva. Por esse motivo a sociabilidade desperta segundo Simmel (2006) um tipo puro, claro e atraente de relações sociais *entre iguais*, ou seja, a sociabilidade demanda que os agentes envolvidos nesta relação desapeguem de certos valores e modos de agir, modificando seus significados para se tornarem sociavelmente iguais.

Compartilhando os mesmos valores, em uma espécie de jogo de “faz de conta”, as relações de sociabilidade transferem todas as exigências de “caráter sério e até mesmo trágico em muitos sentidos, para o plano do jogo simbólico de seu reino de sombras, no qual não há atritos, justamente porque as sombras não podem colidir umas com as outras” (SIMMEL, 2006, p. 78).

No campo futebolístico amador de Ponta Grossa, esta rede de sociabilidade, constitui-se dentro e fora de campo, por relações que se assemelham, em certa medida, ao exposto por Gastaldo (2010, p. 318), em um estudo antropológico sobre as relações sociais nos bares, motivadas pelo futebol.

Outra pré-condição para o estabelecimento de uma relação jocosa futebolística é o compartilhamento de informações acerca do contexto futebolístico pelos participantes. Não apenas a situação presente das equipes, mas também os principais jogos e eventos do passado, os nomes e características dos jogadores, sua situação

no clube, os eventos ocorridos nos últimos jogos, a posição de cada clube na tabela e assim por diante, são elementos fundamentais nestas práticas de sociabilidade. [...] Assim, a participação em situações de relação jocosa futebolística depende, em boa parte, da constante atualização dos/as participantes sobre os fatos do futebol, no passado, no presente, e mesmo em relação a previsões - sensatas ou não - sobre o futuro imediato: quem vai ganhar o jogo de hoje? E o campeonato?

Assim como o exposto pelo autor, percebeu-se que os palpites, as discussões técnico-táticas sobre as equipes, se tornariam essenciais para qualquer tentativa de inserção em um destes grupos. Mesmo com poucas informações sobre o futebol amador da cidade divulgada pela mídia de forma regular, restritas às notícias publicadas por um *blog* e, nos últimos anos, (2016-2017) por um *site* especializado em esportes, os agentes destas estruturas mantinham uma rede de informações atualizada, sobre os resultados dos jogos, classificação, cartões, suspensões, lesionados, até mesmo jogadores que recebem remuneração, entre outras.

FIGURA 1 – Torcedores e auxiliares técnicos do Mirante E. C. discutindo as probabilidades de classificação das deferentes equipes, em torno de uma tabela, que contém a classificação do campeonato amador e os jogos da rodada, escrita manualmente por um deles.



FONTE: OS AUTORES.

Para o estabelecimento dos diálogos com os agentes, exigia-se uma preparação prévia às idas a campo, não só com relação aos campeonatos amadores, mas também sobre as competições estaduais (Campeonato Paranaense de Futebol e Futsal), competições nacionais (Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro Série A e B) e internacionais (Copa Sul-Americana,

Libertadores da América, Eliminatórias da Copa 2018, Olimpíadas e etc.). Devido a estas vivências cotidianas, recebeu-se o primeiro convite para um churrasco, a ser realizado nas dependências do estádio do Mirante E. C.

Após a final do Campeonato Amador Principal de 2014, disputada entre Clube Associativo Ortodoxo “A” *versus* Clube Social Ortodoxo “B”, alguns membros do Mirante E.C. convidaram-me para participar de uma confraternização de encerramento do ano. A impossibilidade de participar daquele momento, devido a uma viagem para apresentação de um estudo em um congresso acadêmico em Natal-RN, foi em certa medida decepcionante devido à longa espera deste convite (DC, 23 de novembro de 2014).

2.1 ENTRE O ALAMBRADO E O BAR: SUPERANDO A PRIMEIRA CAMADA DO PROCESSO DE ACEITABILIDADE

Devido à desistência de um dos clubes do campeonato amador categoria Máster de 2015, o retorno ao estádio do Mirante E. C. foi adiado por mais uma semana, pois o clube enfrentaria esta equipe na 1ª rodada. Assim, o jogo válido pela 2ª rodada do Campeonato Amador Máster de 2015, entre Mirante E. C. *versus* Clube de Vila “A”, realizado na manhã de domingo, no dia 1 de março, marcou o retorno ao campo. Estruturalmente, tudo permanecia como no término das atividades em 2014, com três exceções: a mesa de sinuca não se encontrava mais no bar, o gramado estava cortado e alguns pilares foram pintados nas cores do clube. Para além das pequenas “melhorias” (termo nativo), a vitória do Mirante E. C. por 3x1 fomentou discursos de empolgação e esperança, de um ano melhor do que foi o anterior.

Se por um lado, minha ausência na confraternização de fim de ano não causou qualquer resistência, por outro, tornava-se fundamental para o avanço das reflexões, submergir, de fato, na realidade local. Desse modo, era preciso vencer o estranhamento por completo, o que nos permitiria construir descrições “densas”, sobre o que se observava naquele campo social.

Nesse contexto, pode-se atribuir a três situações a superação de diferentes camadas de envolvimento. A primeira delas, descrita neste tópico, ocorreu nos alambrados do estádio do Mirante E. C., quando se verificou no ato de “dividir”, a possibilidade de estreitamento das relações com estes agentes sociais. Durante os espaços de socialização, antes e após os jogos, o consumo de “cerveja”, comumente chamada de “gelada”, era frequente e permitia exemplificar uma das principais regras de convívio nas dependências do clube.

Durante as várias saídas de campo realizadas até aquele momento, havia-se verificado que, antes mesmo do iniciar as partidas, já se organizavam rodas de conversa em torno de garrafas de cerveja, as quais eram compartilhadas entre todos. Observou-se, também, que muitos jogadores, torcedores e dirigentes não consumiam cerveja, ingerindo apenas suco ou refrigerante. Estes não sofriam qualquer gozação ou piadas pela escolha, com exceção daqueles que habitualmente bebiam cerveja e devido a algum motivo peculiar optavam por não consumir a bebida naquela ocasião.

Desse modo, até então, havia-se optado por não consumir cerveja, tanto por uma questão financeira¹¹, quanto pelo gosto. Não obstante, em busca de um estreitamento das relações, na próxima oportunidade em que me ofereceram um copo, aceitei o convite e pude perceber, um código bastante interessante. Pois, como destaca Malinowski (1978, p. 23), o “Etnógrafo não tem apenas de lançar as redes no local certo e esperar que algo caia nelas. Tem de ser um caçador activo e conduzir para lá a sua presa e segui-la até aos esconderijos mais inacessíveis”.

Em um desses momentos, enquanto acompanhava o jogo na beira do alambrado, sem gols ou lances empolgantes, chegou um torcedor. Ele acompanhava esporadicamente os jogos, mas mantinha uma forte relação de amizade com os demais agentes. Ao observar que eu estava com um copo de cerveja na mão, imediatamente dirigiu-se em nossa direção, provocando-me e apontando os possíveis culpados por corromper-me. Após dividirmos cinco garrafas de cerveja, este mesmo torcedor, que chamarei de Geraldo, foi ao bar e retornou com duas garrafas cheias.

Enquanto servia cada um dos seis copos da roda, deixando o seu por último, Geraldo realizava em voz alta uma reflexão. “– Esta garrafa é igual nossa vida, as coisas que temos na vida, a gente pode tomar ela sozinha, daí bebemos mais, mas a gelada fica quente. Dividindo, todo mundo toma igual e ainda geladinha (risos), na vida podemos fazer as coisas sozinho ou aproveitar com os amigos”. Na sequência, seu Sebastião faz piada com o comentário, chamando-o de “filósofo do caneco”, seguido por risos, Renatão (outro torcedor da roda) faz uma nova piada, “– Você gosta de dividir porque paga menos e bebe a cerveja dos outros, seu jaguara. Não paga metade do que bebe”, seguido novamente por várias gargalhadas. Passou-

¹¹ Durante o período de graduação, fiz a opção por dedicar-me exclusivamente às atividades acadêmicas, participando integralmente de diversos programas e projetos, tendo como única renda a bolsa de um programa de iniciação à docência. Em virtude do valor do auxílio e dos gastos para manter-se na instituição, este período foi cercado por restrições financeiras e, embora valores gastos nos bares dos clubes não fossem exorbitantes, seria o suficiente para estourar o orçamento pessoal.

se a interpretar este compartilhar e servir, como uma forma de expressar respeito e companheirismo, regras que todos aprendem ao adentrarem à estrutura. Para eles, a noção de “aproveitar” a vida, estava diretamente relacionada ao bem-estar coletivo (DC, 08 de março de 2015).

Nesse contexto, passou-se a perceber que, de modo geral, as conversas em torno dos alambrados eram bem-humoradas e, embora fosse notável nos torcedores certo entristecimento nos casos de derrota do Mirante E. C., este não se prolongava por muito tempo, pois, além do vencer, o que motivava os torcedores era a possibilidade de ver os jogadores em campo, ver os dribles, os “golaços”, mas também as falhas, os “frangos” e os “bolas murchas”.

Destarte, o conceito de “relações jocosas futebolísticas”, conforme descrito por Gastaldo (2005, 2010), permite-nos compreender como as dinâmicas do jogo tornavam-se mais importantes do que a vitória, para aqueles que acompanhavam as partidas. Segundo o autor, uma relação jocosa futebolística consiste em interações verbais estabelecidas entre os agentes, na qual estes são autorizados a fazer piadas uns com os outros, sem que ninguém se sinta ofendido.

Nas interações através do esporte, esta relação adquire uma forma competitiva de sociabilidade, muitas vezes teatralizada, destacando-se durante um jogo “tanto pelo alto volume de voz com que as frases – curtas e mordazes – são proferidas, quanto pelo senso de humor que constantemente veiculam” (GASTALDO, 2005, p. 117). Um exemplo ilustrativo, dos inúmeros momentos vivenciados no período de observações foi o jogo entre Mirante E. C. *versus* Clube Social “E”, realizado no dia 19 de abril de 2015, na casa do Mirante E. C.

Ao chegar com aproximadamente meia hora de antecedência, para o início do jogo, já observei um grupo formado por cinco amigos tomando cerveja, como não os conhecia deduzi que se tratava de torcedores da equipe adversária. Não obstante, o fato de estes torcedores colocarem uma das mesas do bar para a beira do alambrado, levava-me a acreditar que existia certo nível de familiaridade com o espaço. Uma vez que não se havia observado, até então, postura semelhante por parte de outras equipes (no decorrer da investigação, onde se pode acompanhar mais jogos desta equipe, percebeu-se que em seu estádio haviam mesas de concreto em torno do alambrado, diferentemente dos demais estádios, porém, somente no estádio do Mirante E. C. o grupo realizou intervenções na disposição dos objetos no espaço, devido aos laços existentes entre os grupos).

Tal proximidade não se resumia somente ao deslocamento da mesa. Com o jogo empatado em 1x1, iniciou-se uma disputa jocosa entre os torcedores do Mirante E. C. e os do

Clube Social “E”. Proposital ou inconscientemente, as torcidas dos clubes encontravam-se divididas – de um lado do portão que dava acesso ao campo, em frente aos vestiários, estavam dispostos em torno de duas mesas, nove torcedores adversários. Já em frente ao bar, do lado contrário do portão, encontravam-se aproximadamente 20 torcedores do Mirante E. C.

As “tiradas de sarro” entre os torcedores giraram em torno dos goleiros das respectivas equipes. Quando um realizava uma boa defesa, seus torcedores gritavam: “Aqui tem goleiro”; “Aqui não é o mão de pau, alface, etc.”. A torcida do Mirante E. C. iniciou as provocações, após uma bola cruzada na área do goleiro adversário, que não conseguiu segurá-la com firmeza. Assim, um dos torcedores gritou “– Ê, mão frouxa!”; outro completou “– Acha que está tomando banho para derrubar o sabonete?”; ambos seguidos por risos. Na próxima oportunidade, a torcida adversária chamou o goleiro do Mirante E. C. de “mão de pau”, devido a um chute fraco vindo em sua direção que ele rebateu. “– Esse goleirinho tem raquete ao invés de mão”, seguido pelo comentário de outro torcedor: “–Vamos jogar uma partida de *ping pong* goleiro? Mas você vai ter que me emprestar uma raquete, porque está segurando duas nas mãos”.

Em ambos os casos, os goleiros consideraram os comentários como brincadeira, principalmente, porque a gesticulação que acompanhava os comentários não era direcionada aos torcedores adversários. Os comentários jocosos encerraram-se após a equipe do Mirante E. C. marcar dois gols em sequência, abrindo 3x1 no placar. Assim, o “Dono do Bar” – como era chamado devido à função de vendedor que exercia no estádio –, torcedor do Mirante E. C., decretou a vitória na disputa jocosa, gritando ao menos três vezes seguidas: “– Mas é muito mão de alface mesmo, não tem jeito. O nosso goleiro é mão de pau, mas defende, rebate a bola. E o de vocês que é mão de alface e toma todas?”. Após o comentário de que todos riram, ouviu-se um torcedor adversário dizendo: “– Agora não tem jeito, tento ajudar o praga, mas ele toma dois gols, o jeito é ficar quieto mesmo”.

FIGURA 2 - Torcedores e jogador do Clube Social “E”, em torno de uma mesa com cervejas no intervalo de uma partida do Campeonato Amador Máster.



FONTE: OS AUTORES

A imagem deste grupo de torcedores evidencia que a cerveja é um ingrediente presente nos momentos de sociabilidade. Nestas relações, o público é majoritariamente masculino e utiliza constantemente uniformes de equipes consagradas, como o Clube de Regatas Flamengo, pois não existe, neste caso, nenhuma objeção quanto ao ato de torcer pelo Mirante E. C. e pelo Flamengo, simultaneamente. Pois estes clubes encontram-se em interfaces distintas.

Assim como identificaram Silva e Chaveiro (2007), em sua investigação sobre os territórios das peladas na cidade de Aparecida de Goiânia, no estado de Goiás, observou-se nas competições amadoras de Ponta Grossa, certas similitudes entre o futebol local e o futebol global. Além das camisas dos grandes clubes, estas marcas na paisagem também foram observadas através dos modelos das chuteiras, das bolas oficiais confeccionadas para as grandes competições, do estilo de jogo e dos dribles referenciados nos jogadores em alta ou ídolos.

Retornando ao jogo entre Mirante E. C. *versus* Clube Social “E”, ao término da partida, diferentemente do observado em jogos anteriores, não se formaram grupos distintos entre as equipes. Tanto os jogadores e torcedores do Clube Social “E”, quanto os do Mirante E. C. reuniram-se em diferentes rodas de conversa no entorno do bar do estádio. As conversas passaram a girar principalmente em torno do Campeonato Paranaense de Futebol, que se

aproximava de sua fase final, e também sobre as famílias, pois naquele jogo foi possível identificar vários reencontros entre jogadores do Clube Social “E” e do Mirante E. C.

Nesse contexto de sociabilidade, solidariedade e familiaridade, para além da cerveja, pode-se destacar o empréstimo de chuteiras, as caronas para ir aos jogos ou até mesmo as trocas de indicações para prestação de serviços, caso que transcende geograficamente às relações dentro de campo, reafirmando a coletividade necessária para que o grupo se consolide como um time. Outra prática frequente entre os agentes são os apadrinhamentos, seja para batizados de filhos ou de casamentos. Alguns destes, inclusive, orgulham-se da quantidade de afilhados que possuem espalhados nos diversos clubes da cidade, como o caso de um agente que conheci em um dos jogos do Mirante E. C. e que chamarei de Padrinho.

No domingo seguinte, a equipe de Mirante E. C. jogou novamente em casa, contra a equipe Visitante “C”. Nesta ocasião, minha noiva acompanhou-me pela primeira vez em uma das observações, tentando aproximar-se do método etnográfico, sem imaginar que frequentaria este espaço nos próximos dois anos, pois sua presença se tornaria fundamental no estreitamento dos laços de afinidade com os agentes. Logo que nos avistou, Seu Sebastião deslocou-se sorrindo e dizendo: “– Veio conferir aonde ele vem todo domingo cedo? Pode ficar tranquila que aqui é um espaço de família, sempre vêm as esposas, as crianças e os parentes assistir a essas pernas de pau jogar”. Após as apresentações, escolheu-se um espaço no alambrado para acompanhar a partida.

Como sua presença era “novidade”, inúmeros foram os comentários jocosos proferidos pelos jogadores e torcedores que se encontravam no espaço. Um destes, com quem eu não havia estabelecido diálogos diretamente, mas que se envolvia nas atividades do clube, o qual denominarei de Kleber, chamou-nos com certa empolgação e apresentou-nos a sua esposa e filha, que o acompanhavam durante os jogos. Neste momento, a esposa do “Dono do Bar” aproximou-se de minha noiva perguntando-lhe sobre trabalho, interesses em geral e foi aos poucos levando-a para uma roda de conversas “femininas”, onde encontravam-se também outras esposas de jogadores.

Assim, seguiu-se acompanhando o jogo que, segundo seu Sebastião era de “vida ou morte” para o Mirante E. C. – de fato, pois os jogadores apresentavam expressões de nervosismo, principalmente após sofrerem um gol logo no início da partida. Quando o árbitro apitou o término do primeiro tempo, Kleber deslocou-se para o bar, pedindo alguns itens para acender o fogo na churrasqueira, dizendo: “– Vamos ver se a rapaziada se anima com o cheiro e vira este jogo”. Nesta ocasião, o cheiro do churrasco não foi suficiente, visto que o Mirante E. C. perdeu a partida por 3x1, ficando sem chances de classificação para a fase seguinte. Não

obstante, indiferente ao resultado, a equipe do Mirante E. C. reuniu-se no bar e, coincidentemente ou não, recebi de Seu Sebastião e de Kleber, o convite para juntar-se ao grupo.

A partir daquele domingo, acreditei ter passado pela fase de aceitabilidade, a qual é considerada hoje apenas uma das camadas deste processo. Após nos reunirmos em torno de uma das mesas, não era mais necessário realizar perguntas aos agentes. Inúmeros jogos foram narrados, dentro e fora do clube, contaram-nos sobre as dificuldades na manutenção do espaço, de roubos, dos mutirões para manutenção da estrutura. O que mais se tornava visível nestas narrativas eram os sentimentos pelo clube, o “amor à camisa”, os quais sempre eram justificados pelos agentes através da noção de família, do desejo em fazer do clube suas casas (DC, 12 de abril de 2015). Como destaca Fernando, um dos técnicos do Mirante E. C.:

Há uns 15 anos atrás a gente era conhecido pelas brigas, pelo quebra pau com outros times e árbitros. Agora queremos fazer do Mirante um time onde os jogadores queiram vir e não a gente ir atrás deles, pra você ver, pra esse ano temos seis jogadores que saíram e hoje querem voltar, porque aqui é família. Queremos passar o domingo aqui, tomar cerveja, se divertir, fazer um churrasquinho, tudo família, vamos mudar a imagem de time briguento.

Este olhar mais atencioso, a participação e o respeito às regras estabelecidas, permitiram-me no decorrer dos próximos encontros a aproximação necessária para a construção das primeiras descrições densas, durante a elaboração dos diários de campo, ao menos sobre as interações nos alambrados e no bar do clube, sobre o “torcer” pelo Mirante E. C. Neste período, muito mais do que “ficar à vontade”, passei a fazer parte das relações sociais, de modo que as presenças ou ausências fossem percebidas. Tal compreensão deriva-se das mudanças de comportamentos dos agentes sociais observados, como:

- a) A recepção cercada por olhares desconfiados, relatada inicialmente, abriu lugar a cumprimentos calorosos. Ao invés de um simples balançar de cabeça, os olhos e o corpo se viravam, preparando-se ou deslocando-se para o aperto de mão;
- b) Os apertos de mão tornaram-se termômetros para aferir esta aproximação, os cumprimentos formais e distantes, que demarcavam uma distância não só física, mas de agentes de campos distintos, deram lugar a cumprimentos próprios, os quais demonstravam para além do respeito, uma relação de proximidade e confiança, acompanhados por abraços, em alguns casos;

- c) As expressões faciais positivas, manifestadas nos encontros, dentro de campo ou fora dele;
- d) A realização de piadas com características comportamentais, físicas e devido a situações momentâneas; ou então a abertura para sofrer possíveis gozações. Como destaca Geertz (2008, p. 187), ao referir-se à investigação em Bali, “ser caçado é ser aceito”.
- e) A atitude paternal dos veteranos ou dos agentes com mais tempo de clube, preocupando-se com questões familiares e pessoais.

Somadas a estas mudanças, foi interessante perceber que, além das conversas mais próximas, após o rompimento desta primeira barreira invisível, alguns jogadores, técnicos e membros da diretoria passaram a apresentar-me com frequência para os membros de outras equipes. Esta apresentação não se limitava a uma mera exposição de nomes e cumprimentos, mas se estendia por discursos (por parte do mediadores) sobre os objetivos da pesquisa e a realização de indagações semelhantes às realizadas a eles em momentos precedentes. Seguidos em alguns casos, por comentários como: “Anote isto em seu caderninho que é importante”, contribuindo, deste modo, para realizar-se uma história participativa.

Passou-se a receber também uma sequência de convites, para as confraternizações do time, para as peladas de sábado, além de convites individuais de jogadores, para compor equipes nos campeonatos dos clubes associativos da cidade. A partir destes contatos, percebeu-se a dimensão desta rede de sociabilidade, que envolve a maioria dos clubes e jogadores, os quais possuíam vários amigos em outras agremiações e tentavam sempre inserir e amarrar os novatos nesta teia, através da identidade pessoal com a identidade do grupo (ELIAS, 2005).

As confraternizações após os jogos eram um dos grandes incentivadores destes encontros, como pode-se observar através do recorte do DC da partida entre Mirante Esporte Clube *versus* Clube Empresa “A”, válida pela décima rodada da competição.

Acredita-se que pelo fato de ambas as equipes não possuírem mais chances de classificação, verificou-se vários atletas “se hidratando” (como eles costumam falar) tomando uma “cervejinha” no intervalo do jogo, alguns dentro de campo, através do alambrado. Esta atitude ocorre com frequência principalmente na categoria Máster e Sênior do amador que possui um caráter mais recreativo, e nos jogos não decisivos. Diferentemente da categoria principal do amador, onde há uma busca por parte de alguns clubes em aproximar-se dos padrões de um jogo profissional. Percebeu-se que a substituição é um momento interessante nesta categoria, diferente da principal onde os jogadores ficam no banco de reservas até o termino da partida, na Máster os jogadores substituídos seguem o mesmo ritual, saem do campo, trocam de roupa ou

retiram as chuteiras, pegam uma cerveja e tornam-se torcedores. Antes do término da partida, os bancos de reserva ficam vazios e os jogadores substituídos todos fora do alambrado. Um dos jogadores do Clube Empresa “A” fez piada, alegando jogar para cansar e ter mais sede. A impressão que se tem, é a de que a confraternização e o encontro com os amigos é mais importante que o próprio jogo, como destacou outro jogador desta equipe durante nossa conversa. “–Eu gosto de jogar bola, mas gosto mesmo é de ser substituído, para tomar uma cervejinha gelada e de graça” (DC, 03 de maio de 2015).

Direcionamentos semelhantes podem ser observados nas investigações de Gonçalves (2002); Rigo (2001, 2007); Stigger (1997, 2012); Myskiw (2012); Myskiw e Stigger (2014); Anjos, Saneto e Tavares (2012). Respeitadas as singularidades dos espaços investigados pelos autores, seus estudos apontam para a cerveja, juntamente com o churrasco, como os pilares de sustentação da prática futebolística. Neste contexto, além do aporte da literatura, o contato extremamente próximo com seu Sebastião, um veterano do campo, que não tem outra pretensão a não ser prolongar sua permanência ao máximo no espaço social, levava-me cada vez mais a responder às problemáticas levantadas em torno das relações dentro dos bares dos estádios.

Não obstante, após sair do *locus* do estudo e durante as orientações, buscava-se resgatar as indicações de Bourdieu e Wacquant (2005) quanto à necessidade de refletir-se sobre o local do mapa em que o pesquisador encontra-se. Destarte, percebeu-se que as descrições até então realizadas contemplavam, de maneira geral, grande parte dos jogadores, mas, em profundidade, especificamente um único grupo, que encontrava nas confraternizações, nas jocosidades e na cerveja, as motivações para estarem ali.

Neste contexto, o próximo passo da investigação foi distanciar-se, no sentido teórico-reflexivo e não geograficamente, dos agentes que se havia deixado captar pelo bom acolhimento (ANGROSINO, 2009). Esta ação concretizou-se através da descrição do campo estudado, seguindo os direcionamentos etnográficos, bem como se ancorando nos pressupostos apresentados por Bourdieu (1976, 2002, 2008a), na teoria dos campos sociais.

A construção deste mapa social permitiu-nos aprender o funcionamento geral deste espaço, para então, na sequência, aprofundar-se nas singularidades do Mirante E. C. Durante este processo, as interações simbólicas experimentadas a partir do rompimento de outras camadas de envolvimento foram fundamentais, como a efetivação dos convites para participação nas peladas, nos jogos treino, além da possibilidade de literalmente vestir a camisa do Mirante E. C., em uma das partidas oficiais do campeonato amador principal.

3 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO FUTEBOLÍSTICO AMADOR DE PONTA GROSSA

Um dos primeiros e fundamentais exercícios para compreensão de um espaço social, tanto na etnografia (MALINOWSKI, 1978), quanto na sociologia reflexiva proposta por Bourdieu, é a estruturação do campo de investigação. Para Malinowski (1978), logo no início da investigação, o pesquisador deve fornecer esquemas claros e firmes da construção social do objeto estudado, destacando as leis e normas dos fenômenos culturais. Sob tal perspectiva, pretende-se, neste capítulo, contextualizar o espaço social investigado. A opção por apresentá-lo após um capítulo introdutório “Os primeiros passos *in loco*”, justifica-se pela compreensão de que só se tornou possível reconstruir este espaço, após certo grau de envolvimento com os agentes sociais, proporcionado pelo rompimento da primeira camada de envolvimento. No entanto, vale destacar que *in loco* o desenvolvimento destas etapas ocorreu de forma interdependente.

Partindo dos pressupostos teóricos de Bourdieu (2008a), pode-se descrever o espaço social como uma representação abstrata, gerada por intermédio de um trabalho específico de construção. Logo, existirão tantos campos sociais quanto forem as formas de interesse, sendo função do pesquisador, investigar empiricamente as condições sociais específicas em que estes interesses são produzidos (BOURDIEU, 2004).

Tal como um mapa, o espaço social proporciona aos agentes nele inseridos uma visão panorâmica, através de “um ponto de vista”, dentre os inúmeros pontos que o constituem.

No entanto, o mais importante é, sem dúvida, que a questão do espaço é formulada nesse mesmo espaço; que os agentes têm sobre este espaço, cuja objetividade não poderia ser negada, pontos de vista que dependem da posição ocupada aí por eles e em que, muitas vezes, se exprime sua vontade de transformá-lo ou conservá-lo. (BOURDIEU, 2008a, p. 162).

De acordo com o autor, em certa medida, pode-se fazer comparações entre o espaço social (abstrato) e o espaço geográfico (subdividido em regiões). Pois, quanto mais próximos forem os grupos e instituições situadas neste espaço geográfico, mais características comuns eles possuirão. Da mesma forma, quanto mais afastados forem, menos características em comum (BOURDIEU, 2004).

Nesta perspectiva, as distâncias espaciais, do mapa geográfico, harmonizam-se às distâncias sociais, ou seja, para Bourdieu (2004, p. 153), existe certa tendência de segregação

dos espaços, em que “as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas – por opção ou por força – no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico”.

Por conseguinte, o campo tende a traduzir-se de forma mais ou menos deformada, sob a forma de espaços físicos, em arranjos de agentes em torno de propriedades (BOURDIEU, 2001). Assim, faz-se necessário, no processo de compreensão do campo social investigado, entender o papel dos espaços geográficos, os quais são permeados pelo campo futebolístico amador pontagrossense. Desse modo, buscou-se resgatar na sequência do texto, alguns elementos significativos sobre a gênese do futebol e do campo futebolístico amador em Ponta Grossa.

Este processo iniciou-se a partir da construção da estrada de ferro na cidade, em 1896, que atraiu um grande número de imigrantes e, com eles, hábitos e costumes oriundos de suas localidades (FREITAS JR., 2000). Assim como a presença do imigrante foi fundamental para a introdução do futebol em outras localidades do Brasil, em Ponta Grossa esta situação se repete. No entanto, segundo Freitas Jr. (2000, p. 6) há um fato que difere a inserção do esporte na cidade, pois “Em Ponta Grossa os jogadores buscaram um espaço alternativo para a prática do futebol, fora dos limites dos clubes sociais”.

Esta singularidade atribuiu ao esporte na cidade outra lógica de desenvolvimento. Ribeiro Jr. (2004) destaca neste cenário a figura do engenheiro inglês Charles Wright, o qual além de suas bagagens trouxe consigo, em 1909, os materiais necessários para a prática do futebol. Desse modo, o esporte começou a ser praticado primeiramente entre os grupos de trabalhadores que construíam a ferrovia, os quais encontravam no futebol uma possibilidade de lazer e distração. Não obstante, tal esporte foi gradativamente estruturando-se também nos bairros, atribuindo a estes locais uma importância significativa no fortalecimento das relações sociais.

Um fato importante neste processo ocorreu em maio de 1909, ocasião em que a cidade sediou a primeira partida de futebol no estado, jogo “entre os funcionários da American S. Brazilian Engineering Co., encarregada da construção da via férrea que ligaria o Paraná a São Paulo e ao Rio Grande do Sul” (RIBEIRO JR, 2004, p. 28). Após este encontro, os domingos nunca mais foram os mesmos em Ponta Grossa (DEFINO, 2012).

Com o passar das décadas, modificações ocorreram, surgiram novos Clubes Empresas, Clubes de Vila, Clubes Associativos/Sociais e, para consolidar o esporte na cidade, foi fundada no dia 12 de março de 1928, a Liga Ponta-Grossense de Desportos, ano em que

realizou seu primeiro campeonato de futebol e contou com a participação de nove equipes. Tornando-se a entidade responsável pela regulamentação e fomento dos torneios e campeonatos a nível local, expandindo cada vez mais as dimensões simbólicas do futebol na cidade.

Nas décadas seguintes, o nome foi alterado para Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), porém, a instituição nunca fechou suas portas e em todos os anos subsequentes realizou a disputa do campeonato amador de futebol. Vale ressaltar que, durante a difusão do esporte na cidade, dada a importância simbólica adquirida, houve a fundação de vários clubes sociais (por exemplo, o Operário Ferroviário Esporte Clube – OFEC,) somente em torno da prática futebolística, não existindo outro patrimônio social, se não o time de futebol (FREITAS JR., 2000).

Juntamente com a popularização do esporte, o surgimento de novos clubes e instituições como a LFPG, as leis/lógicas do campo se estruturaram e, gradativamente, passaram a reger seu funcionamento. Segundo Bourdieu (1976, 2008a), em um campo é possível identificar lógicas gerais e específicas. Aquelas, entre os diversos campos, permitem pensar em um projeto de teoria geral, uma vez que seu aprendizado serve para observação de diferentes campos sociais. Quanto às lógicas específicas, estas permitem a compreensão de determinadas práticas que só tem sentido dentro do campo específico correspondente. Desse modo, mais do que uma observação superficial, faz-se necessário uma submersão profunda e prolongada neste universo específico, para não se correr o risco de assumir lógicas específicas de outros campos como gerais e, assim, pertencentes também ao campo social investigado.

Ao ancorar-se na teoria bourdieusiana, deve-se ter clareza de que nem todos os espaços sociais podem ser classificados como campos, uma vez que, para sua estruturação enquanto tal, torna-se necessário o cumprimento de alguns requisitos. Dentre eles, a definição de objetos de disputas, que só possuem valor e sentido completo para os agentes pertencentes ao campo específico destes objetos (BOURDIEU, 1976, 2002); ou seja, não se motiva um jogador de futebol profissional, com as titulações ou produções do campo acadêmico, por exemplo.

No campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa, encontrou-se no *status* ou no reconhecimento o objeto maior de disputas entre os agentes sociais. Estas disputas simbólicas ou este “jogo de *status*” (GEERTZ, 2008) eram combatidos coletivamente por um grupo de agentes, em torno dos símbolos de um clube de futebol e, individualmente, através da busca pela consagração e legitimação pessoal. Não obstante, estas disputas estavam imbricadas, uma vez que o *status* de campeão, adquirido pelo clube que vence a competição

amadora, era desfrutado também por seus jogadores, e os troféus individuais de um artilheiro ou do melhor goleiro do campeonato contribuem para o aumento do *status* do clube que representavam.

A noção de distorção entre espaço geográfico e espaço social, deve ser considerada no entendimento do título/troféu de campeão enquanto objeto de disputa agregador de *status*. Isto é, a conquista de títulos era mais um dos elementos legitimadores que atribuíam poder simbólico¹² a um agente, acrescenta-se também a habilidade técnica, a inteligência tática, o carisma, a posição ocupada dentro do clube que representa, a posição ocupada socialmente, a herança cultural futebolística (jogadores que são filhos ou possuem algum grau de parentesco com agentes legítimos no campo) e a trajetória do agente no campo.

Em virtude desta diversidade de elementos, o campo é permeado por estratégias, tanto de subversão quanto de conservação do poder adquirido. De acordo com Bourdieu (2004, p. 23) as estratégias são ações orientadoras das práticas, que “embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação”

Dessa forma, o poder simbólico de um agente e, conseqüentemente, a maior chance de conquista dos objetos de disputa, depende da sua posição no campo e das estratégias adotadas por este agente. Portanto, a chance de conquista será tão grande quanto o capital global (econômico, cultural, social e simbólico) acumulado ao longo de sua trajetória social.

Através dos escritos de Bourdieu, Bonnewitz (2003, p. 53-54) versa sobre as quatro possíveis distinções do capital, quais sejam:

- O capital econômico, que é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto dos bens econômicos: renda, patrimônio, bens materiais.
- O capital cultural, que corresponde ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. Este capital pode existir sob três formas: em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por exemplo, a facilidade de expressão em público); em estado objetivo, como bem cultural (a posse de quadros, de obras); em estado institucionalizado, isto é, socialmente sancionado por instituições (como os títulos acadêmicos).
- O capital social, que se define essencialmente Como o conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção deste capital implica um trabalho de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade: convites recíprocos, lazer em comum, etc.

¹² Este poder simbólico possui também uma dimensão abstrata, que o torna invisível dentro das trocas simbólicas, porém legítimo e reconhecido por todos os agentes da estrutura (BOURDIEU, 2002). Até mesmo quando exercitado de forma latente através “das armas ou a do dinheiro, a dominação possui sempre uma dimensão simbólica” (BOURDIEU, 2001, p. 209).

- O capital simbólico, que corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento. Afinal, apenas o crédito e a autoridade conferem a um agente o reconhecimento e a posse das três outras formas de capital. Ele permite compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e das regras de boa conduta não são apenas exigências do controle social, mas são constitutivas de vantagens sociais com consequências efetivas.

Segundo Bonnewitz (2003), embora a noção de capital possua maior proximidade com a dimensão econômica, as demais categorias do capital (cultural, social e simbólico) possuem os mesmos usos, podendo ser acumulados mediante operações de investimento, transmitidos por intermédio de herança e, até mesmo, permitem a extração de lucros, de acordo com a oportunidade do agente detentor de maneja-lo, em função de aplicações mais rentáveis.

Desse modo, o espaço social hierarquiza-se pela desigual distribuição destes capitais entre os agentes sociais. Em outras palavras, o agente se localizará no espaço social, de acordo com a quantidade de capital acumulado. Através desta relação com os capitais, encontra-se “a gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação constitutivos do que chamo de *habitus*” (BOURDIEU, 2004, p. 149).

Para Bourdieu (2004), o *habitus* é um sistema de esquemas de produção de práticas e, ao mesmo tempo, um sistema de esquemas de percepção e apreciação destas práticas. Em ambos os casos, segundo o autor, a posição social em que estas práticas foram aprendidas é expressa pelos agentes. Desse modo, o *habitus* produz práticas e representações que “só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social” (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Por conseguinte, durante o processo interpretativo destas práticas *in loco*, encontrou-se uma das grandes dificuldades teórico-metodológicas da investigação, pois tornava-se inviável trabalhar com noção de *habitus*, uma vez que o contato com os agentes sociais, na grande maioria das vezes, dava-se apenas em um campo específico e não nos diversos campos em que estes circulavam cotidianamente. Desta forma, assumir as práticas, os valores e os modos de agir observados nos estádios de futebol, como o *habitus* dos jogadores do campo futebolístico amador pontagrossense, seria forçar um conceito, e até mesmo reduzi-lo, dada a sua complexidade.

Não obstante, a estratégia encontrada para superar esta dificuldade foi a realização de uma aproximação teórico-epistemológica entre a Teoria dos Campos Sociais de Pierre

Bourdieu (1976, 2002, 2008a) e a Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (2011), e seus sucessores Jodelet (2001, 2011), Doise (1993, 2002) e Abric (1994, 2000).

A proposta teórica das Representações Sociais de Moscovici (2011) pode ser compreendida como um grande guarda-chuvas, em que correntes teóricas complementares embasaram-se. De acordo com Sá (1998), pode-se destacar três correntes principais, quais sejam:

- 1) A Abordagem Processual, de Denise Jodelet (2001, 2011), é a que mais aproxima-se da “grande teoria”, e segue defendendo a necessidade de uma análise minuciosa dos processos de gênese e de funcionamento das representações sociais. Para a autora, a representação social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22). Vale destacar que a vertente de Jodelet (2011) tornou-se uma das grandes referências nas pesquisas com Representações Sociais no Brasil;
- 2) A Abordagem Societal, de Willem Doise (1993, 2002), propõe uma perspectiva mais sociológica para as Representações Sociais, realizando aproximações com a teoria bourdieusiana, ao entender as Representações Sociais como princípios geradores de tomadas de posição, que se ancoram nas posições sociais destes agentes na hierarquia social;
- 3) Na Abordagem Estrutural, de Jean-Claude Abric (1994, 2000), a representação deve ser compreendida como um sistema de interpretação da realidade, que rege as relações dos indivíduos com o meio físico e social.

Através destas correntes, segundo Sá (1998), pode-se observar algumas divergências, todavia, não devem ser interpretadas como abordagens incompatíveis. Pelo contrário, devem ser vistas como complementares, pois existem mais pontos de convergências do que de divergências. Por esse motivo, optou-se por embasar-se na proposta de Moscovici (2011), apropriando-se também de ideias da abordagem processual de Jodelet (2001, 2011) e da abordagem Societal de Doise (1993, 2002), principalmente, no tocante às aproximações entre a Teorias dos Campos Sociais e a Teorias das Representações Sociais.

Para Lima e Campos (2015), tanto Bourdieu quanto Moscovici lutaram contra uma visão estanque entre objetivismos e subjetivismos, defendendo uma dimensão relacional entre estas visões. O primeiro propõe-se a realizar uma sociologia dinâmica, e o último, uma psicologia social dinâmica. Dessa forma, estabelecer um olhar interdisciplinar a partir das

teorias contribui “para uma melhor compreensão de processos simbólicos e de práticas presentes nas interações educativas, que frequentemente acontecem no contexto de lutas simbólicas operadas por diversos grupos sociais” (LIMA; CAMPOS, 2015, p. 75).

Nesse contexto, se não nos era possível afirmar que as práticas observadas no campo futebolístico amador pontagrossense eram o próprio *habitus* sendo exteriorizado, em sua generalidade; ao identificar as representações sociais destes agentes e grupos neste campo específico, também seriam identificados princípios geradores deste *habitus* e, ao mesmo tempo, disposições expressas através das representações sociais sobre os objetos significativos para o campo.

O ponto de partida para compreensão destas representações encontra-se nas práticas culturais destes agentes e grupos. Assim como Geertz (2008) assume a cultura como uma teia de sentidos e significados, Moscovici (2011) afirma que é por meio das representações sociais, que se busca construir uma estabilidade de sentido nos grupos social. Portanto, o trabalho das representações sociais consiste em familiarizar o que é não familiar. Existem dois processos interdependentes que geram representações sociais, são eles: a ancoragem e a objetivação.

Através da ancoragem, como o próprio nome sugere, são ancoradas ideias estranhas, reduzindo-as a categorias e a imagens comuns ao agente e grupo, desta forma, colocando-as em um contexto familiar. Em outras palavras, consiste em transformar algo estranho e perturbador, que intriga, em algo que já era familiar, a partir de comparações, classificação e nomeação.

Na objetivação, após as ancoragens, se transforma o abstrato (que está no campo das imagens e das ideias) em algo quase concreto, transferindo o que está na mente para algo que existe no mundo. Ao mesmo tempo, ao chegar novas informações não familiares, outras representações podem se construir, mudando a concepção inicial. A objetivação se caracteriza por transformar as imagens em objetos, com significado real.

Durante o processo de análise, a estruturação do campo através da teoria bourdieusiana e das observações participantes, decorrentes do método etnográfico, permitiram-nos evidenciar minuciosamente estas etapas de construção das representações sociais do campo futebolístico amador pontagrossense. Processo que se pretende demonstrar na sequência do texto e nos próximos capítulos.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DOS CLUBES QUE DISPUTAM OS CAMPEONATOS AMADORES DE FUTEBOL

Para compreender-se como “o ser jogador amador” tornava-se uma posição de *status* entre os jogadores da cidade de Ponta Grossa, convertida em poder simbólico, foi necessário reduzir o *zoom* da lente utilizada e olhar para os demais futebolis da cidade. Entre os praticantes regulares de futebol, jogar a competição amadora significa fazer parte de um grupo seleto e restrito. A porta de entrada deste espaço encontrava-se nos convites para participação das peladas e jogos-treino, realizados por agentes já inseridos nas equipes e instituídos perante o grupo; ou então na disputa de competições (futsal, futebol suíço ou futebol *society*) em clubes associativos da cidade, pois através destas, era possível estabelecer contatos com agentes pertencentes aos clubes amadores.

Neste aspecto, a importância da herança cultural futebolística evidenciava-se em alguns clubes – caso do Mirante E. C. –, pois, para ingressar em uma equipe, mesmo que fosse somente para jogar as peladas e participar de alguns jogos-treino, sem a certeza de que comporia o time que disputaria o amador, o jogador necessitava deste convite. Porém, no caso dos filhos, sobrinhos, afilhados ou netos de jogadores, este contato ocorria desde a infância dos meninos, tornando-se “natural” (BOURDIEU, 2012) sua entrada na equipe quando chegassem à juventude.

Pode-se interpretar que a transição desta herança cultural futebolística segue, salvo particularidades, a mesma lógica desvelada por Bourdieu (2002, p. 78), na relação entre capital cultural herdado e capital escolar. Pois o que ocorria nas escolas francesas era uma conversão desigual do capital cultural herdado em capital escolar, devido às diferentes origens sociais dos alunos. No caso do amador, a distinção não estava na origem social, mas nas possibilidades de acesso a estes clubes amadores, uma vez que os herdeiros deste campo (jovens filhos ou parentes de ex-jogadores e dirigentes), já iniciavam as disputas por posições e *status*, convertendo desproporcionalmente este capital futebolístico herdado.

No entanto, para os clubes dominantes do campo, as ligações consanguíneas não eram proporcionalmente convertidas em capital simbólico, ou seja, por mais que um jogador fizesse parte de uma família onde avós, tios e pai disputaram o amador, isto não lhe garantiria vantagens no processo de seleção para compor uma determinada equipe, pois a herança cultural futebolística, tornava-se secundária frente à habilidade técnica dos jogadores.

Isto porque, além da disputa entre os jogadores, existia também uma disputa clubística pela dominação do campo. Essa competição, via de regra, demonstrada por meio

dos troféus de campeão amador, significa, também, maior facilidade na obtenção de patrocínios, maior envolvimento de sujeitos nas atividades do clube, o que lhes garante a longo prazo a “sobrevivência” no campo – ou do contrário, atestava sua morte e esquecimento, juntamente com as memórias de experiências ali vivenciadas.

Através dessas questões, pode-se entender a proposição de Bourdieu (2004), quanto à realização de uma sociologia da construção das visões de mundo, pois, em maior ou menor proporção, estas visões contribuem para a construção desse mundo.

Dado que nós construímos o espaço social, sabemos que esses pontos de vista são, como a própria palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social. E sabemos também que haverá pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, já que os pontos de vista dependem do ponto a partir do qual são tomados, já que a visão que cada agente tem do espaço depende de sua posição nesse espaço (BOURDIEU, 2004, p. 157).

Partindo deste pensamento, para descrever e apresentar a diversidade de pontos de vista encontrados *in loco*, embora reconheça-se singularidades características a cada uma das 26 equipes observadas, optou-se pela realização de uma classificação dos clubes em quatro grupos, são eles: Clubes de Vilas, Clubes Associativos/Sociais, Clubes Empresa e Clubes Visitantes. Considerou-se, neste processo, as características comuns entre os clubes e as que os distinguiam dos demais grupos, como por exemplo, as formas de “luta”, as estratégias ou, utilizando-se do linguajar futebolístico, as “táticas” adotadas pelos agentes individualmente e de forma coletiva.

3. 1. 1 Os Clubes de Vila

A fragmentação de Ponta Grossa em bairros e vilas é permeada, segundo Nascimento (2008), por processos históricos e socioculturais de espacialização. Desse modo, os bairros e, principalmente, as vilas subdividiram-se ancorados a divisões entre classes existentes na cidade. Assim, a principal característica que distinguia os Clubes de Vila dos demais clubes da cidade eram os laços de pertencimento às vilas onde estavam localizados geograficamente. Neste grupo, estão contemplados 10 dos 26 clubes observados, o maior desta classificação. Alguns destes disputavam com regularidade as competições amadoras da cidade; outros, porém, participavam esporadicamente.

Esta identificação com os locais iniciava-se com o nome dos clubes, alguns possuíam somente o nome da Vila com os prefixos ou sufixos: Esporte Clube ou Futebol Clube; outros

identificavam-se como “Associação de Moradores”; e alguns, embora já possuísem um nome “original”, inseriam no ato da inscrição, o nome da vila onde originaram-se. No último caso, isto ocorria em vilas onde existia mais de uma equipe de futebol formada, geralmente devido à realização de torneios promovidos pela Associação de Moradores, por grupo independente ou por um único agente. A partir destes torneios, alguns clubes decidiam formar uma equipe para disputar a competição, nestes casos, tratava-se de participações pontuais, principalmente devido às dificuldades e gastos com a locação de estádios para mandarem (termo nativo) os jogos realizados “em casa”. No caso destes clubes, a grande maioria dos jogadores residia na vila ou em suas proximidades.

Não obstante, alguns Clubes de Vilas eram mais estruturados e possuíam uma longa trajetória nas competições realizadas na cidade. Nestes casos, os jogos realizados aos domingos imprimiam dinâmica à paisagem monótona vivenciada ao longo da semana naquelas localidades. Assim, enquanto um espaço de vivência coletiva, localizada espacial e temporalmente, ao analisar-se o campo de futebol nestas vilas e as dinâmicas dos grupos sociais ali inseridos, não se realizava apenas uma avaliação estética, mas sim as razões “históricas, sociais, culturais e emocionais que interferem nesse jogo de representações e que constroem conhecimento, a cidade e a identidade dos sujeitos” (SANTOS, 2007, p. 212).

A fim de explorar as razões supracitadas, descreveu-se, na sequência, um dos jogos em que o Mirante E. C. enfrentou o Clube de Vila F. A manhã ensolarada do domingo, no dia 15 de janeiro de 2017, marcou o início das atividades do Mirante E. C. daquele ano. O amistoso foi um convite feito pelo técnico do Clube de Vila F, que almejava estreiar as reformas realizadas no espaço (construção dos vestiários e a colocação de algumas redes de proteção no fundo de um dos gols, para que as bolas não rolassem ladeira a baixo). Ele também intentava apoio para que naquele ano, seu clube pudesse utilizar o campo nos jogos realizados em casa, uma vez que haviam recebidos solicitações de reformas por parte da LFPG (segundo o técnico) e, em caso de não cumprimento, correriam o risco de não poder jogar no campo da vila, o que “seria muito triste para os moradores, porque a maioria não vai acompanhar a gente em outro campo. Sem falar no gasto de aluguel de outro estádio, que inviabiliza nossa participação no campeonato” (Técnico Clube de Vila F, 2017).

Naquele dia, eu saí de casa às 9 horas da manhã, para acompanhar o amistoso previsto para as 10 horas. A vila em questão é afastada do centro de Ponta Grossa, sendo necessário percorrer alguns quilômetros pela BR que corta a cidade. Depois de alguns minutos dirigindo nesta, uma placa identificava uma entrada de acesso à vila à direita. Após adentrar nesta, busquei encontrar alguém na rua, que me indicasse a localização do campo de

futebol do clube, pois, até então, a equipe do Mirante E. C. só havia enfrentado o Clube de Vila F uma vez, jogando em seu estádio.

No fim da quadra onde estava, enxerguei dois meninos correndo, com aproximadamente 10 a 12 anos, aparentemente apressados. Assim, logo que os alcancei, perguntei onde se localizava o campo da vila. Estes responderam: “A gente está indo para lá também, é só você virar na próxima rua à direita, seguir reto até o final da rua e daí virar à esquerda, lá embaixo você vai ver o campo”. Com receio de que a ação de dar uma carona aos meninos pudesse ser mal interpretada pelas pessoas da vila, apenas agradei as orientações e segui o trajeto.

Quando me aproximei do fim da rua, na qual iria virar à esquerda, passei a observar cada vez mais pessoas. Eram meninos, meninas, homens, mulheres, senhores e senhoras, todos seguindo em direção ao campo. Ao virar na rua indicada, deparei-me com inúmeros carros estacionados, de ambos os lados da rua, que cortava uma das linhas de fundo do campo. Encontrei certa dificuldade para estacionar, deixando o automóvel em cima de um pequeno “barranco”. Logo que desci do carro, já foi possível identificar um cenário completamente diferente dos demais estádios que havia frequentado.

O fato de o campo ser aberto, talvez atraísse a atenção de curiosos que passem pelo local, mas a justificativa para encontrar-se tanta gente parecia-me desconhecida. Após conversar com alguns membros da equipe e com alguns moradores foi possível identificar um sentimento afetuoso pelo campo de futebol (único espaço de lazer disponível na vila) e também com a equipe, que representa a localidade e “leva o nome da vila”, como um destes moradores disse, por toda a cidade.

Como o campo de futebol foi construído em um terreno acidentado, em uma das laterais e linhas de fundo forma-se um grande barranco, sobre o qual foram construídos vários bancos de madeira em baixo de grandes pinheiros. Isso torna este espaço disputado pelos moradores para acompanhar os jogos, pois havia uma boa visão do campo, local para sentar e sombra nos dias ensolarados, como era o caso da ocasião em foco. Havia também uma barraca improvisada, construída com compensados e telhas velhas, na qual duas mulheres vendiam balas e doces, mas principalmente cervejas e refrigerantes.

As relações neste ambiente eram bastante singulares, se comparadas aos demais estádios. Além das pessoas que se encontravam sentadas nos bancos, observou-se um grupo de homens em torno da barraca de bebidas e um grupo de jovens, formado por rapazes e moças sentados em algumas toalhas (para não sujarem suas roupas), ouvindo músicas, em uma caixa de som portátil. Toda vez que a responsável pelo som apertava o botão *skip*,

alterava-se o estilo musical tocado, que variava entre o sertanejo, o gaúcho, o samba, o pagode e o funk. Esta parecia ser uma forma de agradar a todos e, assim, não receber solicitações para desligar o aparelho e, ao mesmo tempo, um gosto coletivo por estes diferentes ritmos, pois muitos cantarolavam as músicas tocadas, enquanto observavam as disputas dos jogadores em campo.

Entre os homens e mulheres mais velhos, os chinelos de dedo e bermudas/shorts compunham a maioria das vestimentas. As crianças também não vestiam nada diferente do cotidiano, usavam “roupas de brincar” (comentário de uma mãe a outra, enquanto observavam seus filhos brincando com uma bola no gramado). Não obstante, os jovens de ambos os sexos, aparentemente preparavam-se para ir ao campo. Observou-se uma grande distinção estética entre os moradores, para estes havia mais coisas “em jogo”, as partidas de futebol tornavam-se, para os jovens daquela vila, também uma espécie de ponto de encontro e de “paquera”.

Tal inferência ficou visível, quando um grupo formado por cinco rapazes chegou ao espaço portando dois pandeiros, um cavaquinho e um tantã, juntando-se com os demais jovens que ouviam músicas. Após alguns cumprimentos, ouviu-se uma moça dizendo: “– Achei que jogariam hoje, viemos para ver vocês jogarem”; um destes respondeu “– Hoje são os mais velhos, daí não deixaram nós jogarmos, porque se não seria sacanagem”; seguido por risos, uma jovem disse: “– Está me devendo um gol então Jhonatan”. Depois de uma troca de olhares e *flertes*, os jovens iniciaram a cantoria, com a mesma variedade musical, porém seguindo o ritmo do pagode (DC, 15 de janeiro de 2017).

A observação daquele grupo foi interrompida, com uma solicitação do técnico do Mirante Esporte Clube, para que eu buscasse meus materiais de jogo e iniciasse a partida, até a chegada do goleiro da equipe que se atrasaria. Estava dirigindo-me ao vestiário pegar o uniforme de jogo quando o goleiro chegou, trazendo consigo mais um jogador para um “teste”. Como a equipe do Mirante e do Clube de Vila F estavam em formação, acordou-se que seria realizada uma mescla de jogadores jovens e veteranos, desde que a maioria da equipe fosse de atletas da divisão Máster. Que estava com data marcada para o início do mês seguinte. Com a chegada dos dois jogadores, o Mirante E. C. conseguiu completar um time com onze jogadores, fato que causou certo incômodo no técnico, principalmente ao ver o banco do Clube de Vila F lotado de reservas, pois quase todos os jogadores da equipe eram residentes da Vila, outra característica distintiva desta tipologia.

O fato de os jogadores morarem às margens do campo, potencializava a presença dos familiares na torcida, os quais, ao mesmo tempo em que incentivam seus amigos, filhos, esposos ou pais, para que se destacassem com bons desempenhos nos jogos, eram também os

primeiros a tirarem “sarro”, por alguma jogada ruim ou trapalhada em campo. A segunda situação, de acordo com um senhor que acompanhava a partida, era a responsável por toda aquela movimentação. Logo depois de uma tentativa de domínio de bola, onde o jogador não só errou o domínio, como se desequilibrou e caiu, ele prontamente disse: “Isso aqui a gente não vê na televisão” (referindo-se aos jogos de alto rendimento), seguido por uma longa gargalhada que contagiou algumas pessoas ao seu redor. Após o início da competição amadora Máster, o Mirante E. C. enfrentou o Clube de Vila F e, novamente, a partida foi um acontecimento para os moradores da vila, porém, como se tratou de um jogo “oficial”, todas estas emoções e expressões potencializaram-se.

Esse exemplo é ilustrativo, mas semelhante para os clubes de vilas que possuíam estádios ou campos próprios. Parecia-nos que o sentimento de abandono (presente na fala de alguns nativos) ou de descolamento da cidade, devido às distâncias – não só geográficas com o centro, onde as coisas aconteciam –, abria margem para a emergência de um sentimento de orgulho por estar ali, de admiração por aqueles que os representam, além de uma identificação com o campo de futebol, onde eles socializavam-se, fortalecendo os laços com a comunidade.

O mesmo se dava nos Clubes de Vila, que não possuem estádio próprio, em que esta relação com a comunidade inviabilizava-se. O sentimento dos jogadores com o local era exteriorizado com certa frequência durante as conversas. Este sentimento foi explicado por Rigo (2007, p. 90). Segundo o autor,

Além de atuarem agenciando pertencimento, identificam seus membros entre si e com o bairro, os clubes de futebol agem como catalisadores que concentram e reproduzem os afetos, os códigos e os conflitos que flutuam pelas ruas. Por sua capacidade de agregar e interagir com os moradores, eles se tornam agenciadores de sociabilidade, um lugar onde se forjam sentimentos e valores, um espaço utilizado para administrar as rivalidades, as diferenças e as tensões intrínsecas a todo bairro.

Ao olhar para o objeto de disputa do campo, a busca do clube por *status* nunca se encontrava dissociada da localidade onde estava inserido, ou seja, em seus discursos, os agentes dos Clubes de Vila buscavam enfatizar que suas conquistas eram, também, da comunidade. Em certa medida, além das questões emocionais do torcer, os moradores das vilas contribuíam de outras maneiras para a participação da equipe nos campeonatos amadores da LFPG, pois, em muitos Clubes de Vila, os próprios jogadores eram os responsáveis por arcar com os custos da competição. Desse modo, para amenizar o impacto destes gastos nos orçamentos familiares, o envolvimento da comunidade tornava-se relevante,

fosse na compra de rifas de camisetas de clubes de futebol, costeladas, festas e alguns patrocínios em pequenas quantias de comerciantes locais.

Como os recursos financeiros eram baixos, não existia espaço para a “contratação” de jogadores, até mesmo o convite para que jogadores de outras localidades representassem a Vila era sempre tenso. O mesmo foi descrito por Rigo (2007) sobre a amizade e as relações de poder no clube Sociedade Recreativa Arealense, de um bairro tradicional da cidade de Pelotas, onde os jogadores que vinham de fora “tinham que jogar”, situação que se tornava bastante problemática e representava as disputas internas por poder e *status*, expressas através da titularidade. Elementos que fortaleciam os laços de pertencimento existentes entre jogadores, torcedores, clube e vila.

3. 1. 2 Os Clubes Associativos/Sociais

Conforme já descrito anteriormente, os Clubes Associativos/Sociais são aqueles que surgiram a partir de diferentes agentes em torno de um Clube Social (sem fins lucrativos) ou Associativo (com mensalistas). Diferentemente da classificação anterior e das subsequentes, tanto os clubes Associativos quanto os Sociais possuem um grau maior de organização para as competições. No caso dos clubes associativos, são definidos diretores de esporte, responsáveis pela formação dos elencos (técnico, equipe de auxiliares e jogadores), podendo ser este o técnico ou não, esta designação ocorria devido às outras demandas dos clubes, para além das competições futebolísticas. Porém, no caso dos Clubes Sociais observados, estes se organizavam somente em torno da prática futebolística, deste modo, verificava-se um envolvimento geral dos diretores dos clubes, com os campeonatos amadores.

Embora alguns Clubes Associativos desenvolvam outras atividades para além do futebol, este possui centralidade em suas ações. Desse modo, entre clubes sociais e associativos, observou-se dois olhares distintos sobre as competições amadores fomentadas pela LFPG. Por um lado, alguns agentes e clubes, desta classificação, compreendem os campeonatos como espaços para socialização e confraternização. Sendo contrários a altos (em relação ao campo) investimentos para formação dos elencos, ou cobrança de taxas elevadas. Neste grupo, no qual se pode enquadrar o Mirante E. C., interpretou-se através dos discursos, um desejo pela democratização da competição, independente do nível técnico das equipes, prezando pela participação do máximo de clubes possível. Estes clubes possuíam poucos patrocinadores, desse modo, eles realizavam festas e torneios para complementar a renda do clube e assim honrar com as despesas das competições.

FIGURA 3 - Flyer de divulgação, confeccionado pelos autores, como forma de contribuição com uma das festividades organizadas pelo Mirante E. C. para arrecadação de fundos.



FONTE: OS AUTORES

Não obstante, em oposição a tal visão, alguns clubes mais estruturados defendem uma reorganização da competição que estimule um investimento maior nas equipes, aumentando o nível técnico dos jogos do amador, pois, desse modo, seria possível colocar novamente a cidade “no mapa do futebol estadual”.

Dentro desta categoria, encontram-se as equipes denominadas Clube Associativo Ortodoxo “A” e Clube Social Ortodoxo “B”. Ambas receberam o termo ortodoxo, devido à dominação simbólica do campo, expressa nas competições amadoras através das inúmeras finais em que estes revezaram a conquista dos títulos de campeão amador, mas também, em outras instâncias, como as comissões disciplinares da LFPG e na política local. Em virtude desta posição, tais clubes investem quantias significativas na “contratação” de jogadores, elemento gerador de polêmicas entre estes olhares distintos.

Tensões semelhantes foram identificadas por Myskiw e Stigger (2014, p. 448), no circuito municipal de futebol em Porto Alegre. Segundo os autores, nas reuniões com os

representantes das equipes “não raramente, emergiam disputas entre aqueles que discursavam por uma organização *mais próxima do profissional* e, em contraponto, os que defendiam que *a várzea não é o profissional*”.

Entretanto, um elemento comum entre essas equipes justifica seu agrupamento nesta classificação, qual seja o elo sentimental com os símbolos do clube, o qual não se restringe somente aos jogadores, evidenciando-se em seus familiares. Com o recorte do DC a seguir, intenta-se demonstrar um pouco deste envolvimento.

Após a desclassificação do Mirante E. C. decidi buscar em outros campos de futebol da cidade, pontos de observação, para compreensão destas relações sociais, duas rodadas atrás a presença de uma senhora com aproximadamente 60 e poucos anos, já com os cabelos brancos do tempo, chamou-me a atenção, pelos gestos e comentários a beira do campo. Ao término do jogo esta senhora recebeu seu neto, com um abraço apertado, seguindo de alguma fala que não consegui compreender e também de risos. Sem muita demora, o neto e avó, foram embora. Aquela senhora tornou-se emblemática, deste modo, na próxima rodada acompanhei o clube de seu neto novamente, o jogo foi fora de casa, e ela estava lá novamente. Hoje no terceiro jogo acompanhando o clube, vejo-a novamente, a garoa fininha, que faz com que muitos torcedores se escondam nas partes cobertas do estádio, não há impede de ver o jogo na beira do alambrado. Com as duas mãos segurando o alambrado molhada que separa os torcedores do campo de jogo, com um blusão esportivo que chega ao seu joelho, dobrado nas mangas e com toca que a protege da chuva. Certamente aquele agasalho não era dela. A oportunidade me pareceu propícia, então aproximei-me da senhora e no primeiro momento do jogo em que uma situação duvidosa ocorreu, pedi a falta para o clube de seu neto, o olhar da senhora, que chamarei de dona Zilda, se voltou para minha pessoa, quase que instantaneamente e logo iniciamos um diálogo. Falei sobre o que trazia-me ali, sobre as pretensões do estudo e como boa contadora de história, falou-me sobre toda a sua trajetória de vida relacionada ao futebol, contou-me que seu marido, já falecido, jogou por muitos anos no clube, seguido por seus filhos que cresceram com o pai na “beira do campo” e que agora seu neto jogava. Este por sua vez mais do que pelo clube, jogava por ela, pois segundo dona Zilda: “Ele já faz universidade, vive ocupado, mas do futebol eu não deixo ele parar, porque é a forma de a gente ficar junto. Ele não mora com os pais, mora comigo, como estuda demais a gente se diverte aqui, ele jogando e eu lembrando as coisas boas que vivi aqui com meu marido, meus filhos [...]”. (DC, 2015).

De acordo com Freitas Jr. (2000), os clubes sociais emergiram em Ponta Grossa, como catalisadores de pessoas de mesma origem étnica, financeira ou ideológica. Nos clubes em que o futebol se tornou esse elemento aglutinador, o envolvimento emocional não só dos jogadores, mas também dos familiares torna-se bastante significativo. Pois, mesmo que as tensões entre os grupos se apresentem de forma evidente nos núcleos destes clubes sociais, sempre se encontram agentes que vivenciaram o processo de estruturação do campo futebolístico, mediando muitas vezes estas discussões, uma vez que, de acordo com estes agentes (veteranos), torna-se necessário tomadas de decisão que favoreçam ambos os olhares.

3. 1. 3 Os Clubes Empresas

Outro tipo comum na cidade são os Clubes Empresas. Na presente investigação, foram identificadas as participações de cinco equipes. Embora em menor número do que as anteriores, a participação destes clubes nos campeonatos é efetiva, devido à boa estrutura de que dispõem – apenas um grupo não possui estádio próprio, mas conta com o apoio de outro clube, o que permite jogar sempre no mesmo estádio. Devido a ligações com as empresas as quais levam os nomes, os custos financeiros que envolvem a participação da equipe nos campeonatos (uniformes, taxas de inscrição, filiação à liga e arbitragem), os jogadores não são atingidos por esse tipo de preocupações.

Desse modo, um clube empresa pode ser interpretado como um investimento ou uma forma de *marketing* e de divulgação da marca da empresa, através do time de futebol. Entretanto, a principal estratégia dos agentes que gerem estes clubes é promover e potencializar as ligações afetivas dos jogadores/funcionários e de seus familiares com a empresa. Porém, este investimento só é justificável com bons resultados em campo, assim como em outras tipologias, este elemento é gerador de discussões e posicionamentos antagônicos.

Para os agentes que defendem a importância dos títulos, de boas colocações na competição, uma equipe formada somente por funcionários não é suficiente para atingir o objetivo, tornando-se necessário o investimento em jogadores experientes e diferenciados, quanto à habilidade técnica e inteligência tática. Assim, procuram covidar ex-profissionais ou jogadores que se destacaram no amador em anos anteriores, oferecendo-lhes algum tipo de benefício, auxílio ou remuneração em dinheiro.

As tensões entre estes posicionamentos tornaram-se mais claras após uma partida válida pela 4ª rodada do Campeonato Amador Divisão Especial de 2016, quando conversei com alguns funcionários e jogadores em anos anteriores do Clube Empresa “B”, o qual enfrentava em seu estádio/sede social a equipe do Mirante E. C.

Esta foi uma das poucas, se não a única, partida que acompanhei à tarde. Tive dificuldades para encontrar o local do jogo, mas após perguntar para vários moradores da região e alguns colegas do futebol cheguei à sede do Clube Empresa “B”, com o jogo já em andamento. O espaço era grande, além do campo e arquibancadas, havia também algumas piscinas, quadras esportivas, parquinho para as crianças, churrasqueias com quiosques, salão para festas e um amplo espaço destinado ao estacionamento dos veículos. De imediato, algumas placas pedindo moderação no consumo de bebidas alcoólicas chamou-me a atenção. Durante o jogo, quando alguns jogadores específicos recebiam a bola e não realizavam boas jogadas ou perdiam a posse dela, era possível alguns comentários em tom de gozação ou de

protesto. Assim aproximei-me do grupo que proferia estes comentários e passei a compreender suas motivações. Neste ano a equipe havia optado por trazer para o clube, jogadores que não eram funcionários da empresa, deste modo, alguns funcionários da empresa e jogadores em anos anteriores “menos habilidosos” ficaram de fora da equipe. Estes por sua vez, buscavam a todo o momento deslegitimar a entrada destes jogadores no elenco, utilizando o fato de alguns destes receberem benefícios ou auxílios, como potencializadores das críticas. Descobriu-se também que fato de ficar fora da equipe, retirava este jogador/funcionário da lista de regalias do grupo, como maior flexibilidade na escala de trabalho ou folgas nas segundas pela manhã, em caso de vitórias no domingo (DC, 03 de julho de 2016).

Por outro lado, como o responsável por organizar o time nem sempre possui algum cargo de liderança na empresa, na maioria dos casos são os próprios funcionários que se mobilizam, recorrendo a esta apenas para o custeio dos gastos. Alguns agentes defendem que o time deve ser formado somente por funcionários, permitindo a entrada de outros jogadores, apenas nos casos em que seja necessário completar o elenco. Ainda assim, a questão da titularidade emerge novamente e provoca inúmeros descontentamentos por parte dos jogadores, quanto a suas posições no clube, fator responsável pela rotatividade de muitos destes, tanto por parte dos funcionários, quanto por aqueles que recebem algum benefício ou remuneração, mas que mesmo assim não se sentem valorizados.

3. 1. 4 Os Clubes Visitantes

Com a popularização da competição amadora de futebol em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais, equipes de cidades vizinhas passaram a manifestar interesse em disputar o campeonato local. Com o desejo de expandir cada vez mais o “alcance” da competição, o ex-presidente da LFPG contou-me que em um dos arbitrais, o qual não recordava o ano, decidiu-se admitir a participação de clubes de “fora”, desde que estes fossem até Ponta Grossa, para disputar os jogos em “casa” ou então que arcassem com os custos de viagem do clube visitante a sua cidade (DC, 19 de junho de 2014).

Durante o período em que acompanhei o amador, foi possível perceber nos Clubes Visitantes, um elo forte com a cidade que representavam. Expresso no nome das equipes, mas também presente nos discursos dos jogadores. Os quais acreditam levar consigo certa responsabilidade de preservar moralmente o nome da cidade que defendem. Em alguns casos, a participação destas equipes nos campeonatos amadores de futebol em Ponta Grossa é patrocinada pelas prefeituras, arcando com alguns dos custos (arbitragem, taxas da liga) ou cedendo uniformes e transporte para as viagens.

Neste caso, o defender “bem” a equipe está atrelado a uma luta por boas posições na competição, pois somente este fato justificaria o investimento. Entretanto, observou-se, também, grupos de agentes que, com apoio de alguns patrocínios, buscam organizar-se formando equipes para “participação” da competição, sem a pretensão de grandes campanhas. Para estes jogadores, a sociabilidade proporcionada pelas viagens a Ponta Grossa ou os churrascos para receber os clubes de Ponta Grossa que aceitam viajar para suas cidades, tornam-se mais satisfatórios do que a disputa por títulos.

Em virtude da relevância dos Cubes de Vilas e Clubes Associativos/Sociais para o campo, as descrições destes grupos foram desproporcionais se comparadas aos Clubes Empresa e Clubes Visitantes. Através desta descrição, pode-se inferir existem diferentes entendimentos sobre o que “está em jogo”. De acordo com suas limitações e potencialidades, os clubes estabelecem seus objetivos na competição, que podem variar desde a simples participação aos grandes investimentos para sagrar-se campeão amador pontagrossense. Quanto ao *status*, este legitima-se através do desejo dos Clubes Ortodoxos de conservar a dominação do campo e pela luta das demais equipes para derrota-los, tentando subverter esta ordem ou simplesmente permanecer em atividade.

Torna-se latente a subdivisão das equipes, de acordo com as suas características e objetivos no campo. Neste dinamismo, o “esquema tático” adotado pelo clube reflete em toda a estruturação dos elencos. Aproximando jogadores com determinadas características e fechando-se a outros, ao passo que os jogadores também buscam, em um primeiro momento, estabelecer-se no amador e em seguida encontrar clubes que possuam metas/ambições alinhadas às suas. Destarte, o próximo passo deste empreendimento etnográfico consistiu na compreensão dos tipos de jogadores que compõem as equipes amadoras de futebol em Ponta Grossa.

3. 2 A CONSTRUÇÃO DOS TIPOS SOCIAIS

A noção de tipos sociais, como é apresentada por Durkheim (1995), emerge dos posicionamentos antagônicos dos historiadores e dos filósofos. Vale destacar que, neste momento histórico, a filosofia e a história apresentavam-se como ciências estruturadas no campo científico. De um lado, segundo o autor, encontravam-se os historiadores, que compreendiam as sociedades como compostas por uma heterogeneidade quase individualizada, o que dificultava os processos comparativos, visto que “Cada povo tem sua

fisionomia, sua constituição específica, seu direito, sua moral, sua organização econômica que convêm só a ele, e toda generalização é mais ou menos impossível” (DURKHEIM, 1995, p. 77).

Por outro lado, para os filósofos, os grupos sociais particulares, denominados cidades ou nações, por exemplo, nada mais são do que combinações temporárias sem realidade específica. Sob este viés, o autor sugere uma terceira corrente, estruturada na fronteira destes posicionamentos.

[...] escapamos a essa alternativa tão logo reconhecemos que, entre a multidão confusa das sociedades históricas e o conceito único, mas ideal, da humanidade, existem intermediários: são as espécies sociais. Na idéia de espécie, com efeito, acham-se reunidas tanto a unidade que toda pesquisa verdadeiramente científica exige, como a diversidade que é dada nos fatos, já que a espécie é a mesma em todos os indivíduos que dela fazem parte e, por outro lado, as espécies diferem entre si. (DURKHEIM, 1995, p. 78).

Durkheim (1995) pretende, através da observação e classificação dos tipos sociais, compreender os fatos vivenciados cotidianamente em sociedade. Como posto, os tipos e as espécies são a chave desse entendimento, assim sendo, torna-se fundamental a construção de um processo de investigação. Mas por onde começar? A resposta para esta indagação pode ser encontrada quando Durkheim (1995) utiliza-se da ideia de Spencer¹³, de que as transformações sociais se iniciam nos pequenos agregados, ou agregados simples. Estes, por sua vez, unem-se a outros agregados e assim sucessivamente, formando as sociedades mais complexas. Desse modo, para o autor, toda tipologia deve preocupar-se inicialmente em “classificar as sociedades de acordo com o grau de composição que elas apresentam, tomando por base a sociedade perfeitamente simples ou de segmento único” (DURKHEIM, 1995, p. 87).

Durkheim (1995) utiliza-se da *horda* (comunidade nômade) e do *clã*, como exemplos deste ponto de partida da escala de classificação dos tipos. Pois estes não se decompõem em outros agregados sociais menores. Vale destacar, que o autor reconhece que mesmo nestes agregados há particularidades entre os indivíduos.

Estabelecido o ponto de observação a partir desta sociedade de segmento único, a qual será definida na presente investigação como um clube, o Mirante E. C., segue-se esta

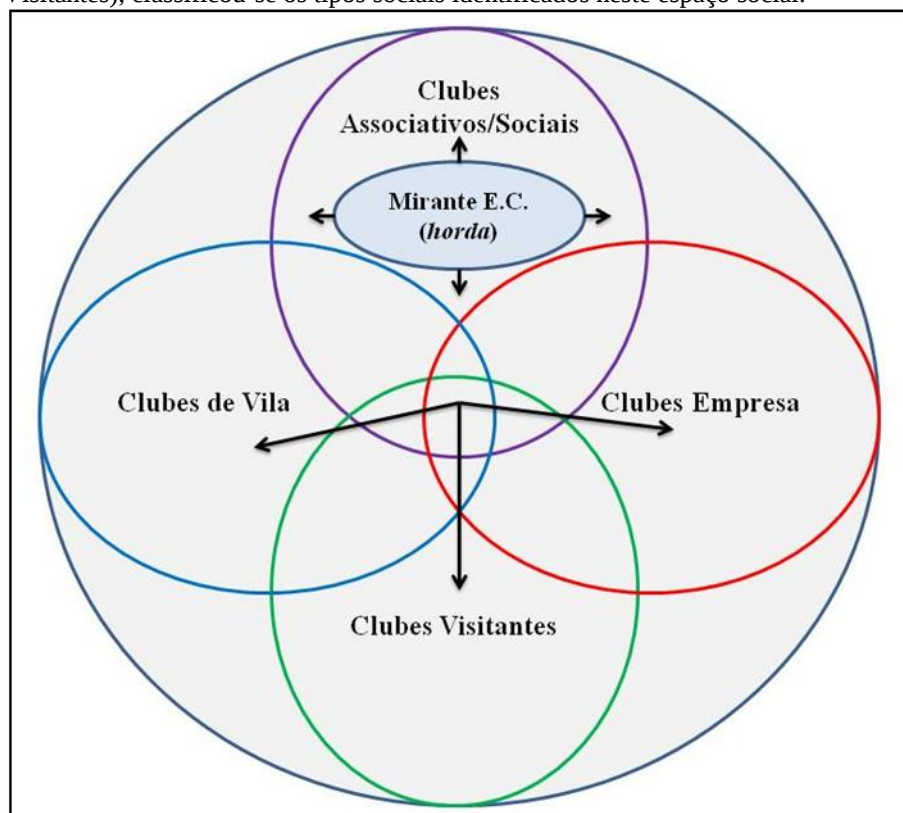
¹³ Herbert Spencer nasceu em Derby, Inglaterra, no dia 27 de abril de 1820, e faleceu em 1903. O filósofo inglês foi um dos maiores representantes do positivismo na Inglaterra, influenciando significativamente no pensamento de autores como Durkheim.

classificação, observando a formação de grupos intermediários. Tais grupos são expressos na presente investigação, através da classificação realizada anteriormente entre: Clubes de Vila, Clubes Associativos/Sociais, Clubes Empresa e Clubes Visitantes. Agrupamentos formados pela aproximação de equipes com características comuns, embora não abarquem todas as especificidades contidas nos clubes.

Por fim, o agregado formado por estes grupos intermediários é compreendido como o campo futebolístico amador pontagrossense. Estabelecidos os tipos, deve-se verificar como se apresentam as ordens das sociedades segmentares, até a formação da sociedade resultante, a existência de particularidades, se ainda há certa individualidade ou se estas foram absorvidas pela massa social (DURKHEIM, 1995, p. 86). Através deste olhar pode-se constatar também a existência ou não de coalescência entre estes segmentos sociais.

O esquema apresentado a seguir ilustra este olhar sobre o campo, o qual encontra no Mirante E. C. seu “mirante” para a contextualização e construção do mapa do campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

FIGURA 4 - Neste esquema apresenta-se o processo de observação para estruturação do mapa do campo. Partindo do Mirante E. C., observou-se os clubes que se aproximavam de suas características, identificando também as distinções. Em seguida, através das interações deste grupo com os demais (Clubos de Vila, Clubes Empresa e Clubes Visitantes), classificou-se os tipos sociais identificados neste espaço social.



FONTE: OS AUTORES

Partindo-se deste olhar, subdividiu-se os jogadores de acordo com suas motivações para permanecerem no campo, originando-se quatro tipos sociais de jogadores. 1) Aqueles que jogam devido à identidade com o clube; 2) Aqueles que jogam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade; 3) Aqueles que jogam devido ao amor pelo futebol e; 4) Aqueles que jogam devido aos benefícios ou remunerações.

3. 2. 1 Aqueles que jogam devido à identidade com o clube

Os jogadores enquadrados nesta tipologia compõem, geralmente, o núcleo central das equipes. Quanto menos estruturado for o clube, maior será a importância destes agentes na dinâmica do grupo, ao passo que, se vários destes jogadores saíssem ou se afastassem ao mesmo tempo do clube, haveria uma grande chance de este fechar suas portas. Pois, além de jogar, eles acumulam outras funções, como: a busca de patrocinadores, organização de eventos para arrecadação de fundos, lavar os uniformes, manter o campo de futebol em condições básicas de jogo, ser técnico (em alguns casos) e outras mais que possam emergir. Por outro lado, quanto mais estruturado for o clube, o que inclui possuir diretoria, funcionários, grandes patrocinadores locais, além de outras formas de renda, menor será a quantidade de jogadores desta tipologia envolvidos nas tomadas de decisão. Não obstante, independente da tipologia do clube, estes agentes possuem grande poder simbólico no grupo.

Pode-se inferir, a partir dos discursos dos agentes do campo, que a quantidade de jogadores que se enquadram nesta tipologia vem tornando-se cada vez mais restrita, em todo o quadro de equipes que disputam os campeonatos amadores de futebol em Ponta Grossa. Situação despercebida em muitos clubes, porém, que parece incomodar os membros da diretoria do Mirante E. C., os quais buscam novas estratégias para tornar cada vez maior a quantidade deste tipo de jogadores. Comparativamente, na equipe do Mirante E. C. observa-se mais jogadores que possuem este sentimento de pertencimento ao clube, principalmente na categoria Máster.

Esta identidade consolida-se em relações de longa duração com o clube, a qual tem nos símbolos da equipe (cores, mascote, emblema, nome e etc.) seus agregadores sociais, estruturando-se através das “teias de significados” (GEERTZ, 2008), tecidas ao longo das vivências compartilhadas pelos agentes do clube. Corrobora-se, assim, com o entendimento de Bauman (2005) de que a identidade pode ser entendida como uma faca de dois gumes. Nesse sentido, no caso em questão, existiria a pressão social do campo, estipulada pelas normas sociais, e a pressão dos clubes tentando fazer com que os jogadores se alinhem a sua

identidade, havendo, portanto, uma luta entre esses grupos. No Mirante E. C., esta teia representa-se através da noção de família, onde independente dos laços consanguíneos, os jogadores utilizavam este termo para explicar o significado dos encontros.

No caso desta tipologia de jogadores, que constroem estes laços de pertencimento ao clube, a presença dos familiares é frequente e fundamental. Avós, pai, mãe, tios, esposa e filhos estão entre os torcedores. Pode-se destacar as esposas e filhos como mais participativos. Algumas mais tímidas acompanham os jogos quietas, torcendo silenciosamente, outras, porém gritam frases motivacionais para o esposo e o time como: “Vai amor!”; “Vamos time!”; “Mostre/Mostrem quem manda!”; entretanto, outras optam por tirar sarro da atuação do esposo em campo, gritando frases como: “Não me envergonhe!”; “Como vai aguentar correr com essa barriguinha?” (no caso dos jogadores acima do peso); “Se errar mais um gol não vai para casa”; entre outros, sempre acompanhados por risos. No caso dos filhos, observou-se muitos pais/jogadores que aproveitam o tempo anterior ao início do jogo e o intervalo para brincar de jogar bola com os filhos, os quais alegam fazer isso para ensinar a criança a valorizar o clube e tomar gosto pelo futebol.

FIGURA 5 - Nesta imagem, destaca-se a presença do filho de um destes jogadores, o qual regularmente era levado por seu pai ao estádio nos jogos.



FONTE: OS AUTORES

Assim, uma característica marcante deste tipo social são as relações duradouras. Esses jogadores permanecem em um mesmo clube por anos ou até décadas, e, em vários casos, após “pendurarem as chuteiras”, estes continuam frequentando o clube, envolvendo-se em atividades administrativas ou apenas acompanhando os jogos através dos alambrados. Recorrendo à discussão de identidade, apresentada por Bauman (2005), verifica-se que para este grupo ela é construída e, principalmente, estimulada (no sentido de uma manutenção constante), por laços emocionais e afetivos de longa duração.

Para estes jogadores, a estratégia adotada para o acúmulo de *status* não se encontra no desejo de vitórias e conquistas, mas na vontade de associar seu nome ao clube, passando a ser conhecido como o seu Tião do Mirante E. C., por exemplo. Como citado inicialmente, tanto no Mirante E. C., ponto inicial da observação, quanto nos demais, são poucos os jogadores que mantêm relações duradouras com os clubes. Desse modo, estes indivíduos buscam a todo o momento, despertar nos demais jogadores este sentimento, para que esta ligação simbólica se fortaleça. As estratégias utilizadas variam de clube para clube, mas têm por objetivo atrair os outros três tipos de jogadores, os quais serão descritos na sequência.

3. 2. 2 Aqueles que jogam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade

Seguindo em direção à tipologia anterior (em que os sentimentos de pertencimento ao clube onde jogam são aflorados), os agentes que se enquadram neste tipo encontram-se cada vez mais próximos de uma relação duradoura com o clube. Porém, as ligações que os mantêm nestes espaços ainda se ancoram predominantemente nos grupos de amizades em torno do futebol. Assim, estes “subgrupos” formados no interior dos clubes, que podem variar de dois a até seis jogadores, aproximadamente, transitam ou se estabelecem em um clube de forma coletiva, ou seja, buscam jogar onde todos do grupo sintam-se satisfeitos, devido à relação de fidelidade existente, de forma consciente e inconsciente ao mesmo tempo.

Para estes, o comprometimento com o clube e suas atividades era frágil, o que contribuía para um constante processo migratório destes jogadores, entre os clubes que compõe o campeonato amador. O mesmo foi observado por Rigo et. al. (2010, p. 166) em um estudo realizado em dois campeonatos de várzea na cidade de Pelotas – RS.

No geral poderíamos classificar os jogadores em dois grupos: os jogadores/dirigente e os que são apenas jogadores. Os primeiros caracterizam-se por mesclar o papel de jogador com o de diretor do clube onde atuam. Eles permanecem no clube por vários

anos e estabelecem com ele um forte sentimento clubista. Os do segundo grupo se diferem destes por manter um distanciamento maior com o clube em que jogam. Para eles o mais importante é rodar e disputar os campeonatos.

Da mesma maneira, percebeu-se que, no campo amador pontagrossense, para a maioria dos jogadores desta tipologia não havia um sentimento de pertencimento e laços fortes com um único clube. Entretanto, quando nos referimos ao campeonato, ele passava a existir, pois independente da agremiação, eles desejavam disputar o amador. Vale ressaltar que neste fluxo, sempre que um dos jogadores desta tipologia saía de um clube, ele era acompanhado por outros, ao passo que quem os convida para juntar-se a seu time, sabia da necessidade de reservar mais uma ou algumas vagas para seus companheiros.

Isso ocorria porque, diferentemente dos tipos a serem apresentados na sequência – aqueles que jogam devido ao amor pelo futebol ou por remunerações financeiras –, os resultados e as condições de jogo oferecidas pelos clubes não eram centrais, pois a socialização e a confraternização entre estes jogadores antes, durante e, principalmente, após os jogos possuía um caráter simbólico de grande relevância para essas ligações.

FIGURA 6 - Encontro dos jogadores e torcedores/amigos para confraternização após um dos jogos do Mirante E. C.



FONTE: OS AUTORES

O compromisso com a vitória e a busca pelo título existia, mas caso não viesse, o sentimento de frustração ou fracasso não se sobrepunham às relações de amizade, fomentadas

através dos espaços de socialização. Como a maioria dos jogadores não recebia benefícios ou remunerações para jogar pelo clube, ganhar uma cerveja, um refrigerante ou um churrasco, realçava os egos. Todos, ou a maioria deles, teriam condições financeiras para comprar isso, mas o significado dessa relação estava justamente no simbolismo de receber, no sentir-se valorizado.

Se olharmos para o maior dos objetos de disputa entre os jogadores, o *status*, este era, em certa medida, questionado, pois, para eles, o grande diferencial do amadorismo era a possibilidade de não seguir rigidamente os padrões oficiais de jogo. Embora nos “jogos absorventes” (GEERTZ, 2008), se é que se pode interpretar desta maneira, onde suas equipes enfrentavam os clubes Ortodoxos do campo, vencer tornava-se primordial. Como salientou um dos jogadores do Mirante E. C., em uma conversa sobre o jogo da rodada seguinte, em que o clube jogaria contra o Clube Social Ortodoxo “B”:

Cara. Semana que vem vai ser pauleira, vou dar o sangue, jogar muito mais bola que joguei hoje. Eu não ligo muito pra vitória, gosto de jogar e me divertir, depois tomar uma cervejinha, dar risada com a rapaziada, mas contra aqueles caras não, daqueles eu quero ganhar. Podemos perder todos os jogos depois, nem classificar, mas o gostinho de ver a cara de taxa daqueles marrento eu quero ter. Ainda mais na casa deles, até foguete vou soltar lá dentro se a gente ganhar. Se, não! Nós vamos ganhar! (DC, 28 de maio de 2017).

Embora este grupo de jogadores tendesse a refutar a noção de busca por *status*, nestes jogos entre equipes desiguais, quando os ortodoxos eram favoritos, o desejo pelo resultado aflorava-se, legitimando este troféu (BOURDIEU, 2008a). Isto ocorria, principalmente, porque, para este tipo de jogador, as possibilidades de entrada em um clube Ortodoxo eram bastante reduzidas, uma vez que o fato de eles valorarem mais a sociabilidade seria interpretado como falta de seriedade. Não obstante, o Mirante E. C. partia de uma perspectiva oposta, pois entendiam que os jogadores desta tipologia seriam potenciais membros a estabelecerem vínculos longínquos com o clube, motivo pelo qual encontrou-se muitos destes jogadores nas equipes do Mirante.

Como estes jogadores ainda não possuíam tempo suficiente para se legitimar em um clube, elementos como a habilidade motora e capacidades (física, técnica e tática); o poder econômico ou político; e o carisma pesavam na decisão dos dirigentes, para que aqueles fossem convidados a permanecer na equipe, ou para que decidissem migrar para outro clube.

3. 2. 3 Aqueles que jogam devido ao amor pelo futebol

Para estes, a socialização ou confraternização após cada um dos jogos não era primordial, diferente dos tipos apresentados acima, para os quais a “cerveja ou o churrasco” eram os principais motivadores dos encontros. Os jogadores deste grupo valorizavam o jogo e o resultado, em caso de vitórias e, principalmente, classificações para as fases seguintes, o “churrasquinho era merecido”, no entanto, nos casos de derrotas e campanhas ruins na competição, não se justificava a realização de festividades.

Embora no Mirante E. C. se valorizasse os momentos destinados à socialização e o espaço de confraternização, independente do resultado do jogo, via-se com frequência jogadores que se enquadravam nesta tipologia, indo rapidamente para o vestiário e para suas casas, alguns sérios, com expressões “fechadas”, descontentes. Em muitos destes casos, os jogadores acabaram migrando para outros clubes, por não concordarem com a forma como o grupo via o futebol, interpretada por alguns destes como falta de seriedade e compromisso.

Porém, os jogadores que adotavam uma postura compreensiva, entendendo que cada um enxergava o jogo de uma forma distinta e que não existia um único modo de se pensar, não eram marginalizados ou tratados com distinção pelos demais companheiros de clube, devido à não participação frequente nas rodas de sociabilidade. Pelo contrário, sua presença era destacada, tornando-se um dos alvos das gozações em grupo. Como, por exemplo, “Hoje a mulher te liberou?”; “Agradou a patroa ontem?”; “Acho que alguém não vai entrar pra dentro de casa hoje”; ou “Alguém vai apanhar quando chegar em casa”. Todas estas frases foram proferidas em tom provocativo e alto, para certificar-se de que vários sujeitos ouvissem e continuassem as brincadeiras com o jogador.

Embora os comentários fossem satíricos, tornando o ambiente descontraído, passou-se a perceber, durante as observações, que havia por trás destes discursos, uma negociação constante por parte dos jogadores desta tipologia, com seus familiares e principalmente esposas. Diferentemente das relações de proximidade, pertencimento e/ou identidade com o clube, construída por alguns jogadores, que acabava aproximando também a família ao time. O distanciamento dos jogadores desta tipologia tornava mais tênue sua negociação cotidiana para frequentar este espaço. Como pode-se verificar no trecho a seguir, descrito no diário de campo, após captar uma conversa entre dois jogadores do Mirante E. C., na qual um despedia-se alegando não poder esperar o churrasco, pois deveria almoçar com sua esposa.

Após a vitória do Mirante E. C., por três gols a dois, válida pela 9ª rodada do Campeonato Amador Máster, o clube assumiu a terceira colocação ficando a apenas um ponto do segundo colocado. A empolgação tomou conta dos jogadores e torcedores, fato que levou alguns jogadores a iniciarem uma coleta de contribuições financeiras para compra de carne, linguiça e pães. De imediato a maioria dos

jogadores decidiu ficar para o churrasco, o qual não havia sido programado com antecedência. Assim, quando Rodrigo avistou Felipe deslocando-se em direção ao seu carro, ele chamou-o e perguntou se ele estava sabendo que fariam “uma carne”. Felipe respondeu que sim, mas que precisava ir para casa, novamente Rodrigo insiste para que ele ficasse. “-Fique aí irmão, os piás já foram buscar a carne, logo chegam do mercado, vamos ali tomar uma cerveja, você come uma carne e vai pra casa, a mulher nem vai perceber ou fala que o jogo atrasou”. Ambos riram e então Felipe respondeu: “-Não vou poder ficar mesmo, ontem jogamos à tarde com o pessoal aqui e ficamos até às 22 horas tomando cerveja. Hoje eu tenho que almoçar com a patroa, eu tinha um ‘cartucho’ e gastei ontem, se soubesse que fariam churrasco tinha ido pra casa cedo e aproveitava hoje, mas preciso ir mesmo”. Após esta frase os dois gargalharam, e Rodrigo concordou com a “justificativa” do companheiro, assim, estes despediram-se, um deles voltando para o bar e outro entrando em seu veículo e deixando o estádio do Mirante E. C. (DC, 23 de abril de 2017).

Além das negociações em casa, o motivo pelo qual muitos destes jogadores não participavam de certas confraternizações estava relacionado à sua organização do tempo, para poder participar de vários jogos nos fins de semana. O “amor” pelo futebol leva-os a compor diversas equipes e disputar competições em diferentes locais. O campeonato amador era sempre a prioridade, porém, na sequência desta ordem estavam os campeonatos dos clubes associativos. Alguns jogadores desta tipologia chegam a participar de competições em mais de dois ou três clubes, simultaneamente, em diferentes categorias, além de torneios para os quais eram convidados.

Para os jogadores deste tipo, a habilidade era, em certa medida, uma unidade de troca simbólica, ou seja, para que permaneçam disputando os campeonatos amadores e de clubes, “jogar bem” era essencial. Os treinamentos em academias ou o *crosofut* (oferecido em um clube associativo da cidade) reforçavam a preparação física necessária para disputa de tantos jogos. Esteticamente, observava-se que estes atletas valorizavam a utilização de equipamentos (chuteiras, caneleiras, luvas) de marcas conhecidas, similares às utilizadas por atletas profissionais. Os cortes de cabelo, principalmente entre os mais jovens, tinham inspiração nos atletas dos grandes clubes de futebol brasileiros e internacionais.

Seus gestos, o tocar na bola, expressavam um domínio técnico mais refinado; o modo de correr, a movimentação em campo, demonstravam um conhecimento e uma preocupação tática diferenciada das tipologias anteriores. Diferentemente do primeiro tipo, em que as conversas fora de campo, transcendiam ao futebol e eram abordados assuntos pessoais, como futuros casamentos, batizados, aniversários e histórias familiares. Estes jogadores, por sua vez, falavam, em sua grande maioria, de temas relacionados ao futebol, fosse sobre o amador (pontos necessários para classificação, quais as melhores equipes), sobre os campeonatos de

clubes associativos da cidade (os quais também participam) ou sobre as competições profissionais em todos os níveis (local, nacional e internacional).

3. 2. 4 Aqueles que jogam devido aos benefícios ou remunerações

O ato de um jogador amador receber qualquer remuneração financeira para jogar por um determinado clube era, por si só, um gerador de polêmicas e posicionamentos distintos entre os jogadores, técnicos e dirigentes dos clubes amadores. Os jogadores que mantinham relações duradouras com o clube alegavam que a essência do amadorismo era justamente o sentimento de amor ao futebol, de identidade com o clube, de fraternidade através dos espaços de socialização e não um espaço de ganho financeiro.

Devido a este fato, em alguns clubes, o pagamento de qualquer valor financeiro ou benefício para jogar era velado, pois um dos princípios do amador, ressignificado de sua origem burguesa, era a não remuneração. Nestes casos, falar abertamente que se recebia qualquer quantia poderia afetar o equilíbrio estabelecido na equipe.

Durante as observações *in loco*, presenciou-se no Mirante E. C. um destes conflitos. De forma velada, o técnico do clube da Divisão Especial, no ano de 2016, convidou seis jogadores de uma cidade vizinha para comporem a equipe do Mirante E. C., oferecendo-lhes uma “ajuda de custo” para o deslocamento até a cidade. Não obstante, o compromisso não foi cumprido pelo técnico, o qual havia garantido à diretoria do clube que se responsabilizaria pela verba, fato que acarretou em um desfalque de seis jogadores na primeira rodada da competição. A situação tornou-se mais problemática, quando os jogadores do grupo descobriram da proposta realizada, fato que ocasionou a saída de mais alguns jogadores da equipe, inviabilizando uma “boa” participação do Mirante E. C., que, ao longo daquele ano, enfrentou dificuldades para entrar em campo com 11 jogadores.

No entanto, na dinâmica dos jogos, estes jogadores distinguiam-se dos de outras categorias, pois “desequilibravam” (termo nativo) as partidas devido às melhores condições físicas, técnicas e táticas. Para manter este condicionamento, estes jogadores realizam preparações individualmente, em academias e em locais específicos para treinar os fundamentos do futebol, como os espaços de *crossfut*, introduzidos recentemente na cidade.

Outra característica marcante era o fato de muitos destes jogadores terem jogado futebol profissionalmente. Nestes casos, receber para jogar significava, para eles, um ato de reconhecimento pelo “feito conquistado”. Esta dimensão simbólica fica ainda mais evidente nas equipes em que o pagamento dos atletas era expresso abertamente.

Agora é aproximadamente meio dia e quinze, o árbitro apita o término do jogo, partida válida pela final do campeonato amador máster 2016, entre Clube Associativo Ortodoxo “A” e Clube Social Ortodoxo “B”, deste modo o Clube Ortodoxo “B” consagrou-se campeão da competição. Um dos fatores mais interessantes deste dia foi observar os comentários dos torcedores na beira do alambrado. Embora se tratasse da competição máster, todos os jogadores da equipe campeã receberam uma “gratificação” por partida, investimento que provavelmente contribuiu para a conquista do título. A partir dos comentários externos, identifiquei ao menos quatro jogadores desta equipe, que já haviam jogado profissionalmente. Um deles, muito elogiado por um grupo de torcedores, o qual segundo um destes havia jogado, juntamente com ele, em um clube paquistanês. Para este torcedor, exaltar este fato, atribuía-lhe certo prestígio perante o grupo. Da mesma forma, para este jogador, o reconhecimento de seu “talento” por parte dos companheiros era a moeda de troca, assim como o receber, independente do valor ou do que, atribuem-lhe *status*, contribuindo para que ele continuasse sendo disputado por outras equipes. (DC, 29 de maio de 2016).

Para os jogadores mais novos, da Divisão Especial, este reconhecimento era ainda mais almejado, pois, em alguns casos, acreditava-se que era a partir dele, que poderiam encontrar uma possibilidade de ingresso em uma equipe profissional. Para os jogadores que já encerraram suas carreiras como futebolistas profissionais, receber para jogar os campeonatos amadores era condição fundamental. Não pelo valor financeiro, mas pelo significado deste ato no campo. Ao passo que, em muitos casos, se este jogador parasse de receber propostas remuneradas, seriam grandes as chances de este encerrar suas participações também nos campos amadores.

Ao compreender os tipos de jogadores que compõem as equipes amadoras, pode-se perceber a existência de diferentes motivações e interesses na participação das competições. Mesmo reconhecendo que toda e qualquer classificação ou tipologia apresenta-se, em um primeiro momento, como estanque, este exercício tornou-se bastante significativo no processo de leitura deste mapa abstrato. Não obstante, considera-se relevante estabelecer em um segundo momento, apontamentos sobre como estas classificações e tipologias relacionam-se na dinâmica do campo.

Dessa forma, após esta estruturação do mapa social, ou seja, contextualização das diferentes visões e interesses dos diferentes clubes, das motivações dos agentes sociais neles inseridos, dos objetos de disputa do campo e dos acontecimentos neste espaço, realizou-se no capítulo seguinte a localização do Mirante E. C. neste espaço social, intentando descrever e analisar, para além destas classificações e tipologias, as especificidades e singularidades do clube em que se permaneceu *in loco* mais de três anos.

4 BEM-VINDO À FAMÍLIA! NOTAS SOBRE A LÓGICA DO CASAMENTO E O POSTO DE VETERANO NO MIRANTE E. C.

No segundo capítulo desta investigação, intentou-se apresentar os passos iniciais percorridos dentro do campo social investigado, bem com a percepção de que a aceitabilidade por parte dos agentes subdividia-se em camadas. Após as duas primeiras barreiras, superadas no momento em que se encontrou um espaço nas rodas de sociabilidade nos alambrados e, em seguida, quando deixou-se os alambrados e passou-se a confraternizar com os jogadores e dirigentes no bar do clube, emergiram inúmeras possibilidades de análise.

Dentre as mais perceptíveis, destacou-se para análise a “lógica do casamento” e o “posto de veterano”. Categorias que podem ser aprofundadas quando, do mesmo modo que qualquer forasteiro, mais é ultrapassada mais de uma das camadas de aprovação ou de aceitabilidade. Dessa forma, efetivada a participação nos momentos de socialização no bar do estádio, a superação da terceira camada ocorreu através da participação nas peladas de sábado.

Mesmo impossibilitado de participar do jogo, devido a uma lesão no joelho, não recusei o convite para acompanhar uma pelada entre o Mirante E. C. e o Clube Associativo “C”. Cheguei no estádio do clube, às 14:30 horas, com a partida já em andamento, observei nos bancos externos ao alambrado, jogadores com seus meiões abaixados e sujos, alguns sem chuteiras, outros com blusas sobre as camisas de jogo, dividindo algumas garrafas de cerveja e jogando truco ou assistindo a partida. Sinais de que houve uma partida anterior a do Mirante E. C.. Como tratava-se de um amistoso e a relação de proximidade permitia, adentrei os portões do campo, para sentar-se com alguns jogadores no banco de reservas [...] Após o jogo todos dirigiram-se para o bar do estádio, este não apresenta nenhum atrativo que justificasse sua lotação, tratava-se de um espaço pequeno, com o teto baixo, no centro deste espaço uma mesa de sinuca ocupava quase todo o ambiente, ao entorno dela jogadores de dispunham em rodas descontraídas conduzidas por piadas e comentários jocosos. A sensação era a de que se estava em um festival de *stand up comedy*, no qual os jogadores revezavam-se com a palavra. Ao menos durante o período eu que durou este momento, esqueceu-se do estresse e pressões que campo acadêmico, tal efeito era buscado por muitos destes agentes, que alegavam esquecer os problemas pessoais nestes encontros. Diferente dos jogos aos domingos, onde a presença feminina era constante, nestas peladas os frequentadores eram predominantemente homens. Ao questioná-los sobre este comportamento, os jogadores justificavam alegando que sábado era o dia do grupo e domingo o dia da família [...] (DC, 21 de maio de 2016).

Após este primeiro convite, acompanhei várias peladas, sempre na companhia de seu Tião, que insistia cada vez mais para que eu jogasse. Desse modo, embora não planejada, a oportunidade surgiu em um jogo válido pela última rodada da primeira fase do Campeonato Amador Divisão Especial de 2016. A participação do Mirante E. C. nesta edição, assim como

nas competições anteriores, cercou-se de dificuldades, desde o apoio de patrocinadores até a inscrição de jogadores para o campeonato, conforme já mencionado.

Nesta edição da competição, o clube contou com a presença de somente um goleiro, o qual após uma discussão com um companheiro de equipe foi expulso. Como eu havia acompanhado as peladas e jogos do clube (embora nunca tivesse jogado com eles), seu Tião pegou meus documentos para registrar-me na LFPG, assim, disputei a rodada final do campeonato.

FIGURA 7 - Imagem do primeiro jogo que disputei, representando o Mirante E. C. no Campeonato Amador Divisão Especial de 2016.



FONTE: OS AUTORES

Encerrada a partida, uma frase dita por um dos veteranos, e repetida ao menos três vezes por seu Tião durante o churrasco de confraternização, consolidou as interpretações dos diários de campo e discursos dos jogadores: “Agora sim, bem-vindo à família!” (DC, 30 de julho de 2016). Mas o que significava fazer parte da família? Como se dava a construção e reprodução deste desejo, do gosto por um futebol familiar?

4.1 O MIRANTE E. C. É UM TIME DE FAMÍLIA! O PROCESSO DE APRENDIZAGEM SOCIAL DO GOSTO PELA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA AMADORA

Na obra “A Distinção”, Bourdieu (2008a) esforça-se para estruturar uma sociologia do gosto, ou seja, ele demonstra, através de uma infinidade de dados, como os diferentes grupos sociais (ortodoxos e heterodoxos), através de suas relações, estruturam certos padrões de gostos, decorrentes de padrões de *habitus*. Para o autor, os gostos, estas preferências manifestadas cotidianamente, são afirmações práticas da existência de diferenças inevitáveis entre agentes e grupos, localizados em posições distintas do campo social.

Bourdieu (2008a) atribui à família e à escola, uma importância singular no processo de aprendizagem e incorporação destas preferências, uma vez que ocorrem nestes espaços as socializações primárias dos agentes. Ou seja, é através das relações sociais com os familiares (pai, mãe, irmão, avós, etc.) que as primeiras práticas e representações sociais são aprendidas. Posteriormente, a escola também se apresenta como um espaço legítimo de aprendizagem de novas práticas e representações sociais.

Dessa forma, o autor salienta que, inseparavelmente, família e escola operam como espaços constituintes das competências julgadas “necessárias” para os diferentes momentos, bem como espaços de definição do valor destas competências. Dito rigorosamente com as palavras de Bourdieu (2008a, p. 82), a família e a escola devem ser vistas “como mercados que, por suas sanções positivas ou negativas, controlam o desempenho, fortalecendo o que é ‘aceitável’, desincentivando o que não o é, votando ao desfalecimento gradual as disposições desprovidas de valor”.

Desse modo, ao aferir valor a uma determinada competência cultural, a família e a escola baseiam-se em um *senso de aplicação* que justifique os investimentos (altos ou baixos) realizados. Ou seja, “A possibilidade de utilizar e ‘rentabilizar’ a competência cultural nos diferentes mercados contribuem, em particular, para definir a propensão para os investimentos” (BOURDIEU, 2008a, p. 83).

Aproximando esta reflexão do objeto de investigação, percebeu-se, no caso do Mirante E. C. e no campo futebolístico amador pontagrossense como um todo, que as famílias envolvidas nestes espaços, independente das singularidades e pontos de vista, atribuíam às competências futebolísticas uma alta valoração. As famílias acreditavam que as práticas, valores e representações sociais aprendidos neste espaço seriam “aplicados” em outros momentos. As mais visíveis eram as regras relacionadas às sociabilidades e os “valores”

morais e éticos que permeiam as práticas futebolísticas, em nível de peladas ou jogos oficiais por campeonatos.

Devido à alta valorização dos investimentos nas competências futebolísticas – que podem ser econômicos, mas principalmente de “tempo” ou dos sacrifícios (como veremos no Capítulo V) –, foi possível identificar no Mirante E. C. um imbricamento, por parte de um grupo de jogadores, entre a estrutura familiar e a estrutura do clube. Ação descrita por seu Tião através de uma metáfora com o casamento que, ao longo das descrições densas, constatou-se não se tratar de uma simples analogia, mas uma lógica produzida e reproduzida histórica e sociamente pelos agentes sociais.

A primeira vez que ouvi esta comparação, sendo feita coletivamente, foi em um dos momentos de frustração dos jogadores do Mirante E. C., devido a duas derrotas consecutivas, que dificultavam as chances de o clube avançar para as fases seguintes do campeonato amador principal de 2015.

Mesmo após mais uma derrota, a qual quase zerava as chances de classificação do Mirante E. C. para as quartas de final da competição, a “cervejinha” no final do jogo estava presente, embora com “gosto amargo”, era também proibido falar na derrota, apontar culpados, inferiorizar a si mesmo ou ao clube. Mais uma vez, o OFEC foi o centro das conversas devido a sua atuação no campeonato paranaense de futebol [ano em que se sagrou campeão estadual]. Após algumas garrafas e vários temas discutidos, como: política, esporte, assuntos pessoais circulando na mesa, um dos jogadores realizou uma crítica, referente a atuação do time em campo e logo foi repreendido por seu Tião. Pois segundo ele, a relação entre “o jogador, o futebol e o clube”, eram como um casamento, o qual não vive somente de momentos bons, mas também de ruins e mesmo nas dificuldades era preciso lutar para que esta relação não se acabasse, além de ser nestes momentos difíceis que o amor se fortalece (DC, 26 de abril de 2015).

Em virtude da legitimidade da fala de seu Tião, decorrente do seu posto de veterano, suas palavras foram ouvidas sem questionamentos, seguidas por um silêncio breve, mas significativo, dado o volume e quantidade de diálogos que transitavam no espaço ao mesmo tempo. Durante as incursões *in loco*, percebeu-se que, devido à convivência destes agentes, independente dos laços consanguíneos ou ligações por “consideração”, eles utilizavam o termo família para explicar os significados das relações duradouras estabelecidas.

Não obstante, assim como um casamento só pode ser consagrado por um sacerdote, no caso do catolicismo, não bastava simplesmente a vontade do agente em “casar-se” com o clube, para fazer parte da família, era preciso que este rito fosse legítimo. Nesse contexto, o processo de legitimação perante o grupo social, ocorria através dos momentos em que o agente narrava com entusiasmo suas memórias com a camisa do clube sem ser interrompido.

Mas, principalmente, quando os agentes já “legitimados” (veteranos) o apontavam em seus discursos nos momentos de socialização ou dentro dos vestiários antes das partidas, como exemplo a ser seguido. Como veremos no Capítulo V, os momentos de preparação para os jogos nos vestiários eram uma das principais ocasiões de instituição. Uma vez, nomeado e pertencente à “família”, este adquiria o capital simbólico que o autorizava a convidar novos jogadores e com o tempo exerceria também a função de nomeador (BOURDIEU, 1998).

Intentando compreender o que seu Tião e os demais agentes buscavam evocar com a metáfora do casamento, recorreu-se aos escritos de Laburthe-Tolra e Warnier (1997). Para os autores, a gênese do casamento não está nos agentes, mas situa-se antes e acima deles, pois trata-se de um símbolo cultural constituído socialmente, que expressa a união entre agentes sociais e, deste modo, a perpetuação das famílias. Assim, “O casamento é uma instituição no sentido de que deve se conformar a certas regras sociais que dão a sua legitimidade à aliança” (LABURTHE-TOLRA, WARNIER, 1997, p. 81).

Para os jogadores, dirigentes e demais envolvidos na estrutura do Mirante E. C., o exemplo de seu Tião, expressava ou deveria expressar perfeitamente esta aliança. Nesta perspectiva, a aliança construída pelo grupo demandava um compromisso moral, que deveria ser aprendido para então ser aceito como membro da família.

No decorrer desta análise, foi possível identificar uma dupla relação entre as famílias e o futebol, ou seja, um grupo de jogadores (**3. 2. 1 Aqueles que jogam devido à identidade com o clube**), que enxergavam o futebol como uma continuidade da família, contando com a presença dos filhos e esposas nos alambrados. Além deste, outros grupos de jogadores (**3. 2. 2 Aqueles que jogam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade/ 3. 2. 3 Aqueles que jogam devido ao amor pelo futebol**) viam o futebol como uma segunda família, de modo que se esforçavam para se dividirem entre ambos os “casamentos”. Visões estas que se explorou na sequência do texto.

4.1.1 O futebol como continuidade da família

Entender o futebol como uma continuidade da família significava assumir que existia um envolvimento dos demais familiares, filhos e esposas, principalmente, nas atividades do Mirante E. C. Isso não ocorria simplesmente de forma indireta, através da ligação com o esposo/jogador, mas de forma direta, de forma que os filhos e esposas possuísem uma função na dinâmica social do grupo.

No caso das crianças, principalmente, os meninos eram iniciados nas práticas futebolísticas através de seus pais. Dessa forma, eles experimentavam diferentes situações, por meio das quais seria possível incorporar as competências valorizadas pelo grupo. Nesse processo, os filhos menores, com idades entre 4 e 10 anos, aproximadamente, eram expostos a uma infinidade de estímulos, sem grandes restrições, como: jogar bola nos espaços externos do campo; entrar e jogar no campo, nos momentos precedentes, no intervalo e após o término das partidas; entrar nos vestiários com os pais (espaço bastante restrito, como veremos no Capítulo V); e ficar no banco de reservas ou nos espaços destinados à imprensa durante as partidas.

Todas essas práticas seriam desautorizadas, se partissem de outras pessoas ou até mesmo em se tratando de meninos mais velhos, porém, os pais compreendiam esta faixa etária, como a fase ideal para a aprendizagem do gosto pelo futebol. Era bastante comum e interessante ver estes estímulos por parte de toda a equipe. Quando um menino entrava tímido com seu pai no vestiário pela primeira vez, logo ele era abordado por outros jogadores, que o instigavam a dialogar, realizando principalmente perguntas sobre futebol (time que torcia, se jogava na escola ou com os amigos), tentando familiariza-lo com o ambiente. O mesmo observou-se quando eles entravam em campo com seus pais. Nestas ocasiões, os jogadores tocavam a bola para eles, incentivando a chutá-la no gol, incluindo-os, assim, em seus aquecimentos.

Desse modo, os acordos entre pai e filho ou filha (pois, em menor número, as meninas também participavam destas relações, com exceção da entrada no vestiário), para tornar o jogo de domingo um programa de família, ocorriam sem grandes conflitos. Mesmo quando estes filhos tinham idades superiores – fato que limitava os acessos nos diversos espaços, resumindo-se ao bar do clube e o alambrado –, a presença deles nos jogos era constante e já se justificava, segundo eles, pelo gosto em ver o pai jogar, conversar com amigos (filhos de outros jogadores) e pelos tradicionais churrascos após os jogos.

Porém, ao referir-se à participação das esposas, este cenário tornava-se menos harmonioso, exigindo dos esposos/jogadores negociações e concessões em relação às atividades familiares em outras estruturas e momentos. Ou seja, se o jogo de domingo era objeto de desejo do esposo/jogador, ele deveria acompanhar sua esposa em outra atividade “equivalente”, isto é, uma atividade que fosse objeto do desejo dela ou das crianças, no caso dos casais com filhos.

Através de discussões explícitas ou “indiretas” (comentários com duplo sentido) em meio ao grupo, ou sem conflitos públicos, os jogadores negociavam com suas esposas o

tempo destinado ao clube. Esta situação pode ser compreendida sob a perspectiva de Mair (1979, p. 93), uma vez que “o casamento cria novas relações sociais de afinidade e direitos recíprocos entre os cônjuges”.

Ao longo do período observado, foi possível identificar certa regularidade na forma de inserção ou aproximação das esposas neste espaço. Um grupo de esposas acompanhavam seus maridos pela curiosidade de verificar *in loco* os motivos e interesses do esposo, em sair de casa domingo de manhã para jogar futebol. Como uma delas destacou, “Não dá para entender o que vocês veem de tão interessante neste jogo, para acordar cedo, às vezes na chuva, se machucar ainda, só para correr atrás de uma bola?” (ESPOSA DO JOGADOR PAULO).

Porém, a grande maioria das esposas acompanhavam os esposos pela primeira vez no estádio por ciúmes, frequentando os encontros para verificar o perfil dos demais participantes. Dessa maneira, existia um esforço dos jogadores e dirigentes do Mirante E. C., para tornar o espaço “familiar”, pois isto facilitaria significativamente os acordos relacionados à “economia do tempo”, dentre outros. A estratégia mais eficaz adotada pelos jogadores era a aproximação de suas esposas às esposas dos companheiros, pois, assim, elas teriam outros motivos para acompanhá-los.

Para tanto, a realização de encontros somente para casais era uma das iniciativas do grupo.

Por volta das 14 horas, nos despedíamos (eu e minha noiva) dos poucos jogadores e dirigentes que ainda permaneciam no bar do Mirante E. C. Quando seu Tião me convocou, juntamente com alguns agentes ali presentes, para uma reunião sobre um evento a ser realizado com o intuito de angariar fundos para melhorias na estrutura física do estádio. Dentre outros assuntos discutidos, chamou-me a atenção as regras para participação do almoço, o qual seria destinado a “casais”, não permitindo a participação de jogadores que não namorassem, fossem noivos ou casados. O convite, no valor de 50,00 reais, corresponderia ao casal e em certa medida a família, pois os filhos não pagavam o almoço. Antes de encerrar a reunião, um dos jogadores do Mirante E.C. disse: “Bem que os jogos da prata (referindo-se ao Amador Principal) poderiam ser feitos à tarde né, assim a gente poderia combinar um almoço com a família aqui mesmo, fazíamos um churrasquinho e esperávamos o jogo, e encerrávamos o domingo com uma cervejinha depois do jogo”. Estas regras e discursos reforçaram as interpretações realizadas até o momento (DC, 30 de julho de 2016).

FIGURA 8 – Através desta seleção de imagens, intenta-se demonstrar como o churrasco, a música e o encontro entre os familiares dos jogadores, tornam-se os elementos articuladores deste processo de socialização e estabelecimentos de relações duradouras, transcendendo as barreiras geográficas do campo de futebol.



FONTE: OS AUTORES.

A busca por parte dos agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C., em tornar o clube um “lugar de família”, exige-nos reflexões sobre as relações familiares, mas também nos instiga a explorar o conceito de lugar, acima de tudo, o que um lugar específico pode representar em relação a um contexto globalizado.

Ancorando-se nas concepções do antropólogo francês Marc Augé (2005), para compreender esta relação, torna-se necessário refletir sobre outro conceito, os “não lugares”. Neste cenário, os “lugares” podem ser entendidos como espaços sociais onde formam-se as relações identitárias, por este motivo são espaços onde valoriza-se a coletividade e também as trajetórias dos agentes e dos próprios lugares.

Já os “não lugares” são o oposto desta compreensão, isto é, são espaços em que prevalece o indivíduo “solitário”; tratam-se de locais de passagem, impossibilitados de formar identidades, devido ao fluxo contínuo de agentes e imagem. Segundo Augé (2005, p. 36),

Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados ou refugiados do planeta.

Nesta nova dinâmica social, Sá (2014) enfatiza que a inquietação de Augé deriva da súbita e rápida substituição dos lugares pelos não lugares. Pois, cada vez mais os lugares representam “[...] um tempo passado e o não lugar um provável futuro, pensar a relação entre os dois é de certo modo pensar uma realidade que se joga entre o que fomos/somos e aquilo em que poderemos nos tornar, ou melhor, aquilo em que estamos nos tornando” (SÁ, 2014, p. 211).

De fato, durante o processo investigativo, percebeu-se que muitos jogadores (**3. 2. 3 Aqueles que jogam devido ao amor pelo futebol/ 3. 2. 4 Aqueles que jogam devido aos benefícios ou remunerações**) viam os clubes como espaços que supriam determinadas necessidades e interesses, como locais de passagem, visto que a cada ano jogava-se por uma equipe distinta¹⁴, portanto, como “não lugares”. Entretanto, na contra-mão deste movimento, ou desta tendência atual (AUGÉ, 2005), os jogadores motivados a jogar pelas relações identitárias com o Mirante E. C. intentavam reduzir os impactos deste movimento, fosse através das festividades, das rodas de sociabilidade, mas principalmente com a aproximação das famílias ao clube, intentando fazer deste espaço um lugar.

No entanto, quando este desejo não se concretizava, a alternativa do jogador para permanecer no campo futebolístico amador pontagrossense era conciliar o tempo livre, entre as duas famílias.

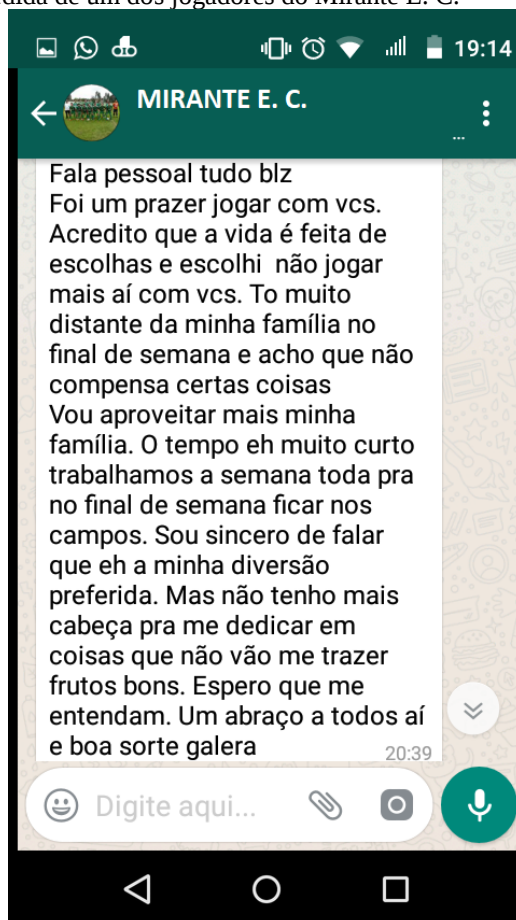
¹⁴ Durante a realização de uma das pesquisas, que precederam o ingresso no Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, verificou-se que “Na categoria Máster, 60% dos entrevistados responderam estar jogando pelo primeiro ou segundo ano no clube, 15% responderam jogar a três, quatro ou cinco anos e outro grupo de 25% a mais de cinco, dez ou vinte anos no mesmo clube. Já na Divisão Especial, 75% dos entrevistados responderam estar jogando pelo primeiro ano ou segundo ano no clube, 5% a três, quatro ou cinco anos e os outros 20% a mais de cinco, dez ou vinte anos no clube” (OLIVEIRA, 2015, p. 48).

4.1.2 O futebol como “segunda família”

Diferentemente da proposição do grupo anterior – de tornar o campo de futebol e a estrutura do clube um “lugar familiar”, mais especificamente o “lugar da família Mirante”, tomando o nome do clube quase que como um sobrenome –, para os agentes deste grupo a relação com o clube não se enraizava de tal forma. Desse modo, os investimentos (BOURDIEU, 2008a) eram menores nas atividades do clube, como presença em festividades e confraternizações e, principalmente, em se tratando de tempo para organização destes eventos ou participação de mutirões. Embora seja importante ressaltar que os jogadores mantinham laços sentimentais fortes com os demais colegas de equipe.

Dentre outras razões, isto ocorria devido à ligação fraca dos demais familiares com a equipe, mas principalmente devido à ausência das esposas nos dias de jogos. Pois, neste caso, na “economia do tempo”, a presença regular nos jogos exigida para compor a equipe torna-se insustentável, como pode-se constatar através do discurso de despedida de um jogador do Mirante E. C., que devido à rotina de trabalho e tensões familiares estava deixando a equipe para dedicar-se a “sua família”.

FIGURA 9 – Discurso de despedida de um dos jogadores do Mirante E. C.



FONTE: Captura de tela, do grupo Mirante E. C. no aplicativo de comunicação Whatsapp.

Partindo do exposto, pode-se compreender que tornar o espaço atrativo aos demais familiares, fazia parte da própria estratégia de sobrevivência do clube, pois, se nas relações sociais do clube estes valores não fossem exaltados, existiria uma tendência de que os acordos com as esposas fossem cada vez mais tensos e talvez insustentáveis para os jogadores.

Nesse contexto, “ser de família” tornava-se fundamental para jogar no Mirante E. C., elemento gerador de distinção (BOURDIEU, 2008a) quanto aos tipos de jogadores que se enquadravam nas lógicas do clube. Pois aqueles que não tinham a pretensão de estabelecer laços afetivos de longa duração com outros jogadores ou com o Mirante E. C. migravam para clubes de outras classificações – isso se seu *status* lhe garantisse a possibilidade de escolher onde jogar, ou então, apenas deixavam o campo futebolístico amador.

Porém, para a grande maioria dos jogadores, a expectativa de vida futura no campo futebolístico amador pontagrossense encontrava-se no desejo de um dia consagrarem-se como veteranos – segunda categoria emergente no processo interpretativo das relações sociais no Mirante E. C.

4.2 EXPERIÊNCIA E SABEDORIA EM CAMPO: UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL POSITIVA SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DOS “VETERANOS”

Dentre as representações que se pode analisar por meio da lente esportiva, estão as mudanças nas diversas estruturas humanas (a saúde, a economia, a educação, a família ou a justiça), decorrentes do processo de envelhecimento dos agentes sociais. Temática que vem ganhando cada vez mais espaço no campo acadêmico, devido aos aumentos acelerados nos indicadores de expectativa de vida dos brasileiros¹⁵, os quais desencadeiam uma série de indagações sobre o processo de envelhecimento e a velhice. Pois, envelhecer com qualidade de vida no Brasil ainda é um privilégio restrito a uma pequena parcela dos idosos, visto que envolve mudanças em vários campos da sociedade (MOTTA; AGUIAR, 2007).

Em meio às tensões e conflitos deste contexto histórico, cultural e social emergem as representações sociais sobre o “idoso”, o “velho” e sobre o processo de envelhecimento (COSTA; CAMPOS, 2009). Sob este viés, segundo os autores, a sociedade e os idosos

¹⁵ Os censos demográficos, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam para um aumento considerável da população de idosos, a qual ocorre de forma bastante acelerada (CHENA et. al., 2015). De acordo com VERAS (2009), em menos de 50 anos a população idosa brasileira aumentou quase 700%, passando de 3 milhões, em 1960, para 20 milhões em 2008.

compartilham uma representação social do envelhecimento ancorada a um processo “natural” de declínio, acompanhado por limitações físicas, perda de *status* social e familiar, até a morte. Visão que contribui, em certa medida, para conservação de práticas de violência contra os idosos, seja física ou simbólica (BOURDIEU, 2001), exercida em grande parte pelos próprios filhos, cônjuges e familiares (GRILO; LOMBARDI JÚNIOR, 2015).

Para além das teias familiares, o cenário não se difere, pois, em uma lógica capitalista, onde o que interessa são os níveis de produção e não os produtores, quando um trabalhador perde esta capacidade devido o envelhecimento, tornando-se “improdutivo”, o sistema oprime-o, banindo-o deste processo (COSTA; CAMPOS, 2009).

O “mercado futebolístico” segue esta lógica geral do campo social, o “Almanaque do Brasileirão 2017¹⁶”, construído pelo site esportivo GloboEsporte.com para apresentar curiosidades sobre os 20 clubes da série A, destaca o jogador Zé Roberto, do Palmeiras, como a “múmia” do Brasileirão, por iniciar a competição com 42 anos e dez meses de idade, sendo o jogador mais velho da edição de 2017. Ainda no Almanaque, encontra-se a média de idade dos jogadores dos clubes do brasileirão, apresentando o Palmeiras com média de 29 anos e quatro meses. Desse modo, infere-se que o campo futebolístico de alto rendimento, também não identifica protagonismo no grupo estudado.

Não obstante, ao olhar para o campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa, observou-se regularmente a presença de idosos em rodas de conversa nos alambrados dos estádios e/ou que ainda calçam as chuteiras e praticam a modalidade esportiva, desde estágios iniciais a estágios avançados de envelhecimento. Devido às lógicas específicas presentes no campo futebolístico amador, que neste contexto, não se coadunam necessariamente com as lógicas do campo social, nem com as lógicas de alto rendimento do campo futebolístico, percebeu-se a existência de uma valorização e olhares positivos sobre o envelhecimento destes agentes, nomeados de “veteranos”, nunca chamados de velhos ou idosos.

Tal percepção transcende à questão semântica, pois, se tomarmos como ponto de partida a crítica apresentada por Bourdieu (2012), verificamos que a visão naturalista da sociedade tende a justificar a dominação do campo por um determinado grupo, através de lógicas de distinção incorporadas em processos sociais, como sendo resultantes de processos naturais e inevitáveis. Destarte, esta visão limita o entendimento deste fenômeno ao não o

¹⁶Para maiores informações conferir o Almanaque do Brasileirão 2017. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/almanaque-do-brasileirao-2017.ghml>>.

tensionar, ao não o compreender na sua amplitude, desumanizando estes indivíduos e aceitando como normal as representações negativas em torno do idoso e do envelhecimento.

Diante do exposto, buscou-se neste tópico analisar as lógicas de funcionamento do campo futebolístico amador pontagrossense, que possibilitam a construção de uma representação social positiva sobre os agentes veteranos. A realização desta análise justifica-se pela necessidade de olhar para algumas das questões problemáticas, que envolvem o envelhecimento no Brasil, tal qual a perda de *status* e exclusão social, como decorrentes não só de processos fisiológicos, naturais, mas também de construções socialmente estabelecidas, assimiladas e reproduzidas.

Ao compreender-se o campo como um espaço de posições, em que dominantes e dominados travam lutas simbólicas em busca de objetos de disputa específicos do campo, torna-se necessário avançar em direção à compreensão das posições deste campo e dos processos que legitimam um agente ou grupo como ortodoxo. Conforme descrito anteriormente (Capítulo III), a trajetória do agente neste campo específico era uma das grandes agregadoras de poder simbólico, portanto, fundamental para a compreensão do processo de construção de uma representação social positiva sobre os veteranos, visto que o repeito para com estes agentes, devido a suas vivências neste espaço social, era umas destas lógicas simbólicas incorporadas.

Nesta dinâmica entre os capitais herdados e adquiridos, dentro e fora do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, a “economia linguística” (BOURDIEU, 1998) estruturada nas rodas de conversa entre jogadores, dirigentes, familiares, torcedores e veteranos, nos momentos que antecedem os jogos ou após seu término, se consolidaram como um dos espaços mais efetivos para nomeação dos agentes sociais, um dos pilares dos circuitos de consagração, capazes de legitimar novos agentes e, também, de preservar a posição dos agentes consagrados, dentre eles, os veteranos.

Nesta perspectiva linguística, Bourdieu (1998) destaca a importância da nomeação (título, cargo, honraria) como um dos elementos que contribuem para a estruturação das posições ocupadas socialmente. As calúnias, acusações, críticas e elogios, por exemplo, são as moedas cotidianas destas nomeações, que atribuem aos agentes “beneméritos” um poder simbólico dentro do campo. O qual é invisível dentro das trocas simbólicas, mas legítimo e reconhecido pelos demais agentes da estrutura (BOURDIEU, 2002).

Estas práticas linguísticas apontadas por Bourdieu (1998) foram visíveis durante as observações *in loco*, não obstante, sempre produzidas em função dos elementos supracitados (habilidade técnica, a inteligência tática, o carisma e etc.). Nesta dinâmica social, a nomeação

e o poder simbólico que a acompanha concedem ao agente social um “discurso competente”, ou seja, um discurso proferido, ouvido e aceito como verdadeiro (CHAUI, 2007). Para a autora, o discurso competente é um discurso instituído, um discurso de especialista, proferido de uma posição determinada da hierarquia organizacional de um grupo social. Isto porque “não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância” (CHAUI, 2007, p. 19).

Durante as descrições, interpretou-se que, em sua grande maioria, os agentes autorizados eram os veteranos, devido à idade (experiência) e à trajetória no campo. Via de regra, ao se adentrar a um novo estádio ou campo de futebol e realizar indagações aos jogadores e aos demais envolvidos sobre as atividades realizadas pelo clube, e até mesmo sobre as suas ações e motivações para frequentarem o espaço, as respostas iniciavam-se com um sinal do dedo indicador, apontando os veteranos do clube como os habilitados a conceder um discurso competente. Somente após insistir na questão, uma resposta era fornecida, seguida por uma frase justificativa, como: “esta é a minha visão, que não tenho o tempo dos veteranos, por isso acho melhor conversarem com um deles, eles vão saber mais detalhes, falar como era” (DC, dia de mês de 2014).

De forma conflitante para alguns, ou entendida como “natural” para outros, como veremos a seguir, o processo de ancoragem do envelhecimento a um ganho de experiência e sabedoria (valores admirados e respeitados pelos agentes sociais de todos os clubes amadores de Ponta Grossa) ocorre em dois momentos interdependentes, são eles: fora de campo, com a presença dos veteranos nos alambrados; e dentro de campo, com a participação dos veteranos nas peladas.

4.2.1 Os alambrados: “Que vontade de ter vivido naquela época!”

FIGURA 10 – Na imagem, da esquerda observa-se um veterano narrando suas memórias futebolísticas a um grupo de crianças que o escutam atentamente. Já a imagem da direita foi o registro do reencontro de um grupo de veteranos que compuseram uma equipe vitoriosa na década de setenta na cidade.



FONTE: OS AUTORES

O horário em que os jogadores chegavam para se preparar para a partida, também demarcava o horário de chegada dos torcedores, grupo formado pelas namoradas, esposas, filhos, pais, avós, amigos e curiosos. Dentro deste grupo, encontravam-se também os veteranos que, a partir de quaisquer referências – fosse o adversário a ser enfrentado, o clima no horário do jogo, a situação do clube no campeonato ou o reencontro com um ex-companheiro de equipe ou adversário, em alguns casos até mesmo o reencontro com o filho de alguns destes ex-companheiros –, iniciavam as “sessões de memórias” (termo nativo), narrando acontecimentos que despertavam a atenção daqueles presentes na estrutura.

Thompson (1998, p. 185) ressalta que a construção e a narração do passado, através de memórias individuais e coletivas, exigem engenho e poder imaginativo, pois se trata de um processo social ativo em que as narrativas “em geral são também utilizadas para contar vidas individuais, visando transmitir valores; e o que elas transmitem é a verdade simbólica e não os fatos do incidente descrito, que é o que menos importa”. Ou seja, o processo da memória depende, para além da capacidade de compreensão do indivíduo, do seu interesse, que se evidencia nas inclusões de detalhes ou nas supressões durante a realização da narrativa.

No caso de uma comunidade ameaçada, por exemplo, segundo o autor, a memória serve para evidenciar um sentimento de identidade coletiva, de modo que os acontecimentos divisórios ou conflitantes caminhem em direção ao esquecimento. Portanto, de acordo com Thompson (1998) o modo como se aprende uma narrativa deve ser mais rigorosamente estudado, pois estes mecanismos variam de acordo com os grupos e suas localidades.

No caso do Mirante E. C., muitas destas memórias eram contadas aos jogadores do clube, com o objetivo de motiva-los ou de descontraí-los, em jogos decisivos. Mas também durante os jogos, para as pessoas que rodeiam estes veteranos, principalmente os meninos. A fim de evocar sentido aos apontamentos, selecionou-se uma nota do DC, de um jogo entre Mirante E. C. *versus* Clube Social “E”, realizado no estádio do Mirante, dia 26 de julho de 2015, válido pelo campeonato amador Divisão Especial.

Durante uma conversa com um destes veteranos, que após o início de uma chuva obrigou-nos a esconder-se embaixo de um pinheiro que fica na beira do alambrado, ele iniciou uma destas narrativas dizendo: “Cara! Esta chuvinha assim durante o jogo só me lembra coisa divertida. Teve uma vez que marcamos um jogo, com um time lá de Candido de Abreu. Nos reunimos cedo aqui no Mirante, para ir todo mundo junto, conseguimos um ônibus para levar o pessoal, pense na alegria da rapaziada. Saímos da cidade e fomos, quando a gente estava chegando perto da cidade começou a chover, mas uma chuva, uma chuva que dava pra ver ela alagando a estrada (neste momento a narrativa passou a atrair a atenção de alguns jovens, que participavam das peladas, mas que não faziam parte do time que disputava o amador). Foi-se embora, quando o motorista entrou na cidade a chuva foi diminuindo, mas o campo era mais para o interior, tinha que ir por uma estrada de terra daí. A hora que o motorista entrou na rua já deu umas patinadas, o pessoal já soltou uns gritos [...] Mas não deu outra, quando ele foi passar por um banhado feio já ficou por ali mesmo, e nada do ônibus ir, não tinha ninguém por perto, celular a gente nem tinha na época, era coisa de rico, nem sei se rico tinha. Daí desceu tudo mundo pra empurrar o ônibus, eu fui com mais três em uma das rodas do ônibus, e outros foram do outro lado. No que o motorista acelerou o ônibus, ele patinou e jogou barro em todo mundo, mas barro mesmo, de deixar todo mundo coberto de terra [...] Resultado, tivemos que esperar passar um trator pra desatolar o ônibus, o jogo que era pra começar as duas, começou seis e pouco da tarde e nem luz tinha no campo, jogamos no escuro. Mas depois fizemos um churrascão lá, todo mundo comeu, bebeu e se divertiu, porque o futebol é isso”. Após o veterano encerrar sua fala, aqueles que o ouviam atentos esboçaram sorrisos, um deles comentou “Que massa, da até vontade de ter vivido naquela época, ter feito essas coisas, agora a piazada não quer saber mais dessas aventuras” [...].

Ao referir-se sobre os sentimentos evocados através das experiências vivenciadas cotidianamente pelos jovens e veteranos, em suas interações sociais, Stigger (1997, p. 54) apresenta pistas para compreender esta relação, pois os veteranos “representam a maturidade e a expectativa de uma vida futura esperada pelo jovem”.

O exemplo apresentado acima ilustra uma situação frequente em todas as relações estabelecidas entre os jogadores de gerações distintas. Estas narrativas, detalhadas na

descrição dos acontecimentos, têm o papel não só de envolver os ouvintes, mas também de dramatizar (DAMATTA, 1982) as vitórias, as derrotas e os lances dos jogos, bem como a própria vida. Esta, independente de resultados, é “bem vivida”, compreensão que desperta nos jovens o desejo de ascender no clube e um dia ocupar esta posição de veterano no campo.

Além das memórias despertadas através dos jogos, estes também servem como pontos de comparação para os veteranos. Comparação e exaltação de suas performances, se comparadas a dos jogadores que se encontram em campo. O jogo entre Mirante E. C. *versus* Clube Visitante “C”, realizado na casa do Mirante, dia 26 de abril de 2015, válido pelo campeonato amador Divisão Máster, é exemplo de um dos inúmeros momentos presenciados ao longo da permanência *in loco*.

No segundo tempo de jogo, com o placar de 1x0 para os visitantes. Após uma falta marcada pelo árbitro, contra a equipe do Mirante, próxima à grande área, entre a lateral direita e o meio do campo, alguns destes veteranos incomodam-se com a demora em sua cobrança, a qual decorria-se de um desentendimento entre os jogadores do Mirante que formavam a barreira e dos jogadores do Clube Visitante “C” que tentavam atrapalhar a formação desta. Os gritos do goleiro do Mirante, para organizar a barreira despertaram as lembranças de um dos veteranos. “Na minha época não tinha, lembra daquele jogo? Contra o Clube Associativo “D”, que eu peguei aquela bola no finalzinho do jogo. Foi uma falta igual esta, eu estava no gol e a gente ganhando por um gol de diferença, não lembro quanto que era, se 1x0, 2x1 ou 3x2, mas o cara arrumou a bola para bater, não tinha essa de arrumar barreira, uns jogadores iam na frente para atrapalhar só. Pense em um chute forte que ele tinha e batia bem, quando ele chutou, ninguém achou que eu pegava, mas eu fui buscar. Comigo não tinha essa frescura de barreira, eu mandava chutar e pegava no peito se fosse chutinho fraco, comigo não tinha.

Observa-se a participação efetiva dos veteranos em um circuito de consagração social, que buscam através das narrativas preservarem suas posições no campo. Candau (2011, p. 106) chama atenção para a função socializadora e educativa das transmissões de memórias. Para o autor, “A partir desta aprendizagem – adaptação do presente ao futuro organizada a partir de uma reinteração do passado –, esse homem vai construir sua identidade, em particular em sua dimensão protomenorial”. Que pode ser compreendida como uma memória incorporada, cujo processo é realizado de forma “imperceptível”, ou seja, “sem tomada de consciência” (CANDAU, 2011, p. 23).

Neste contexto, as memórias, estas interpretações de acontecimentos do passado, servem não só para salvaguardar o ocorrido, mas também para definir e reforçar sentimentos, contribuindo para a manutenção da “coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLAK, 1989, p. 12).

Entretanto, é importante destacar que a estruturação desta representação social positiva não ocorre sempre de forma harmônica. No cotidiano das relações sociais destes agentes, emergem conflitos e provocações acerca deste passado idealizado, como descrito na sequência do DC.

Após o discurso, seguido de risos por alguns agentes mais novos, uns devido ao comentário descontraído de fechamento da fala, porém outro em tom irônico, que na sequência diz “Você era o cara então?”. Mesmo que o comentário não fosse ofensivo (acredita-se que este jovem quisesse mais participar da conversa que propriamente questionar a capacidade do veterano), os demais veteranos presentes no espaço, que ouviram o comentário do jovem agente desautorizado a falar, iniciaram a defesa do veterano narrador, alegando que na época em que eles jogavam e por muito tempo, “ele foi o melhor goleiro da cidade, todo campeonato que a gente jogava os caras queriam levar ele embora, mas ele era Mirante, só saiu do clube para jogar no Operário com os profissionais, mas depois voltou e estamos até hoje bebendo cerveja juntos”. Outro veterano, de maior idade que o anterior, entrou na conversa para atestar a legitimidade do discurso referindo-se ao jovem “Você joga nas peladas com a gente no gol, e joga pra caramba, mas tem muito que aprender com os mais velhos ainda, futebol é experiência, ainda mais goleiro, quanto mais velho melhor é, não é saber pular, é saber onde o a bola vai, e ele (apontando para o goleiro veterano) sabia disso, pegava sem ficar se jogando feito louco. Você é bom, mas pode ficar melhor se aprender com quem já passou por isso aí”, a cabeça baixa do agente mais jovem e os balançares de cabeça simbolizavam o respeito e o aprendizado com o comentário desautorizado (DC, 26 de abril de 2015).

Nesse contexto, quando a veracidade dos discursos de um veterano é questionada, o grupo une-se e rebate com dureza os comentários pejorativos ou duvidosos dos desautorizados. Pode-se interpretar estas ações como pontos de tensões e rupturas à lógica do campo social, no qual prevalece uma representação social sobre o idoso ancorada na perda de *status* e exclusão social, como observado em alguns estudos supracitados. Pois, quando um recém-chegado adentra ao campo futebolístico amador de Ponta Grossa, iniciando o processo de incorporação das lógicas específicas do campo, a posição de *status* dos veteranos pode causar certo estranhamento, pois estas práticas não lhe são “familiares” (MOSCOVIC, 2011) devido à posição dos idosos na sociedade.

Não obstante, no decorrer de sua trajetória no campo, as pressões dos veteranos e dos demais agentes, bem como o seu desejo em participar das disputas por *status* e acumular poder simbólico, alinham suas disposições de agir e práticas às lógicas específicas do campo, levando-o a reordenar seus valores e imagens sobre o envelhecimento. Já para os herdeiros, os jovens que cresceram no clube, levados por seus pais, avós ou demais familiares, o processo de construção desta representação social positiva é menos conflitante, pois desde

pequenos eles incorporaram esta lógica como sendo “a ordem das coisas” (BOURDIEU, 1999).

Em um de seus textos, intitulado “A ordem das coisas”, presente na obra “A Miséria do Mundo”, Bourdieu (1999) discute a relação de jovens de um conjunto habitacional, localizado em uma pequena cidade do norte da França com o ingresso no “ensino superior”. Para o autor, a noção de *efeito do destino* ajuda a compreender como muitos destes jovens não veem sentido nos ensinamentos presentes na escola, tão pouco almejam adentrar em uma universidade, pois, para eles, o destino está em seguir os passos dos pais, trabalhar nas fábricas, já que aquela é a ordem das coisas. No contexto do Campo Futebolístico Amador de Ponta Grossa, faz-se o mesmo paralelo quanto ao respeito à hierarquia da estrutura, onde os veteranos possuem uma posição de destaque. Neste processo, respeitar os veteranos para no futuro ocupar este posto era a ordem, o sentido ou a lógica das coisas (do campo).

4.2.2 As peladas: “Até o toque deles na bola é diferenciado!”

FIGURA 11 – Pelada de encerramento do ano de 2016, a imagem representa o encontro de gerações distintas da mesma família.



FONTE: Imagem compartilhada em um grupo de WhatsApp do Mirante E. C. e em outras redes sociais.

As “peladas” contemplavam a participação de agentes de diferentes gerações, desde crianças e adolescentes, postulantes a adentrarem ao campo nos próximos anos, até veteranos com mais de 70 anos de idade (todos vividos em torno da prática futebolística). Estes jogos eram fundamentais no processo de formação das equipes que disputaram as diferentes

categorias do campeonato amador e, também, um dos principais espaços para socialização dos agentes do campo futebolístico amador pontagrossense.

Embora esta prática tenha uma característica lúdica, deve-se ter clareza de que o divertimento ou a informalidade, se comparados aos rituais dos jogos válidos pelos campeonatos oficiais, não reduzem seu papel de interiorização e reprodução dos *signos distintivos* (BOURDIEU, 2008b). Acredita-se justamente no contrário, que a ludicidade presente nestes encontros seja fundamental no processo de aprendizagem consciente ou inconsciente das lógicas de respeito.

Há dois horários em que comumente estas peladas ocorrem. O primeiro deles, e que independente do segundo sempre se realiza, é a pelada do sábado à tarde, organizada estrategicamente neste horário, pois os agentes que trabalham pela manhã têm a possibilidade de participarem; e, após o jogo, que se encerra por volta das 16 horas, ainda há a possibilidade de reunirem-se nas dependências do estádio em espaços de confraternização, seja para tomar cerveja, refrigerante ou suco, e, em alguns casos churrasco, que não são tão frequentes. O segundo horário corresponde aos domingos pela manhã, nos dias em que não há rodada do campeonato amador.

Se nas rodas de conversa nos alambrados, o contato com os veteranos permite aos agentes ouvir as memórias do clube, imaginando o tempo passado e, assim, aprendendo com os mais experientes; nas peladas há a possibilidade de uma experimentação prática, dividindo o mesmo vestiário, vestindo o mesmo uniforme, fazendo parte da mesma roda de oração ou de definição tática. Durante a partida, a participação do veterano pode variar de 10 minutos até um tempo inteiro, com algumas exceções, é quando se tem a possibilidade de vê-los em ação. Em alguns casos, há piadas e gozações bastante controladas, quanto à participação dos veteranos, mas em sua grande maioria, realizam-se comentários elogiosos, seja pelo vigor físico apresentado, que embora com limitações, é admirável para a idade do veterano, ou então pela habilidade técnico-tática.

Durante a realização de uma destas peladas, novamente o que despertou a atenção foram os olhares admirados dos mais jovens sobre os veteranos. A defesa do goleiro do Mirante gerou uma série de comentários acerca da visão destes agentes sobre o envelhecer (embora o goleiro não seja considerado um veterano ainda, encontra-se em uma fase de transição).

“O Gustavo é foda, pega muito, lembra da defesa domingo passado contra o Clube de Vila ‘F’?” disse um dos agentes, jogador da categoria Divisão Especial do time do Mirante, seguindo pelo comentário de outro agente da mesma categoria: “No

finalzinho né, salvou nós”. Então entrei na conversa, tentando instiga-los a explorar mais a questão. “Além dele, o que vocês acham dos outros, dos veteranos? O que vocês acham de jogar com eles, contra eles?”. Logo que encerrei a pergunta, obtive a resposta “Não, não é só ele não! Pode observar, o que os caras não têm de condicionamento físico, o que eles não correm, eles ganham de nós na experiência, na inteligência para jogar” (Lembrou-se de imediato, da experiência exposta no DC acima, em que os veteranos realizaram este discurso). Após o comentário deste agente, vários outros atletas concordaram com o discurso e um acrescentou, “Eles não correm muito, principalmente na hora de marcar a gente corre por eles. Mas marcar eles é difícil também, por causa do tempo que eles jogam, da experiência, até o toque deles na bola é diferenciado, eles colocam ela onde querem”. Assim outro jogador entra no discurso “Isso é verdade, se quando eu ficar velho, tiver metade do pique desses caras, to feito” (DC, 29 de janeiro de 2017).

A partir das descrições do DC e suas articulações com os demais dados apresentados, pode-se inferir que a existência desta representação social positiva sobre o processo de envelhecimento e sobre o “veterano”, foi produzida e reproduzida através da economia linguística experimentada por estes agentes nos espaços de sociabilidade e prática futebolística. Destarte, a questão fisiológica é secundarizada e a questão do rendimento ressignificada, pois, no caso dos veteranos o parâmetro deixa de ser o resultado obtido pelos novos, mas as atuações deles tendo como referente a idade, as possíveis limitações decorrentes delas e a forma com que os veteranos conseguem suplantar isto.

Nesse contexto, a idade torna-se um ponto de ancoragem bastante significativo, para incorporação desta nova representação, pois, ao pensar-se em um senhor de 60 ou 70 anos, a representação social que se tem, conforme estudo de Costa e Campos (2009), é a de fragilidade, de perdas físicas e sociais. Não obstante, este *senso comum* entra em conflito com a imagem destes veteranos, de vigor físico admirável e postura autoconfiante.

Quanto a este aspecto, vale destacar a preparação destes veteranos para a velhice, seja uma caminhada, corridas leves ou musculação, em espaços públicos (praças) ou privados (academias), a realização destes exercícios físicos regularmente é uma exigência, para manterem-se ativos todos esses anos. Em seus diálogos no campo, ouviram-se inúmeras vezes estes veteranos enfatizando a importância dos exercícios ao longo da semana, relatando suas rotinas ou aconselhando e encorajando outros agentes a criarem estes hábitos.

Segundo Moscovici (2011), a comunicação apresenta-se como elemento central no processo de construção e manutenção das representações sociais, bem como a modificação das mesmas. Elemento explorado ao longo desta investigação. Por fim, vale destacar o papel ativo dos veteranos, exercido consciente ou inconscientemente, que através das narrativas futebolísticas coloca-os em uma posição privilegiada do campo.

5 INTERPRETANDO OS GALOS! UMA ANÁLISE DA DIMENSÃO SIMBÓLICA DO RITUAL DE PREPARAÇÃO PARA OS JOGOS E SUA FUNÇÃO ENQUANTO RITO DE INSTITUIÇÃO

Estabelecer paralelos entre o que significam as Brigas de Galos em Bali, para os balineses (GEERTZ, 2008), e o que significa o Futebol no Brasil, para os brasileiros, não se trata de um exercício novo na literatura esportiva brasileira. Daolio (2006) realizou, em uma de suas obras, esta aproximação, enxergando no futebol, através da lente geertziana, conceitos estruturados pelo autor em Bali – como a “duplicidade cruzada”, expressa na impossibilidade de dissociação entre a explicação deste fenômeno como um fato da natureza ou fato da cultura, pois é justamente isto que define a briga de galos para Bali e o futebol para o Brasil, como entidades sociológicas. O segundo conceito possível de aplicação é o “brincar com o fogo sem o risco de se queimar”, o qual se refere aos sentimentos expressos pelos torcedores durante os jogos, embora alerte para a possibilidade de “queimaduras”, referindo-se à violência entre as torcidas organizadas de futebol.

Partindo da “metáfora”, os galos seriam os jogadores em campo e os balineses os demais sujeitos envolvidos, quais sejam, os técnicos (cuidadores dos galos), os patrocinadores dos jogos (os patrocinadores das rinhas) e os torcedores (apostadores paralelos). Neste processo analítico, o olhar de Daolio (2006) voltou-se, na maioria das vezes, para a torcida, estabelecendo apenas algumas aproximações com aqueles que o praticam.

Assim, aproveitou-se a inquietação decorrente da leitura deste autor e realizou-se, no presente capítulo, uma análise das práticas dos “galos”, ou seja, dos jogadores, que são as figuras centrais no processo de manutenção deste fenômeno cultural da sociedade brasileira. Para tanto, levanta-se o seguinte questionamento: como os jogadores (galos) preparam-se para os jogos (as rinhas) e qual a função social deste momento enquanto rito de instituição?

Certamente, esta pergunta não faria sentido na interpretação de Geertz (2008) sobre a cultura balinesa, uma vez que, por mais que estes aldeões considerassem os galos como extensões de seus corpos, estes animais não eram. Porém, durante o período em que permaneci em campo, observando os jogos do Mirante E. C., passei a considerar esta pergunta enquanto possibilidade de aprofundamento, pois o que descrevia em meus diários de campo era uma transformação do “eu social” para o “eu jogador”, ou seja, ao adentrarem nos vestiários para se prepararem para os jogos, estes agentes transformavam-se em uma espécie de idealização de si mesmo, ancorando seus gestos, práticas e discursos aos de um jogador de futebol profissional. Portanto, a representação social que os jogadores compartilhavam de si

naquele espaço e tempo, não era a de peladeiros, atletas de fim de semana, mas jogadores de futebol com todo o simbolismo que esta posição social carrega no Brasil.

Se seguirmos lendo este campo através da analogia, seria como dizer que, antes das rinhãs, alguns balineses transformavam-se em galos, até o afundar do último coco, da sua morte ou de seu oponente, assumindo novamente a forma humana. Embora fantasiosa, esta analogia ajuda-nos a introduzir a discussão a seguir.

Durante uma conversa com Paulo, um dos jogadores do Mirante E. C., após a desclassificação do clube, no campeonato amador principal (Divisão Especial), em 2016, ele proferiu a seguinte frase: “Um time perde só quando o árbitro apita o final do jogo, mas sabemos quando um time não vai vencer, antes dele entrar em campo”. As palavras dirigiam-se ao próprio clube, que falhou, não somente durante o jogo, mas principalmente antes de ele começar, pois os rituais de preparação não foram realizados com o devido cuidado ao longo da competição e, neste jogo em específico, foi deixado de lado.

Neste momento, percebeu-se a importância simbólica dos rituais de preparação realizados coletiva e individualmente, antes, durante e após os jogos do Mirante E. C. Os pontos de partida da análise deste rito foram as comparações estabelecidas pelos próprios jogadores, sobre os insucessos do clube no ano de 2016, na categoria Divisão Especial, e a sua atuação de destaque na competição amadora Máster de 2017.

Para tanto, buscou-se aporte teórico em alguns autores que abordaram o objeto ritual em suas pesquisas. De acordo com Geertz (s/d, p.1), desde Durkheim, em “As formas elementares da vida religiosa”, investigar a maneira com que as crenças e, particularmente, os ritos reforçam os vínculos sociais entre os indivíduos, permite-nos interpretar o modo como a estrutura social de um grupo se fortalece e se perpetua através da simbolização ritual e mítica dos valores sociais que as compõem.

Para Peirano (2003), o ritual pode ser compreendido como um sistema cultural de comunicação simbólica, ou seja, ele constitui-se através de sequências ordenadas de discursos e práticas, performáticas, convencionais e repetidas por um determinado grupo social com o intuito de evocar valores e sentimentos. Ao referir-se aos fenômenos que podem ser considerados rituais, a autora ressalta que não é possível antecipar a compreensão “do que é um ritual”, tornando-se necessária uma incursão *in loco* junto ao grupo social investigado – portanto etnográfica –, pois se deve ter clareza de que o “outro” (nativo), não pensa ou age necessariamente com nós.

Ainda de acordo com Peirano (2003, p. 8),

[...] em todas as sociedades, existem eventos que são considerados especiais. Na nossa, por exemplo, distinguimos uma formatura, um casamento, uma campanha eleitoral, a posse de um presidente da república, e até mesmo um jogo final da Copa do Mundo como eventos especiais e não-cotidianos. Quando assim vistos, eles são potencialmente “rituais”. O pesquisador deve, portanto, desenvolver a capacidade de apreender o que os nativos estão indicando como sendo único, excepcional, crítico, diferente.

Sob este viés, segundo a autora, a natureza dos eventos considerados rituais não deve ser questionada, o que interessa no processo analítico não é o conteúdo explícito, mas sim a forma específica do rito, isto inclui as convencionalidades, as redundâncias, as combinações de palavras e ações. Embora considere-se os rituais como fenômenos especiais, capazes de revelar representações e valores de uma sociedade, este também “expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo” (PEIRANO, 2003, p. 8).

Ao direcionar-se o olhar para o futebol, como é praticado no Brasil, encontra-se na preparação para os jogos, nos vestiários dos clubes e em campo, nos momentos precedentes a partida, um dos rituais mais significativos e tradicionais. De acordo com Petrognani (2016), o “fechamento” ou roda, como o autor denomina o ritual, é uma prática específica do universo futebolístico brasileiro, que se consolidou como um dos elementos constituintes do *habitus* dos jogadores brasileiros.

Em virtude da significância deste rito para a cultura futebolística brasileira, o antropólogo italiano Claude Petrognani propõe-se a estudar as relações entre o futebol e a religião no Brasil, mais especificamente o “fechamento”, uma prática dos futebolistas brasileiros, em sua tese de doutorado intitulada “Futebol e Religião no Brasil: Um estudo antropológico do ‘fechamento’”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para tanto, Petrognani (2016) realiza uma pesquisa etnográfica com os jogadores das categorias de base do Sport Club Internacional de Porto Alegre (RS, Brasil). Durante sua investigação, o autor observou que o principal ato desta ritualização se encontra no vestiário, um espaço considerado “sagrado” (PETROGNANI, 2016), e devido a esta dimensão, dificilmente “pesquisável”, pois não basta apenas uma autorização legítima para observação, torna-se necessário também o entendimento por parte do grupo de que a presença do pesquisador não irá interferir negativamente na dinâmica sagrada do ritual.

De fato, para conseguir uma inserção suficientemente profunda e alcançar uma compreensão significativa, teria sido mais profícua, para fins da investigação, adotar a postura metodológica da “participação observante”, o que porém não foi possível considerando a diferença de idade entre o pesquisador e os atletas além de que se

tratava de categorias de base de um time profissional (PETROGNANI, 2016, p. 151).

Em sua tese, o autor descreve as resistências e restrições enfrentadas para acessar o vestiário das categorias de base do Sport Club Internacional, as falas que alegavam que ele “‘não fazia parte da família’, ‘era um estranho’, ‘podia mexer no emocional dos jogadores’, e a preocupação da [sua] presença neste lugar literalmente ‘inviolável’, tinha, também, alguma coisa de ‘mágico’”. As práticas ali realizadas, os sentimentos expressos e a impossibilidade de qualquer um em qualquer momento acessar este espaço, demarcava a existência de uma ritualização, inacessível, em um primeiro momento, a forasteiros. (PETROGNANI, 2016, p. 154).

Neste cenário, diferentemente da resistência encontrada por Petrognani (2016), o fato de compor a equipe do Mirante E. C. na partida derradeira da primeira fase do Campeonato Amador Divisão Especial de 2016, permitiu-me o acesso ao vestiário e também um lugar na disposição do ritual, pois, neste caso, a observação participante foi possível. Entretanto, é importante destacar que esta resistência não se resume a pesquisadores; os familiares, por exemplo, também não possuem espaço nas rodas e nos vestiários, com exceção dos meninos, quando crianças, como viu-se anteriormente.

Para Petrognani (2016), tanto metaforicamente quanto literalmente, o vestiário é para o grupo o espaço “sagrado” onde tudo acontece. Um momento significativo desta preparação é, segundo Canal e Quintilla (1999), a passagem “du mec au joueur”, isto é, quando o jogador veste o uniforme do time, nos momentos antecedentes à partida, transformando-se em jogador. Nesse contexto, o ato de “Vestir a camisa reveste-se de uma importância simbólica indéniable [inegável], sendo o objeto de veneração também para os torcedores, os quais, através dela, se identificam com o próprio time” (PETROGNANI, 2016, p. 153).

Segundo Petrognani (2016), é no vestiário também que, no jogo de analogias entre “futebol” e “religião”, observa-se um dos momentos mais sublimes e importantes deste ritual, qual seja a oração do Pai Nosso rezado a pleno pulmão, com os olhos fechados. Ato “controlado, ritualizado dentro de um esquema fixo, mas, não por isso, deixou de ser performático. Muito pelo contrário, a oração incentivou um estado de excitação para quem compartilhou o ‘transe’ que estava em curso” (PETROGNANI, 2016, p. 188).

Ao longo de suas observações *in loco*, nos jogos da equipe de base do Inter, Petrognani (2016) descreveu quatro séries de “fechamento” durante a preparação e término de uma partida. O primeiro ocorria na preleção do grupo, marcado pela ordem e “racionalidade”, etapa de definição das estratégias de jogo. O segundo “fechamento” da série, e mais

emblemático, ocorria no vestiário, com todos os membros da equipe em círculo. O terceiro refere-se à roda, já dentro de campo, que os titulares realizam para reestabelecer a ordem, amenizando os efeitos da euforia nos vestiários. Por fim, a quarta roda formava-se ao término da partida, com o objetivo de agradecer as forças espirituais pela proteção.

A fim de interpretar este produto da cultura futebolística, Petrognani (2016, p. 191) serve-se de uma tipologia dos elementos da “religião”. Segundo ele, embora realizar este exercício signifique assumir o risco de limitar a diversidade da experiência religiosa em categorias, “o uso de uma tipologia pode ser útil para colocar ordem numa realidade muito complexa e diferente”.

Neste processo, ele identificou na realização do “fechamento” (o ritual de preparação para o jogo) sete elementos, são eles: 1) A repetição; 2) A sequência tripartida; 3) A “roda”; 4) O corpo e a sua simbologia; 5) A predicação; 6) A oração e; 7) A recitação de um código.

1. A repetição

A função do ritual é objetivar, através de símbolos materiais e corporais, os valores em que um grupo acredita e no qual se reconhece. Assim, sua repetição antes de cada uma das partidas da competição “reforça a tese que, antes de tudo, a sua função é de potencializar o espírito do grupo, de se sentir fortalecido” (PETROGNANI, 2016, p. 192).

2. A sequência tripartida

Esta sequência tripartida ocorre no segundo “fechamento” do grupo, no vestiário. Nesta dinâmica, os gestos e posturas corporais, os atos verbais, sempre repetitivos, possuem grande simbolismo, pois será através desses atos que os jogadores se “transformarão” e irão transitar entre o mundo ordinário e o não-ordinário. Esta transição ocorre, de acordo com Petrognani (2016, p. 192), dentro de uma sequência predefinida:

[...] a uma ordem/estrutura, representada pela “grande roda”, da qual participam todos, substitui-se uma contra-ordem/anti-estrutura, representada por somente os “onze eleitos”, os “rodantes”, os quais rompem a harmonia do círculo, “rodando”, se assim podemos dizer, de maneira descontrolada. É a fase do “transe”, do descontrole, dos gritos e dos pulos desordenados, da “selvageria”. Logo em seguida, porém, a ordem é restabelecida. Na terceira sequência, de fato, reconstitui-se a “roda”, o círculo reduzido que chamarei de “pequena roda”, da qual participam só os “onze eleitos” e ninguém mais. Quem não joga, os “não rodantes”, observam o desenvolvimento do rito. De fato, eles não transitam, não mudam de status, permanecendo na ordem da primeira estrutura.

Neste processo, vale destacar que, para além de uma experiência emocional e religiosa, estabelecem-se posições nas disposições do rito, ou seja, há um lugar para cada agente social dentro da roda – ou fora da “pequena roda”.

Em virtude desta dinâmica espiritual, emocional, mas, sobretudo agregadora de capital simbólico, observada nos mais diversos rituais, é que Bourdieu (1998) opta por trabalhar com o termo “rito de instituição” ao invés de “rito de passagem”, pois o autor observa que nestes processos não há apenas uma simples passagem, de menino para homem, por exemplo, mas existe um ganho de capital, convertido em poder simbólico ao agente social instituído. Portanto, o “fechamento” é, sobretudo, um rito de instituição.

3. A “roda”

A expressão “roda”, como utiliza Petrognani (2016), refere-se ao círculo formado pelos jogadores no vestiário e a “pequena roda” aos 11 jogadores titulares já em campo, que caracteriza o rito antes que a partida se inicie. Segundo o autor, esta expressão também pode ser encontrada em algumas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, que abre sua cerimônia com um círculo.

Utilizando-se de uma metáfora, o autor demonstra que quem começa jogando é quem “roda”, isto é, quem experimenta este momento do rito, já que não joga (caso dos reservas e comissão técnica), não roda, não partilha esta experiência. Entretanto, titulares e reservas, rodantes e não rodantes sentem-se pertencentes do mesmo sentimento de grupo.

4. O corpo e a sua simbologia

Parte significativa do rito consiste na transição de forças e energias através do contato físico no “fechamento”, deste modo o corpo é um instrumento fundamental na execução do ritual. Petrognani (2016) ressalta que, para os jogadores, o fortalecimento do grupo ocorre através das transmissões de energias.

5. A predicação

A predicação, esta forma de discurso “profético” que ocorre na “roda” deve ser performática. Ou seja, o que importa de fato, não é o conteúdo das palavras, mas sim a intensidade com que ela é proferida, e a posição social daquele que a profere dentro do grupo (BOURDIEU, 1998). Como salienta Petrognani (2016), o importante é a indução dos demais companheiros de equipe a estados de intensa emoção.

Não obstante, em alguns contextos, o conteúdo da predicação pode ser relevante, principalmente os relacionados à família e a Deus, para atingir-se a efervescência do grupo e “transformar um evento ordinário em algo extraordinário, transcendente, induzindo nos seus ouvintes a presença de uma força que os antropólogos associam com a irrupção do sagrado” (PETROGNANI, 2016, p. 196).

6. A oração

A oração do Pai Nosso é o maior exemplo das manifestações de religiosidade dos jogadores no Brasil. A reza “consiste no fenômeno mais emblemático do sentimento religioso que induz à transcendência. Por isso mesmo se trata do momento mais sublime e intenso do ritual, no qual estoura toda a potência do sagrado” (PETROGNANI, 2016, p. 197).

Neste momento, observa-se uma grande “efervescência coletiva”, embora existam diferenças quanto às crenças, estes agentes sentem-se felizes pelo fato de estarem juntos. Se a predicação dos jogadores autorizados instiga a transformação, é a oração que provoca o “transe”, o descontrole, a gritaria, os pulos desordenados. Para o autor, o que diferencia o rito brasileiro dos demais rituais antecedentes aos jogos europeus é a presença de uma oração em grupo.

7. A recitação de um código

De acordo com Petrognani (2016), a recitação de um código, no caso de seu objeto o “1,2,3, Inter, Inter, Inter”, proferido a pleno pulmão, serve para reforçar os sentimentos de pertencimento ao clube representado.

O “fechamento” ou “roda” é considerado parte integrante da cultura esportiva brasileira, “uma prática imprescindível ao futebol brasileiro justamente porque é a expressão simbólica de uma bricolagem religiosa própria do ser brasileiro” (PETROGNANI, 2016, p. 199). Tão significativa é esta prática para os agentes sociais que a executam, que estes acreditam na influência do ritual no bom ou mau desempenho em campo.

Ao analisarem-se as interações descritas nos vestiários do Mirante E. C., a afirmação acima se evidenciou. Desse modo, exploraram-se, na sequência do texto, dois acontecimentos distintos, que reforçam o papel dos rituais de preparação para os jogos, no campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

5.1 UMA QUEBRA NO RITUAL: O CASO DO JOGO ENTRE MIRANTE E. C. *VERSUS* CLUBE VISITANTE “D”, VÁLIDO PELO CAMPEONATO AMADOR DIVISÃO ESPECIAL DE 2016

No vestiário, espaço geográfico, mas, sobretudo simbólico, que comporta as discussões, os acordos, as concordâncias, as estratégias e tudo aquilo que deve ser intransitável em conversas exteriores, as equipes encontram o momento ideal para alinharem seus desejos pessoais em torno de uma meta coletiva. Para algumas equipes, esta meta deve ser compreendida como a conquista do título amador, por exemplo, em outras, representar bem suas comunidades já é suficiente, em “Clubes de Vila”, no caso do Mirante E. C., tornava-se latente a busca pela construção de uma identidade coletiva em torno do clube.

Não obstante, para atingir este nível de coletividade, a coesão do grupo torna-se fundamental, o que significava encontrar equilíbrio nas relações de poder, uma tarefa complexa se consideradas as diferentes tipologias de jogadores, pois, embora um determinado tipo de jogador predomine de acordo com a classificação dos clubes (Empresa, Vila, Social/Associativo e Visitante), o elenco completo era composto por mais de um destes tipos. Conforme exposto no capítulo sobre os veteranos, as peladas são espaços significativos para socialização e busca desta harmonia entre o grupo, porém, nem sempre todas as diferenças resolvem-se nestes encontros, principalmente no caso da Categoria Amadora da Divisão Especial, onde se observou uma rotatividade grande por parte dos jogadores.

Desse modo, o vestiário torna-se o espaço e o momento no qual as identidades devem ser forjadas e transformadas (CANAL; QUINTILLA, 1999). Esta dimensão simbólica do vestiário encontra sentido completo somente nos jogos realizados “em casa”, pois nos jogos onde o clube é visitante, as rotinas individuais e coletivas sofrem interferência.

O horário de chegada dos jogadores no estádio, antes dos jogos, geralmente era definido pelo técnico do Mirante E. C. no início da competição, porém, esta baliza temporal sofria alterações ao longo do campeonato. Durante o período observado, o técnico solicitava que os jogadores chegassem com aproximadamente uma hora de antecedência, entretanto, alegava incluir neste horário entre 15 e 20 minutos a mais do que considerava necessário, estabelecendo, deste modo, uma margem de tolerância. Geralmente, com aproximadamente 30 minutos para início da partida, os jogadores dirigiam-se ao vestiário.

Embora o tempo cronológico fosse o parâmetro de marcação utilizado, este ritual não segue rigidamente os horários pré-estabelecidos. Há a possibilidade de todo o grupo chegar próximo dos 30 minutos restantes, às vezes até menos, ou então, chegarem com mais de uma

hora de antecedência. Para os agentes, este é o primeiro dos indicativos a ser observado, o qual possuirá ligação com o desfecho da partida. Quando se tratam de casos isolados, os atrasos não possuem relevância, com exceção de algumas cobranças pontuais, mas quando uma grande parte do grupo passa a chegar cada vez mais tarde, esta atitude pode ser compreendida como um termômetro, um medidor de comprometimento e envolvimento grupal.

Acredita-se que, inconscientemente, para os jogadores, o período de espera até que todos estejam presentes, para então deslocarem-se ao vestiário, torna-se um momento importante para o estreitamento das relações. Porém, no ano de 2016, não se observava tal alinhamento, não com tanta intensidade, pois, ao longo desta espera formavam-se duas, três e algumas vezes até quatro rodas de conversa paralelas, ao invés do grande círculo com todos os jogadores.

Os assuntos nestas rodas giravam em torno do futebol, das notícias mais atuais das competições estaduais, nacionais e internacionais. No entanto, rapidamente direcionavam-se para a competição amadora, perpassando as posições das equipes no campeonato, cálculo de pontos, centrando-se nas disposições táticas do clube e possíveis jogadores escalados como titulares, assunto carregado de descontentamento e críticas à atuação de titulares que se encontravam em outras rodas. Este comportamento refletia-se nos demais atos do rito preparatório, que na visão dos nativos, interferia no rendimento do clube em campo.

Nestas situações, embora a voz do técnico fosse legítima, ou competente (CHAUÍ, 2007) perante o grupo, fosse quanto à escalação da equipe ou nos discursos performáticos que almejam motivar e unir o grupo, somente o técnico não é capaz de gerar a coesão grupal necessária para a realização de um ritual “eficaz”, pois o “fechamento” depende de um estado coletivo de entrega. Deste modo, quando a “harmonia” do grupo se estabelecia pela imposição da autoridade do técnico ou o uso do poder simbólico (BOURDIEU, 2002) por parte de um veterano, como veremos nas descrições a seguir, tornava-se visível que as lógicas do campo não foram incorporadas (BOURDIEU, 2008a) por todo o grupo.

Para refletir sobre estas tensões, optou-se por analisar um jogo em específico, que foi emblemático durante as observações não só para os pesquisadores, mas também para os jogadores, dirigentes e veteranos envolvidos com as atividades do Mirante E. C., por tratar-se do estopim de uma série de divergências entre alguns membros do grupo.

5.1.1 Descrição e análise do jogo entre Mirante E. C. *versus* Clube Visitante “D”

Na manhã de domingo, dia 23 de outubro de 2016, o Mirante E. C. enfrentaria o Clube Visitante “D”. Para as duas equipes, somente a vitória os levaria para a próxima fase da competição, ou seja, ambas não se encontravam nas primeiras posições do campeonato. No caso do Mirante E. C., o ano já havia iniciado conturbado, devido à proposta do então técnico do clube, de trazer metade do elenco de cidades vizinhas, mas que não se efetivou devido aos custos destas viagens. Não obstante, somente a proposta já foi suficiente para desencadear inúmeras tensões e disputas por posição na equipe, principalmente pelo fato de o técnico convidado não conhecer profundamente os jogadores “pertencentes ao clube” há vários anos (aqueles que jogam devido a identidade com o clube), pois devido a este fato, eles acreditavam ter uma vaga no time “por direito”.

Rodada após rodada da competição, o clube não encontrava seu estado de equilíbrio, assim, encerrou-se a primeira fase do campeonato e o clube acabou ficando na metade inferior da tabela, disputando a Série “Prata¹⁷”. Nesta ocasião, o técnico afastou-se do clube, então o vice-presidente (atualmente presidente) Fernando, assumiu o comando da equipe.

Na fase seguinte da competição, o cenário modificou-se um pouco, devido ao capital simbólico de Fernando perante o grupo, entretanto sua ausência no jogo do Mirante contra o Clube Visitante “D”, devidamente justificada por tratar-se do ritual católico da “Primeira Comunhão” de sua filha, expôs novamente as dificuldades enfrentadas pelo clube. Pois o técnico possui um papel central, principalmente por tratar-se de uma estrutura pautada por encontros não sistematizados, em que o compromisso é tácito e o que mantém os jogadores unidos depende do estímulo proporcionado, o qual carrega consigo uma dimensão subjetiva.

Desse modo, com a informação de que o técnico Fernando não iria ao jogo, vários jogadores atrasaram sua chegada: faltando apenas 20 minutos para o início da partida alguns ainda não haviam chegado ao local. Os demais se encontravam dispostos pelo estádio do clube em rodas de conversa. Embora Fernando possuísse dois auxiliares (Kleber e Eduardo), quem preocupou-se com o horário foi seu Tião, que pediu ao caseiro a chave do vestiário que ainda se encontrava com as portas fechadas.

Diferentemente do rito no vestiário, que se iniciava com a entrada de todos os jogadores ao mesmo tempo, sentando-se respectivamente em seus locais simbólicos, para

¹⁷ No ano de 2016, 21 equipes inscreveram-se para a categoria principal da competição amadora futebolística. Em virtude do número elevado de clubes, a LFPG dividiu os clubes em três grupos (A, B e C) com sete equipes cada. “Após o cumprimento do rodízio completo da primeira fase, irão classificar as 4 (quatro) melhores equipes de cada grupo para disputar a Divisão Especial – Série Ouro e as demais disputarão a Divisão de Acesso – Série Prata, jogando rodízio completo dentro dos grupos” (LFPG, 2016, p. 2-3).

receberem na sequência os seus uniformes, o que houve foi a entrada dos auxiliares técnicos, que distribuíram nos bancos do vestiário os uniformes. Desse modo, aqueles que entravam no vestiário trocavam de vestimenta sem a realização dos tradicionais ritos de preparação, saindo rapidamente do espaço, principalmente devido ao tardar das horas.

Já em campo, seu Tião buscava reunir o grupo que se encontrava disperso pelo espaço aquecendo seus corpos e, com uma pequena folha de papel nas mãos, a qual o técnico Fernando entregou-lhe no dia anterior com a escalação da equipe, ele iniciou a “preleção” a poucos instantes do início do jogo.

Tião: – Carlos, José, Eduardo, Paulo... Certo? Estes daqui que vão começar jogando. Então. O que que acontece, você vai ter que fazer por dentro, você vai armar, você vai fazer a parte de armação, entrando de trás (dirigindo-se a um dos jogadores escalado como meia), eles vão jogar mais avançado. Não da para jogar os três lá na frente. Tá? O Eduardo, você vai jogar na frente da zaga.

De repente seu Tião é interrompido pelo auxiliar técnico do Fernando, o Kleber, que disse: – Olha lá, o Carlinhos chegou, vou lá ajeitar as coisas para ele, já venho.

Na sequência o veterano Paulo disse: – Agora não muda! (referindo-se à escalação já definida por Tião, visto que o Carlinhos era um dos titulares do clube escalado por Fernando, porém substituído devido a sua ausência até o momento).

Seguido por Tião, que repetiu novamente sua frase, como forma de concordância: – Não, não vai mudar agora!

Então Kleber disse: An? (não sei ao certo se foi por não ouvir o que Tião e Paulo disseram, ou para força-los a repetir novamente).

Seguido por Gustavo, outro auxiliar do Fernando que disse: Agora não vai mudar.

Tião Reforça: – Agora não muda a escalação.

Porém Kleber responde: – Vai mudar sim, tem que mudar Tião.

Tião responde de forma mais áspera: Não! Eu já escalei o time!

Kleber alega inconformado: Tem que ter o Carlinhos, tem que ser o Carlinhos.

Eduardo reforça: – Ele já escalou. Não poder mudar.

Tião então encerra a discussão: – Pode mandar ele trocar de roupa lá, depois deixa comigo.

Tião tenta reiniciar as orientações, porém em paralelo Kleber argumenta novamente com Eduardo: – Não, mas não tem que entrar, é o Carlinhos.

Eduardo o responde: – Mas ele chegou atrasado.

Entretanto para Kleber, eles deveriam seguir a escalação organizada pelo técnico Fernando. Neste momento os jogadores não prestavam mais atenção nas orientações que Tião intentava transmitir. Ao passo que um jogador pergunta aos auxiliares (Kleber e Eduardo): – Vocês abriram lá?

Kleber que estava com a chave responde-o: – Eu não vou abrir lá, abra lá Eduardo.

Sem muita eficácia Tião continua as orientações, entretanto era perceptível o estado de distanciamento do grupo, tanto visualmente, pois eles encontravam-se distantes uns dos outros, sem os tradicionais abraços da roda, quanto emocionalmente, uma vez que não se ouvia qualquer manifestação de concordância ou discordância as orientações. Nenhum dos jogadores complementava as instruções, mas Tião insistiu orientando:

– É só se organizar, time nós temos, é só sermos organizados. Eu já falei, a bola caiu lá na frente, ta sozinho? Não parte para cima dos caras, daí é burrice. Trava a bola, chama o meio, volta atrás, vamos com paciência. Paciência, não tenha presa com a bola, todo mundo sabe jogar, tem que ter calma com a bola, trabalha a bola com tranquilidade e vamos nessa. Ta sozinho? Não parte para cima, toca para trás, chama mais companheiro, porque se der um toquinho, você esta na cara do gol, você aproveita suas pernas, e daí se ajeita até para tocar no gol, sair correndo daqui até lá, chega lá não consegue chutar no gol. Entendeu? É tranquilidade.

Após mais um momento de silêncio Tião disse: – Vamos se reunir, fazer nossa oração aqui.

Tamanha era a desconcentração do grupo que entre a frase de Tião e o início da oração, que levou alguns segundos até os jogadores abraçarem-se.

Um jogador do Mirante E. C. comentou: – Eu não acredito que o goleiro deles tem uns 200 quilos.

De imediato Kleber responde: – Mas é bom o goleiro, bom o goleiro deles.

Paulo complementa: – É Bom o goleiro.

Renato reforça: – Bão mesmo. Tem que bater firme, você não acredita na bola que ele tirou lá no primeiro tempo.

Seguido por Kleber que novamente disse: – Cara, o cara chutou uma bola de dentro da área pequena e ele defendeu.

Tião busca retornar a atenção do grupo para a oração, o momento que deveria ser o de maior efervescência da preparação para o jogo. Como nenhum dos jogadores chama a oração ele a inicia dizendo: – Vamos lá. Encosta aí, encosta aí. Vamos lá. Pai Nosso... Ave Maria... Seguido pelo código simbólico “Um por todos! Todos por um! Um por todos! Todos por um! Um por todos! Todos por um! Mirante (com a ausência do 1,2,3 que prepara o grupo para gritar o nome do clube a pleno pulmão)” (DC, 23 de outubro de 2016).

Neste momento, não houve a tradicional vibração, o “transe”, tão característico dos rituais de “fechamento”. Logo após o grito do grupo, já se ouviu o apito do árbitro solicitando as equipes o início da partida, assim, os reservas rapidamente retiraram-se do campo e o jogo teve seu início.

Mesmo sem se tratando de uma partida significativa para o clube, pois, em caso de derrota, não se classificaria para próxima fase do amador, a quebra no ritual de preparação causada por inúmeros fatores, levou a equipe a iniciar o jogo “sem estar nele”, ou seja, a significância do ritual, somente reforça a tese da necessidade de um aquecimento de espírito, para além do convencional aquecimento corporal (DAMO, 2005; PETROGNANI, 2016).

Após os 90 minutos jogados, a equipe do Mirante E. C. perdeu pelo placar de 3x2. O desfecho da partida não poderia ser outro, segundo alguns jogadores e torcedores, pois o clube não perdeu em campo, mas antes mesmo que o jogo começasse, como exposto por Paulo (2016) no início do capítulo.

5.2 A EFICÁCIA DO RITUAL DE PREPARAÇÃO PARA OS JOGOS: O CASO DO CAMPEONATO AMADOR MÁSTER DE 2017

FIGURA 12 – Jogadores abraçados enquanto o capitão do Mirante E. C. proferia seu discurso predcativo, na preparação para a partida contra o Clube Social Ortodoxo “B”, válido pela semifinal do Campeonato Amador Máster de 2017.



FONTE: OS AUTORES

O ano de 2017 iniciou-se com várias incertezas acerca da participação do Mirante E. C. nas competições amadoras de futebol em Ponta Grossa. Os insucessos do clube no ano anterior, principalmente na Divisão Especial, em que, no primeiro ano de separação entre Série Ouro e Série Prata, o clube acabou caindo para a Prata, despertou nos membros da diretoria o interesse de participar apenas da categoria principal, abrindo mão da categoria máster, devido aos custos financeiros e tempo para organização e preparação da equipe.

Ao mesmo tempo em que esta possibilidade se apresentava como a mais “racional”, devido aos recursos financeiros e humanos, um grupo formado por cinco jogadores do clube com idade superior aos 35 anos (requisito para disputa da divisão Máster), que jogaram o campeonato principal no ano anterior, solicitaram ao presidente do clube que repensasse esta situação, propondo, inclusive, assumir os gastos com taxas referentes à associação do clube a LGPG e de arbitragem. Na ocasião, presenciei esta conversa, que ocorria às margens do

campo, onde o Mirante E. C. realizava um amistoso contra o Clube de Vila “F”, com equipes mistas, ou seja, com jogadores da Divisão Especial e da Divisão Máster.

Mesmo restando poucos dias para o encerramento das inscrições na competição Máster de 2017, o presidente do clube atendeu à solicitação deste grupo de jogadores, que em conjunto com Eduardo, o novo técnico (auxiliar no ano anterior), deliberaram e realizaram os convites para outros jogadores até completar o elenco. Compuseram a equipe, principalmente, amigos e familiares destes jogadores. Este envolvimento do grupo foi bastante significativo para redução de conflitos como a disputa por posições, pois, neste caso, havia por parte dos convidados, um reconhecimento da posição dos jogadores já pertencentes ao clube.

Durante a formação da equipe, uma das maiores preocupações dos jogadores foi o resgate dos significados do encontro precedente ao jogo, do rito no vestiário, do momento de oração e reflexão após o término da partida, pois era consensual perante o grupo, que este seria o caminho para formação de um elenco sólido e coeso. Nesse sentido, Peirano (2003, p. 8) destaca que os “Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais”.

Desse modo, o horário de chegada aos estádios pré-estabelecido anteriormente para evitar atrasos, tornou-se um parâmetro para que os jogadores não chegassem demasiadamente cedo para os jogos, principalmente nas partidas do clube em casa, pois a cada partida da competição, eles chegavam com mais antecedência.

Quando os jogadores chegavam ao estádio, um dos primeiros temas dos diálogos era a família. Iniciavam com um “Tudo bem?”, “Tudo em ordem”, “Tudo certo” e na sequência questionavam sobre a presença ou ausência de filhos, filhas ou esposas. A partir deste ponto, as rotinas da semana eram compartilhadas com o grupo, fosse ela boa (aniversários, idas a cinemas, circo) ou ruim (problemas escolares, médicos, discussões no relacionamento). Com o decorrer do tempo, mais jogadores do clube chegavam, porém, dificilmente formava-se mais de uma roda de conversa e, quando se formava, era rapidamente diluída pela roda maior – diferentemente do ano anterior, em que os grupos se reuniam por afinidade até o momento de todos adentrarem ao vestiário.

Tendo como ponto de partida as reflexões de Petrognani (2016), pode-se dizer que esta roda de conversa se construiu como o primeiro ato deste ritual de preparação para os jogos. Pois, ao compartilharem com o grupo suas experiências vividas ao longo da semana, estes jogadores se reconheciam com os demais companheiros de time, respeitando-se não somente pelo desempenho em campo, mas pelos esforços realizados para estarem com o grupo. Como pode-se observar no diálogo entre os reservas da equipe do Mirante, em uma

partida do Amador Máster *versus* o Clube Empresa “A”, na sexta-feira 21 de abril de 2017, no estádio dos adversários...

Um dos reservas diz: “– Cara, o Ademir não esta jogando nada hoje, não ganha uma ali no meio, está morto o homem”. Na sequência outro jogador o responde: “– Você não ouviu ele falando antes do jogo? Que teve que trabalhar a noite inteira. Trabalhou a tarde e depois fez o turno da noite também, ele trabalha de segurança”. Outro reserva complementou: “– Ele só veio hoje porque o Marquinhos não podia vir, senão não viria nenhum dos volantes que jogam pela esquerda. Veio direto para o jogo, só passou em casa pegar a chuteira e tomar um café”. Após os comentários o jogador reserva que fez a crítica diz com entonação amena: “– Então esta explicado”, e em seguida grita “Vamos Ademir”, em tom de incentivo (DC, 21 de abril de 2017).

Tanto nesta partida, quanto em outros encontros, os diálogos precedentes aos jogos nas rodas evitaram possíveis conflitos, devido a sua função agregadora de identificações. Neste sentido, Petrognani (2016, p. 191) salienta que a “dimensão simbólica mais evidente que absorve o(s) “fechamento(s)” é de participar da construção e consolidação do laço social, ressaltando o sentimento de pertencimento que permite a um grupo de se reconhecer como pertencente a uma mesma comunidade”.

Nesse processo, destaca-se, também, a eficácia dos sacrifícios – seja abrir mão de horas extras no trabalho; faltar alguma festividade em família devido aos jogos; mas principalmente não faltar ao jogo por dores leves ou desconfortos, são deliberações convertidas em *status*, em legitimidade perante o grupo e o campo, deste modo são encaradas pelos jogadores como deveres.

Na manhã do dia 02 de julho de 2017, por volta das 9:30 horas da manhã, antes de um dos jogos treino preparatório para disputar a competição amadora na categoria principal, eu conversava com o zagueiro Paulo sobre as competições dos clubes que estavam em suas retas finais, quando este queixou-se de dores nas costas, devido a uma dividida “maldosa” (segundo ele) de um adversário, durante uma partida válida pelas quartas de final de um deste campeonatos de clubes associativos, em que ele e outros jogadores do Mirante haviam formado um time. Ele contou-me que no dia seguinte ao jogo, não conseguia levantar-se da cama sem apoiar-se nos móveis próximos, para ir ao trabalho, caminhando com muita dificuldade. Ao explicar aos colegas de trabalho suas limitações no exercício das funções, e principalmente o motivo pelo qual estava daquela forma, “trombada maldosa”, os colegas compreenderam a situação e fizeram por ele as atividades que ele não conseguia. No dia seguinte sem grandes melhoras, ele foi até um massagista, que “colocou o nervo ciático no lugar”, porém recomendou uma semana de descanso, sem atividades físicas. Entretanto, na quarta-feira Paulo burlou as recomendações para jogar as semifinais da competição no clube. Queixando-se novamente de dores nos dias seguintes (quinta, sexta e sábado), porém embora bastante limitado nos movimentos, estava disposto a treinar pela manhã no Mirante e ir disputar a tarde a final de tal competição. Perguntado o porquê de tantos “sacrifícios”? Ele alegou que na sua idade (38 anos) não é possível mais jogar sem dores, e que se fosse esperar uma condição física ideal não jogaria mais. Assim, o sacrifício corporal só alimentava e fortalecia a alma e o espírito de jogador, ainda mais devido à campanha de sua

equipe no campeonato. “– Independente do campeonato que for eu não abandono meu time em uma semifinal ou final. Eles precisam de mim, contam comigo, eu devo esse esforço a eles, porque confiam em mim” (DC, dia 02 de julho de 2017).

No decorrer desta conversa, vários jogadores do Mirante pararam o que faziam e passaram a ouvi-la, os relatos eram vistos como certo “heroísmo”, vindo de alguém que o grupo poderia contar sempre. Enquanto Paulo relatava sua experiência dolorosa, tornava-se cada vez mais visível o quanto ele acreditava no que dizia, ou seja, Paulo estava convencido de um “dever moral” para com o grupo, que exigia dele “sacrifícios”, e mesmo existindo riscos de complicações à saúde, seria necessário corrê-los pelo grupo. Principalmente, nos jogos “absorventes”, como as disputas de “mata-mata” entre alguns clubes.

De acordo com Geertz (2008), a estratégia dos balineses para tornar um embate interessante ou “absorvente”, era fazer com que a aposta central fosse a maior possível; os galos os mais semelhantes e os melhores possíveis; e o resultado o mais imprevisível dentro das possibilidades. No entanto, “O que torna a briga de galos balinesa absorvente não é o dinheiro em si, mas o que o dinheiro faz acontecer, e quanto mais dinheiro, mais acontece: a migração da hierarquia de *status* balinesa para o corpo da briga de galos” (GEERTZ, 2008, p. 201).

Dentre as partidas observadas, o jogo de domingo, dia 11 de junho de 2017, foi um dos jogos “absorventes” para os agentes envolvidos com o Mirante E. C., pois há anos o clube não chegava às semifinais do campeonato amador de futebol pontagrossense. Mesmo não se tratando da categoria de maior prestígio, vencer esta partida e chegar à final da competição apresentava-se como um desejo compartilhado entre o grupo, principalmente devido ao adversário, o Clube Social Ortodoxo “B”.

Na fase de grupos do campeonato, o Mirante E. C. enfrentaria o Clube Social Ortodoxo “B”, dia 12 de março de 2017, na “casa” do adversário, porém, o jogo não ocorreu, pois, ao sair do túnel que dava acesso ao campo, os jogadores do Mirante E. C. não avistaram os adversários, que ainda se encontravam no vestiário. O atraso não foi tolerado pelos jogadores do Mirante E. C. que, logo após passarem-se os 15 minutos de tolerância, pediram ao árbitro que apitasse o início da partida, vencendo deste modo, por W.O.

Tão logo o árbitro da partida decretou a vitória do Mirante, os adversários saíram do túnel de acesso ao campo do estádio do Clube Social Ortodoxo “B”. Sabendo do ocorrido, houve o início de tumulto e, mesmo com a vitória, os jogadores do Mirante foram ironizados pelos adversários, sendo chamados de “bundões” e “medrosos”, por aceitarem uma vitória sem jogo devido ao “medo” e “certeza” da derrota em campo (DC, 12 de março de 2017).

Se faltava para os adversários uma prova de coragem, a vitória do Mirante E. C. por 1x0, no jogo de ida da semifinal, na casa do Clube Social Ortodoxo “B” foi apontada pelos jogadores do Mirante, como o acontecimento que legitimava a força deste grupo. Assim, estes acontecimentos construíram um cenário ainda mais incerto e tenso, para o jogo de volta, no estádio do Mirante.

FIGURA 13 – Jogadores e torcedores do Mirante comemorando o único gol da partida entre Mirante E. C. versus Clube Social Ortodoxo “B”, válido pela semifinal do Campeonato Amador Máster de 2017.



FONTE: OS AUTORES

Nos dias precedentes ao jogo de volta, era visível a ansiedade dos jogadores ao pensarem e falarem sobre a partida que estava por vir. No grupo de *whatsapp*, as mensagens seguiam certa padronização, os tradicionais *mêmes* jocosos compartilhados nos domingos e quartas-feiras, durante e após as rodadas do Campeonato Brasileiro, perderam espaço para as mensagens de motivação ou frases e fotos religiosas.

Na manhã do jogo, cheguei ao estádio do Mirante E. C. às 9 horas. Ao aproximar-me das rodas de conversa que ali se formavam, percebi um silêncio incomum à rotina de gozações. Embora sempre houvesse a concentração, esta partida era diferenciada. Os diálogos giravam em torno de possíveis estratégias táticas, frases de apoio como: “no jogo passado

você deitou em cima dele” ou “lá você não deixou ele se criar”. O clima modificava-se apenas quando alguns veteranos realizavam tentativas de descontração, as quais surtiavam certo efeito, despertando alguns risos, porém sempre controlados.

Como nas partidas anteriores, às 9 horas e 15 minutos todos os jogadores já se encontravam presentes no estádio. Desse modo, iniciou-se o segundo momento deste ritual, com a entrada dos jogadores no vestiário. O sentido completo desta entrada ocorre somente nos jogos em casa, devido à disposição dos jogadores nos espaços do vestiário; entretanto, independente do estádio, este tornava-se o momento da “transformação”, “de balinês a galo”, do eu social a jogador de futebol.

FIGURA 14 – Jogadores do Mirante E. C. preparando-se para uma partida, enquanto o auxiliar técnico Kleber segura a prancheta com a escalação da equipe.



FONTE: OS AUTORES

Neste processo, a troca da vestimenta era bastante simbólica. Em seus locais preestabelecidos, os jogadores faziam deste ato um momento individual, de concentração e silêncio. Ao guardarem suas roupas casuais em suas bolsas, as representações sobre si as acompanhavam, bem como suas fraquezas e seus estigmas. Da mesma forma, ao enfaixarem os tornozelos (alguns), vestirem os calções, calçarem os meiões, as chuteiras e, por fim, vestirem as camisas do clube, estes jogadores transformavam-se, adquirindo uma “força

sobrenatural”, vendo-se como “guerreiros” (expressão utilizada pelos próprios nativos, para referir-se ao grupo, durante os discursos performáticos preparatórios, para as partidas, principalmente nos jogos absorventes), capazes de superar qualquer situação ou adversário.

Dentro da dinâmica da ritualização, as ações seguiam sempre uma ordem padronizada. Enquanto os jogadores retiravam suas vestes, o técnico Eduardo e seu auxiliar Kleber, realizavam algumas orientações, bem como definiam a equipe titular para a partida. Já os jogadores, após vestirem as camisas, levantavam-se dos seus lugares, circulando inquietamente pelo vestiário, dirigindo-se ao banheiro, molhando o rosto e cabeça na pia, cumprimentando outros companheiros com frases de apoio. Neste momento, o clima no vestiário transformou-se, as frases ditas em tom de voz moderado tornaram-se gritos, cada vez mais altos, até que o último homem estivesse devidamente uniformizado.

No Mirante E. C., o último a vestir-se era sempre o goleiro Gustavo, capitão do grupo e “responsável” pelo discurso de indução dos companheiros de equipe ao estado de intensa emoção (PETROGNANI, 2016). Como pode-se observar na descrição do DC a seguir, nos momentos precedentes à disputa do jogo de volta da semifinal do Campeonato Amador Máster contra a equipe do Clube Social Ortodoxo “B”:

Após estarem devidamente uniformizados, Gustavo pede para que todos os jogadores abracem-se formando uma grande roda (desconfigurada devido ao espaço pequeno do vestiário do clube). Com o grupo em formação Gustavo inicia seu discurso: – Eu quero dar os parabéns pra vocês, principalmente na hora da oração lá, aquele dia (jogo de ida da semifinal entre Mirante E. C. *versus* Clube Social Ortodoxo “B”, dia 04 de junho de 2017). Eu nunca vi um grupo assim, parecia um exército indo pra guerra, um exército que queria vencer. Cara, chego até a me arrepiar na hora da oração, a força de vontade que vocês estavam naquele dia de jogar bola, eu já vi na hora da oração. Nós mostramos, graças a Deus, que vocês têm muita garra. O Everson sabe, o Everson viu, a hora que eu mostrei a mensagem, o Everson viu, viu eles falarem, viu eles falarem e virem menosprezando o nosso time. Eu pelo menos ouvi duas coisas que não gostei. Primeiro eles falaram, o técnico deles falou lá nas mensagens, na mensagem dele: “Viu, como é que pode vocês não fazerem gol num goleiro gordo e baixinho?”. Segundo. O cara falou, e eu tenho e vou mostrar depois do jogo as mensagens para vocês “Como é que pode vocês tomarem gol de um centroavante gorducho? Ele não conseguiu fazer nada, foi simplesmente um chute chocho no gol”.

Neste momento um dos jogadores disse: – O Everson driblou o time deles inteiro. Gustavo retoma a palavra continuando: – Pelo amor de Deus pessoal. Tá certo que nós já fizemos a primeira parte lá, mas não vai resolver nada se nós não fizer hoje aqui. Não adianta nada. Nós fizemos o que tinha que ser feito lá, mas se aqui na nossa casa se nós não fizer, não vai resolver. Nós temos o regulamento embaixo do braço, mas isso não quer dizer nada. Se nós entrar lá incomodado, nós vamos tomar um chocolate. Agora se cada um de vocês fizer o que fizeram domingo passado moçada, não tem ninguém que ganha de nós (com ênfase e tom de voz elevado e elevando-o gradativamente). Não tem. Porque vocês jogaram com muita raça. Foram guerreiros. Já na oração eu senti que era um exército que tava indo pra guerra. Isso é mérito de vocês. Mas também não vai adiantar de nada se a gente não fizer por merecer todo esse campeonato. É a melhor campanha do Mirante até hoje. Mas não vai resolver de nada se a gente não mostrar pra que viemos.

Everson continua a predição: – Hoje eu estava falando inclusive, até para o pessoal que estava aqui. Gente eu nunca vi, nesses 9 ou 8 anos que eu estou no Mirante, eu nunca vi um grupo tão unido, e o tanto de gente que tem vindo assistir os jogos nossos. Gente que eu nunca vi. Independente do resultado ali fora, nosso grupo vai ser o mesmo, vai manter e vai ser a mesma coisa. (seguido por várias manifestações de concordância utilizando a palavra “verdade”), se nós ganhar ou perder vai ser a mesma coisa.

Gustavo retoma a palavra: – E vamos continuar com a mesma base para o ano que vem. Eu quero pedir desculpas a dois jogadores que quando eu errei no jogo passado, eles me incentivaram. E quando eles erraram eu cobrei muito. Orlando e Felipe eu peço desculpas, vocês são irmãos para mim.

Everson diz: É que quando a gente entra no jogo, a gente entra pilhado, eu, por exemplo, entro pilhado, entro no veneno.

Gustavo aumenta o tom de vós: – Nós somos uma família. Se perder vai todo mundo perder junto, mas nós vamos continuar com esse grupo. Por quê? Porque esse grupo se tornou uma família (seguido por várias manifestações de concordância). Perca ou ganhe. Eu vejo um brilho no rosto de vocês. Então eu quero que vocês joguem o jogo da vida de vocês, é o último jogo moçada, último jogo, 1 a 0 não quer dizer nada, nada, nada, nada, (esqueçam a final piazzada, disse um dos jogadores) esqueça, que nós temos vantagem, vamos jogar por nós, vamos por a bunda no chão, se ver que não vai pegar, você vai pegar sim, se por a bunda no chão vai pegar. Ganha aquele cara que vai até o último minuto e não desiste. Foi uma bola que o Dedé pegou e perdeu lá no domingo, mas ele acreditou cara, ele perdeu, mas ele acreditou. É isso que eu quero de vocês, acreditem, acreditem em cada um de vocês moçada, o que eles falaram, vocês tem que levar no coração e na chuteira de vocês, que vocês são muito mais que qualquer outro jogador. Então vamos lá. Pai nosso que estás no céu... Ave Maria cheia de graça...

Finalizando o momento de oração com a recitação do código: Um por todos! (Gustavo) Todos por um! (demais jogadores e comissão técnica) Um por todos! Todos por um! Um por todos! Todos por um! 1, 2, 3, Mirante!

FIGURA 15 – A imagem retrata o momento da recitação do código “Um por todos! Todos por um!”, um dos atos que compõe o ritual de preparação dos jogadores do Mirante Esporte Clube.



FONTE: OS AUTORES

Através desses espaços, pode-se compreender o que significa entrar em campo sem chances de vencer, pois a preparação de um jogador para uma partida é composta por diferentes ações, que vão desde preocupações com as capacidades físicas, à necessidade de estar emocional e espiritualmente apto para o jogo.

Segundo Bourdieu (1998), um enunciado performativo está condenado ao fracasso, se pronunciado por um agente destituído de “poder” para pronuncia-lo. Não obstante, o contrário é verdadeiro, ou seja, quando um agente instituído de poder simbólico discursa, o efeito deste é notório entre os demais agentes. Situação que se constatou ao presenciar os discursos performáticos de Gustavo no vestiário do Mirante E. C. nos dias de jogos. É importante destacar que ele era o capitão da equipe, um posto simbólico dentro da cultura futebolística.

Neste processo de consagração e legitimação da fala, o ritual é o acontecimento capaz de tornar o arbitrário como algo legítimo e até mesmo natural. Não obstante, um ritual só tem efeito, se o ato de nomeação for realizado por um agente social autorizado a realiza-lo e, também, se as disposições pré-estabelecidas e institucionalizadas de um ritual válido forem respeitosamente cumpridas (BOURDIEU, 1998).

Após uma oração estremecedora, em um volume alto, com um sentimento de entrega gigantesco, ouviram-se inúmeros gritos de palavras de apoio e palavrões. Na sequência das práticas, o técnico Eduardo abriu a porta do vestiário do Mirante, neste momento o silêncio fez-se presente, ao posso que era possível ouvir o barulho das travas das chuteiras tocando o solo, durante o trajeto deles do vestiário até a entrada em campo. Neste momento, iniciava-se o processo de reestabelecimento da ordem, completando a sequência tripartida descrita por Petrognani (2016).

Pode-se aprofundar nesta questão, interpretando o sentido das palavras recitadas no “grito de guerra”. Devido à força dos gritos, mesmo não estando dentro dos vestiários de outros clubes, era possível ouvir através das paredes o que era proferido e, em alguns casos, devido ao fato deste código ser recitado dentro de campo. Embora “padronizados”, devido ao *habitus* futebolístico, algumas diferenças são reveladoras, como se observa a seguir:

O que a gente vai fazer? (porta vós autorizado). Vencer (demais jogadores)

O que a gente vai fazer? Vencer!

O que a gente vai fazer? Vencer!

1, 2, 3... (nome do clube ou abreviação)

Um por todos! Todos por um!

Um por todos! Todos por um!

Um por todos! Todos por um!

1, 2, 3, Mirante.

Quanto aos códigos recitados, o primeiro remete a um objetivo único e claro para o grupo, “vencer”. Em duas ocasiões, ouviu-se este grito. A primeira delas ocorreu dentro de campo, em uma partida do Clube Social Ortodoxo “B”, e a segunda ouviu-se através das paredes do vestiário com Clube Empresa “C”. Em ambos os casos, o objetivo central do vencer, deriva-se de todo o investimento (financeiro e temporal) que estes clubes realizaram para a competição.

Quanto ao segundo, o mais recitado e código do Mirante, “Um por todos! Todos por um!”, que tem sua gênese na obra “Os Três Mosqueteiros”, do escritor francês Alexandre Dumas, busca representar no contexto do Mirante a harmonia e a unidade de pensamento. Desse modo, para os agentes envolvidos, a vitória é importante, mas deve ser relativizada, frente ao desejo de coesão grupal.

Encerrada a partida, ao longo da competição de 2017, os jogadores, dirigentes e familiares (filhos e filhas), realizavam o último ato do rito. Segundo a mesma lógica das descrições de Petrognani (2016, p. 189), este “fechamento” caracterizava-se pela reflexão, pelos elogios “instituintes”, “a oração do Pai Nosso é executada para agradecerem por tudo o que aconteceu durante a partida. A elocução é lenta; não se trata mais de incentivar estados de ânimos alterados, mas, pelo contrário, de restabelecer uma ordem, encerrando as atividades”.

FIGURA 16 – Nesta montagem observa-se duas imagens do encerramento deste rito, nas quais os filhos de alguns jogadores também compõem o círculo, participando da oração e da recitação do código do clube.



FONTE: OS AUTORES.

Neste último ato, geralmente, os agentes instituídos (alguns jogadores, técnico, auxiliares e algumas vezes os veteranos) proferem elogios àqueles jogadores que se destacaram no decorrer da partida. Seja por um gol feito, um passe que deu origem a uma boa jogada, pela marcação feita sobre um jogador de destaque da equipe adversária ou até mesmo por um carrinho visando evitar a saída da bola. Na grande maioria das vezes, o elogio não ocorre pelo êxito, mas pela tentativa, pelo esforço.

Nos espaços de socialização, após as partidas, estes comentários também são realizados, e surtem certo efeito, porém, sempre em grupos menores que se distribuem próximos à churrasqueira, ao bar, ou nas mesas. Desse modo, o elogio ou a crítica (em menor proporção, mas existente) “em público”, perante todo o grupo, torna-se uma ação agregadora

de capital simbólico que, somada a outras ações, fundamenta a instituição ou destituição social de um agente por outro, que...

[...] agindo em seu próprio nome ou em nome de um grupo mais ou menos importante numérica e socialmente, quer transmitir a alguém o significado de que ele possui uma dada qualidade, querendo ao mesmo tempo cobrar de seu interlocutor que se comporte em conformidade com a essência social que lhe é assim atribuída (BOURDIEU, 1998, p. 82).

Vale ressaltar que a instituição através da roda, não se efetiva somente com um elogio solto e não ocorre a todo momento para todos, visto que o cenário deve ser propício e uma série de critérios precisam ser cumpridos, como a autoridade daquele que institui e o reconhecimento do instituído perante seu grupo (BOURDIEU, 1998).

Bourdieu (1998) defende, portanto, que todo ato de instituição é um ato de comunicação, em que alguém é notificado sobre a sua “nova” identidade. No contexto do Mirante, para os jogadores mais jovens, chegados recentemente ao clube, significava passar a fazer parte da “Família”, “Ser Mirante”. Já para os agentes pertencentes à família, o próximo passo viria em longo prazo, com suas instituições ao posto de “veterano”.

Desse modo, ressalta-se a importância de um olhar atento a todas as sutilezas expressas nas práticas e nos discursos do grupo social investigado. Pois, como se pode observar no ritual de preparação para os jogos, até mesmo o mais singelo gesto, possui um sentido e um significado, agregador de poder simbólico a um agente dentro do grupo e também do campo futebolístico amador pontagrossense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação lançou-se na difícil tarefa de analisar a relação das representações sociais, emergentes do processo de aprendizagem da cultura futebolística, com a construção do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube, localizado na cidade de Ponta Grossa - Paraná (2013-2017). A riqueza de todo este processo não se encontrou nos agentes ou na sociedade, mas em suas relações sociais. Porém, como nem todos os agentes possuem o mesmo tempo e as mesmas oportunidades de ganho material e simbólico, tornou-se necessário um olhar particular, nas especificidades de suas trajetórias. Nesse sentido, a etnografia apresentou-se como fundamental para esta compreensão.

Não obstante, um estudo de caráter etnográfico contempla, em seu desenvolvimento, tanto pressupostos metodológicos quanto epistemológicos, os quais devem ser refletidos e compreendidos pelo pesquisador, a fim de justificar suas posições e opções teórico-metodológicas. Para tanto, deve-se considerar as questões discutidas no Capítulo I, sobre as categorias “descrição densa”, “tempo” e “envolvimento”. Uma vez que, não basta uma única descrição densa, ou então uma descrição densa tendenciosa, tampouco três ou quatro anos *in loco* sem o envolvimento necessário para construção de descrições profícuas.

Os caminhos para superar estas questões, não são fáceis, o encontrado neste estudo foi a necessidade de o pesquisador olhar para o objeto de estudo, de modo que se torne possível “ir além do que se vê” ou “ler o que está escrito”. Destarte, é essencial inicialmente um autoconhecimento por parte do investigador, para traçar o melhor plano de ação, considerando o problema de pesquisa, o perfil do grupo investigado e sua postura enquanto pesquisador. Contemplando-se em uma descrição densa os detalhes, os contextos, as emoções, as singularidades, as regras estabelecidas socialmente, os ritos, os acontecimentos-chaves para o pesquisador.

A realização deste processo pode ser compreendida através da superação de camadas de aceitabilidade, onde camada a camada, o pesquisador desvenda novos elementos que simbolizam e estruturam as relações sociais no campo, os quais passavam despercebidos anteriormente, devido ao fato de ele não se dotar dos códigos necessários para aquela leitura. Contudo, muitas vezes independente da quantidade de horas junto ao grupo analisado o pesquisador não consegue superar o estranhamento, porém em outros casos isto é conseguido com grande rapidez, logo, o tempo é um elemento significativo, mas que precisa ser visto como uma variável.

É a partir disto, que se depara com a necessidade de relatar os fatos para além das aparências e, principalmente, sendo o mais isento possível na reconstrução da investigação, o que não significa acreditar na neutralidade, mas sim na necessidade de objetividade na escrita científica. Foi justamente o que se buscou realizar nas discussões das categorias emergentes nesta investigação.

O campo futebolístico amador pontagrossense pode ser compreendido como um espaço de tensões entre valores, sentimentos e visões de mundo, interiorizadas pelos agentes sociais nos diversos campos sociais em que circulam cotidianamente, de acordo com suas posições no mundo social. Estes conflitos emergem, porque, ao adentrarem em um campo de futebol, as disposições de agir, as práticas e as representações sociais dos jogadores, sobre os mais diversos temas que atraíam suas atenções cotidianamente não eram pendurados e deixados dentro dos vestiários. Ao apito inicial de uma partida, os jogadores não se despiam de seus problemas e lutas simbólicas existentes em outros campos.

Não obstante, o inverso também ocorria, pois, assim como uma lesão ocorrida durante o jogo não se curava tão logo o jogador deixasse as barreiras geográficas do campo de futebol. Os valores, os sentimentos, as práticas e as disposições de agir, ensinadas e aprendidas nestes espaços sociais transcendiam ao campo específico e passavam a ser exteriorizadas ou reproduzidas em outras estruturas sociais, como a família, a escola, o trabalho, entre outros. Isto se evidenciou durante as observações participantes nos espaços de sociabilidade, devido a importância atribuída pelos agentes ao futebol.

No decorrer desta análise, foi possível identificar uma dupla relação entre as famílias e o futebol. Os agentes que jogavam devido à identidade com o clube enxergavam o futebol como uma continuidade de suas famílias, outro grupo, porém, formado por jogadores que jogavam devido às relações de amizade, rodas de sociabilidade e ao amor pelo futebol, viam o futebol como produtor de uma segunda família.

Nesta relação com a prática do futebol, ambos os grupos de jogadores atribuíam às competências futebolísticas uma alta valorização, devido à possibilidade de utilizar e “rentabilizar” as competências aprendidas ali, em outros campos sociais. Justificando, assim, os investimentos econômicos e, principalmente, de “tempo” nesta prática. Desse modo, foi possível identificar no Mirante E. C. um imbricamento, por parte de um grupo de jogadores, entre a estrutura familiar e a estrutura do clube. Descrito e expresso na equipe através da metáfora com o casamento, a qual não se tratava de uma simples analogia, mas uma lógica produzida e reproduzida histórica e socialmente pelos agentes sociais ali inseridos.

Em virtude do interesse dos agentes pela valorização de um “futebol familiar”, devido às facilidades que isso proporcionaria nas negociações da economia de tempo com as esposas e filhos, emergia também a necessidade de preservação deste espaço enquanto o “lugar” do Mirante E. C.; ou seja, um espaço em que se valorize a coletividade, as trajetórias dos agentes e do próprio lugar. Para efetivar tal pretensão, as memórias dos veteranos eram centrais no processo de preservação e valorização do clube.

Desse modo, analisou-se que o processo de envelhecimento estava ancorado em valores como a experiência, a sabedoria e o respeito, que contribuíam não só para a existência, mas também para a manutenção de uma representação social positiva sobre o envelhecimento, entendido como um processo de ganho de *status* social e poder simbólico. Pois, tornar-se um veterano significava adentrar a um grupo seletivo de agentes que faziam parte da história do clube que representavam e do futebol na cidade de Ponta Grossa, fato legitimado entre os agentes como um privilégio.

Infere-se, portanto, que, em Ponta Grossa, o futebol apresenta-se como uma manifestação sociocultural, que possibilita tensionar o olhar negativo sobre o processo de envelhecimento e velhice. Atribuindo a estes agentes, através de ancoragens compensatórias (não se tem vigor físico, mas tem-se inteligência) o *status* social que os legitimam como figuras nucleares da existência deste campo.

Não obstante, assim como um casamento só pode ser consagrado por um sacerdote, no caso do catolicismo, não bastava simplesmente a vontade do agente em “casar-se” com o clube, para fazer parte da família e, então, futuramente, tornar-se “veterano”. Era fundamental que o rito de instituição fosse legítimo, assim, partindo do pressuposto de que todo ato de instituição é um ato de comunicação, em que alguém é notificado sobre a sua “nova” identidade. As conversas e discursos performáticos nos momentos de preparação para as partidas ou em agradecimento ao jogo, após seu término, eram os principais espaços de consagração e legitimação social perante o grupo. No contexto do Mirante, para os jogadores mais jovens, chegados recentemente ao clube, significava passar a fazer parte da “Família”, “Ser Mirante”. Já para os agentes pertencentes à família, o próximo passo viria em longo prazo, com suas instituições ao posto de “veterano”.

Por fim, não nos foi possível afirmar que as práticas observadas no campo futebolístico amador pontagrossense eram o próprio *habitus*, sendo exteriorizado em sua generalidade. Todavia, ao analisar as representações sociais destes agentes e grupos neste campo específico, foram identificados princípios geradores e disposições deste *habitus*, expressos através de práticas e representações sociais sobre os objetos significativos para o

campo (como as relações de sociabilidade, as relações familiares, o posto de veterano e a espiritualidade no rito de preparação para os jogos), verificando, deste modo, uma dinâmica relacional entre as representações sociais e a construção do *habitus* dos agentes envolvidos com o campo futebolístico amador de Ponta Grossa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2ª edição, Goiânia, AB, 2000, p. 27-37.
- ABRIC, J. C. Représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, J. C. (Org.). **Pratiques Sociales et Représentations**. Paris: PUF, 1994, p. 59-82.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre, Artmet, 2009.
- ANJOS, José Luiz dos; SANETO, Juliana Guimarães; TAVARES, Otavio Guimarães. Futebol e sociabilidade: faces tradicionais e modernas de um clube de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 107-127, 2012.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 5.ed. Campinas, Papirus, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa, Edições 70, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Bernadetto Vecchi**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- BORGES, Raphael Loureiro. **Corrida de aventura e risco: um estudo etnográfico**. 2007, 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. Londrina, **Revista de Psicologia Social e Institucional**, v.1, n.2, p. 1-6, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Daniela Kein, Gilheme J. F. Teixeira, Porto Alegre, Zouk, 2008a.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Maria Helena Kühner, 11ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quem Dizer**. Sérgio Miceli. 2ª edição. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Algumas propriedades dos campos**. Exposição feita na Ecole Normale Supérieure, em novembro de 1976.
- BOURDIEU, Pierre. A ordem das coisas. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). **A MISÉRIA do mundo**. 3ª edição Petrópolis, Vozes, 1999. p. 81-101.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim, São Paulo, Brasiliense, 2004

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Trad. Sergio Miceli, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 5ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Correa, 9ª edição, Campinas, Papirus, 2008b.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Editores Argentina S.A., 2005.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Trad. Lucy Magalhães, Petrópolis, Vozes, 2003.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções: integração do espaço amazonense através da centralidade subterrânea. Curitiba: **Revista Ra'E Ga**, v. 35, p. 288-313, 2015.

CANAL, Jean-Luc. ; QUINTILLA Caroline. Du mec au joueur . Marseille, **Corps et Culture**, n. 4, 1999, p. 1-11.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo, Contexto, 2011.

CAPESTRANI, Carlos Eduardo. **A festa como transgressão das torcidas organizadas: Uma etnografia da Tricolor Independente**. 2009, 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque. **“Nem tudo que reluz é ouro”**: Histórias de Jogadores de futebol. 2017, 288 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 12ª edição, São Paulo, Cortez, 2007.

CHENA, Daniela Nazaré Cotrim; ORTOLANI, Fátima Pedro Barbosa; MAGALHÃES, Fernanda Guilhermino; WITTER, Carla; RODRIGUES, Graciele Massoli. Envelhecimento e interdisciplinaridade: análise da produção científica da revista estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 883-901, 2015.

COSTA, Filomena Guterres; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Representação Social da Velhice, Exclusão e Práticas Institucionais. **Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas**, v.1, n.1, 2009.

CUNHA, Leonardo Costa da; et. al. Sport Club Barrense: memórias de um clube de futebol amador do município de São José do Norte/RS. Marechal Cândido Rondon, **Espaço Plural**, v.14, n. 29, p. 67-89, 2013.

DAMATTA, R. **Relativizando:** uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

DAMATTA, Roberto et. al. **Universo do Futebol:** Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothèque, 1982.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. Porto Alegre: **Movimento**, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão:** a formação de futebolistas no Brasil e na França. 2005, 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura:** educação física e futebol. Campinas, Editora da Unicamp, Campinas, 3ª edição, 2006.

DEFINO, Ângelo Luiz de Col. **A primeira partida de futebol do Estado do Paraná.** A. de C. Defino, Ponta Grossa, 1ª edição, p.68, 2012.

DOISE, W. Debating social representation. In: BREAKWELL, G. M.; CANTER, D. V. **Empirical approaches to social representations.** Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 157-170.

DOISE, Willem. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.18, n. 1, p. 27-35, 2002.

DOMINGOS, Nuno. **Cultura popular urbana e configurações imperiais.** In Miguel Bandeira Jerónimo (Eds.), O Império colonial em questão (sécs. XIX-XX): poderes, saberes e instituições. Lisboa, Edições 70, p. 391-421, 2012a.

DOMINGOS, Nuno. **Futebol e colonialismo:** corpo e cultura popular em Moçambique. Lisboa, ICS – Imprensa Ciências Sociais, 2012b.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** Martins Fontes, São Paulo, Nacional, 1995.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia.** Lisboa, Edições 70, 2005.

ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael. (Ed.). **Envolvimento e alienação.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998a.

ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael. (Ed.). **Sobre o tempo. Rio de Janeiro:** Jorge Zahar, 1998b.

FREITAS JR, Miguel Archanjo de. **Operário Ferroviário Esporte Clube:** um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná.

2000, 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2000.

GASTALDO, Édison. “**O COMPLÔ DA TORCIDA**”: FUTEBOL E PERFORMANCE MASCULINA EM BARES. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.11, n. 24, p. 107-123, 2005.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas. Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. Rio de Janeiro, **Mana**, v.16, n.2, p. 311-325, 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. Lógicas da emoção. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.18, n.51, p. 1-5, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona, Paidós, 2010.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

GEERTZ, Clifford. **Ritual y cambio social**: un ejemplo javanés. Disponível em: <http://iidypca.homestead.com/FundamentosAntropologia/Geertz_Ritual_y_cambio_social.pdf>. Acesso em: 15/07/2017.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo, 10ª edição, Petrópolis, Vozes, 2002.

GONÇALVES, Alana Mara Alves. **FUTEBOL AMADOR**: Campo Emergente de Sociabilidade, 2002, 98 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

GRILO, Patrícia Medeiros Silva; LOMBARDI JÚNIOR, Império. Maus-tratos a idosos: perfil das vítimas, vínculo com o agressor e atuação dos profissionais. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 611-624, 2015.

GUIMARÃES, Aline Rodrigues. **De profissional a máster**: memórias de jogadores do Clube Esportivo de futebol. 2012, 54 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Manual do Recenseador**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc2601.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2015.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. IN: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro, UERJ, 2001, p. 17-44.

JODELET, Denise. Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 19-26, 2011.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. 10ª edição, São Paulo, Perspectiva, 2011.

LABURTHER-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia-Antropologia**. Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo, Brasiliense, 2007.

LIGA DE FUTEBOL DE PONTA GROSSA. **Regulamento do Campeonato de Futebol Amador de Ponta Grossa – 2016**. Liga de Futebol de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

LIMA, Rita de Cássia Pereira; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Campo e grupo: aproximação conceitual entre Pierre Bourdieu e a teoria moscoviciana das representações sociais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 63-77, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. São Paulo, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n.49, p.11-29, 2002.

MAINARDES, Jefferson. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres. (org). **Pesquisa social: reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa, Todapalavra, 2009.

MAIR, Lucy. **Introdução a antropologia social**. 4ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MARIANTE NETO, Flávio Py. **Da academia de boxe ao boxe da academia: um estudo etnográfico**. 2010, 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Trad. Paulo Neves, São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8ª edição, Petrópolis, Vozes, 2011.

MOTTA, Luciana Branco da; AGUIAR, Adriana Cavalcanti de. Novas competências profissionais em saúde e o envelhecimento populacional brasileiro: integralidade,

interdisciplinaridade e intersetorialidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.12, n.2, p. 363-372, 2007.

MYSKIW, Mauro. Nas controvérsias da várzea: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol na cidade de Porto Alegre. 2012, 415 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445-469, 2014.

NASCIMENTO, Ederson. **Espaço e desigualdades**: mapeamento e análise dinâmica de exclusão/inclusão social na cidade de Ponta Grossa. 2008, 173 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

OLIVEIRA, Allan de Paula. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. Marechal Cândido Rondon, **Espaço Plural**, v.14, n. 29, p. 114-139, 2013.

OLIVEIRA, Edilson. **Futebol, Cultura Popular e Sociabilidade**: Reflexões acerca da influência da Educação Física Escolar na prática do futebol amador em Ponta Grossa. 2015, 68 f. Monografia (Graduação em Educação Física Licenciatura) – Departamento de Educação Física. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Na “periferia” da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. 2010, 201 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

PETROGNANI, Claude. **Futebol e religião no Brasil**: um estudo antropológico do “fechamento”. 2016, 236 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 5ª edição, Lisboa, Gradiva, 2008.

RAMPAZZO, Marcelo. **Skate, uma prática no lazer da juventude**: Um estudo etnográfico. 2012, 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RIBEIRO JR, José Cação. **Futebol Pontagrossense Recortes da História**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004.

RIGO, Luiz Carlos. AMIZADE, PERTENCIMENTO E RELAÇÕES DE PODER NO FUTEBOL DE BAIRRO. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83-98, 2007.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. 2001. 307 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. Porto Alegre, **Movimento**, v.16, n. 3, p. 155-179, 2010.

SANTOS, Edmilson. A representação dos campos de várzea na cidade: um espaço de memória. **História: Questões & Debates**, Editora UFPR, Curitiba, n. 47, p. 203-215, 2007.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

SÁ, Pereira. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 209-229, 2014.

SILVA, Alexsander Batista e; CHAVEIRO, Eguimar Felício. O JOGO DE BOLA: UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL DOS TERRITÓRIOS DOS PELEDEIROS. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2007.

SIMMEL, Georg. “A sociabilidade: Exemplo de Sociologia pura ou formal”, in: Questões fundamentais da Sociologia. Tradução de P. Caldas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006, p. 59-82.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. Porto Alegre, **Movimento**, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, ano. 2, n. 11, p. 1-13, 2012.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista Saúde Pública**. São Paulo. v. 43, n.3, 2009, p. 548 – 554.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

WEBER, M. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensível**. Brasília, Editora da UnB, 2009.

ANEXOS

ANEXO A: PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA.

FACULDADE SANT'ANA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FUTEBOL E SOCIEDADE: NOTAS ETNOGRÁFICAS DOS CAMPEONATOS AMADORES DE PONTA GROSSA-PR

Pesquisador: Miguel Archanjo de Freitas Junior

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 66013317.8.0000.5694

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.005.549

Apresentação do Projeto:

A proposta versa em analisar como as posições e relações destes agentes dentro e fora de campo influenciam sua escolha/seleção pelo clube que representam. Para tanto, optou-se pela realização de um estudo de campo de caráter etnográfico, durante as competições amadoras de futebol de três categorias, fomentadas pela Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), no ano de 2017, na cidade de Ponta Grossa, E.stado do Paraná.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da presente investigação é compreender o processo de estruturação do campo futebolístico de Ponta Grossa e suas lógicas próprias de funcionamento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:]

Pode-se induzir essa pesquisa ao risco mínimo, pois a proposta é de manter, como preconizam as normas, o anonimato do público envolvido, tomando o mesmo cuidado com as entrevistas.

Benefícios:

Trazer um resgate histórico do futebol amador local se caracteriza como ponto forte da pesquisa, uma vez que, nestes fatos, permanecem armazenados os

Endereço: Rua Pinheiro Machado - nº 189

Bairro: CENTRO

CEP: 84.010-310

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3224-0301

E-mail: cep@iessa.edu.br

FACULDADE SANT'ANA



Continuação do Parecer: 2.005.549

costumes e a história da comunidade pontagrossense praticante de futebol.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vejo a referida pesquisa como de grande relevância para a manutenção da história do futebol amador de ponta grossa, hora, conforme a proposta apresentada pelos autores, bem fundamentada em questões sociais e culturais de uma região (baseado na teoria de Pierre Bourdieu), a qual, por história, não tem no futebol de campo uma tradição que impera, fato este que, com a referida pesquisa poderá comprovar a tradição dos Clubes de Bairro e das pessoas que, ainda, persistem em tocar tal agremiações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos que fazem parte do processo de análise estão em conformidade com aquilo que preconizam as regras de avaliação e submissão a este Comitê.

*Salvo o TCLE que segue assinado pelos envolvidos na pesquisa.

Recomendações:

Conforme normatizado, há necessidade de que o TCLE seja encaminhado apenas com as informações necessárias que lhe são pertinentes e, isento de assinaturas, fato que NÃO ocorreu no documento mencionado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No que tange ao desenvolvimento e estratégia metodológica do projeto em análise, o mesmo cumpre com as exigências formais e legais naquilo que se pretende em termos de desenvolvimento do mesmo.

Porém, em conformidade com aquilo que preconiza este Comitê, o TCLE seguiu assinado pelos responsáveis pela pesquisa, fato este que NÃO é indicado que assim ocorra, causando, momentaneamente, pendência para substituição de tal documento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_861106.pdf	03/03/2017 22:29:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Protocolo_de_Pesquisa.pdf	03/03/2017 22:27:58	EDILSON DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_responsabilidade.pdf	03/03/2017 22:26:44	EDILSON DE OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Rua Pinheiro Machado - nº 189

Bairro: CENTRO

CEP: 84.010-310

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3224-0301

E-mail: cep@iessa.edu.br

FACULDADE SANT'ANA



Continuação do Parecer: 2.005.549

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_concentimento.pdf	03/03/2017 22:25:37	EDILSON DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	21/02/2017 13:58:41	EDILSON DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 06 de Abril de 2017

Assinado por:

Analia Maria de Fátima Costa
(Coordenador)

Endereço: Rua Pinheiro Machado - nº 189**Bairro:** CENTRO**CEP:** 84.010-310**UF:** PR**Município:** PONTA GROSSA**Telefone:** (42)3224-0301**E-mail:** cep@iessa.edu.br

ANEXO B: MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UEPG

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 100
Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108 e-mail: seccoep@uegp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você Walmir Augusto Loureiro Ribes, RG: 1604724,
está sendo convidado a participar da pesquisa "**REDESCOBRINDO O SENTIDO DO JOGO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CULTURA FUTEBOLÍSTICA NO MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA-PARANÁ (2013-2017).**" tendo como pesquisador responsável **Miguel Archanjo de Freitas Junior** e como pesquisador participante **Edilson de Oliveira** da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa é interpretar e analisar a relação das representações sociais, emergentes do processo de aprendizagem da cultura futebolística, com a construção do *habitus* dos jogadores do Mirante Esporte Clube, localizado na cidade de Ponta Grossa - Paraná (2013-2017).

O procedimento de coleta de dados utilizado será a etnografia, ou seja, observações participantes durante os dias de jogos e momentos de sociabilidade. Intentando compreender as motivações de seu envolvimento com as atividades do clube e como sua história de vida relaciona-se com o futebol. Solicitamos neste termo a autorização do uso de sua imagem, para fins acadêmicos e de pesquisa, não obstante, ressalta-se que sua identidade será mantida em sigilo. Os dados coletados serão utilizados na construção da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, bem como publicações em periódicos e eventos acadêmicos.

Após as análises você será informado dos resultados da pesquisa. Sua participação é voluntária, portanto não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar. Será garantido o livre acesso a todas as informações e retirada de dúvidas sobre o estudo, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa. Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG:

Miguel Archanjo de Freitas Junior Rua: Fagundes Varela nº 1801 Ponta Grossa /PR	Telefone: (42) 3226-9111
Edilson de Oliveira Rua: Bento do Amaral nº 431 Ponta Grossa /PR	Telefone: (42) 99913-5819
Comitê de Ética em Pesquisa UEPG campus Uvaranas, Bloco M, sala 100	Telefone: (42) 3220-3108

Assinatura do convidado para a pesquisa

Assinatura pesquisador responsável

Assinatura pesquisador participante

Ponta Grossa, 14 de junho de 2018.